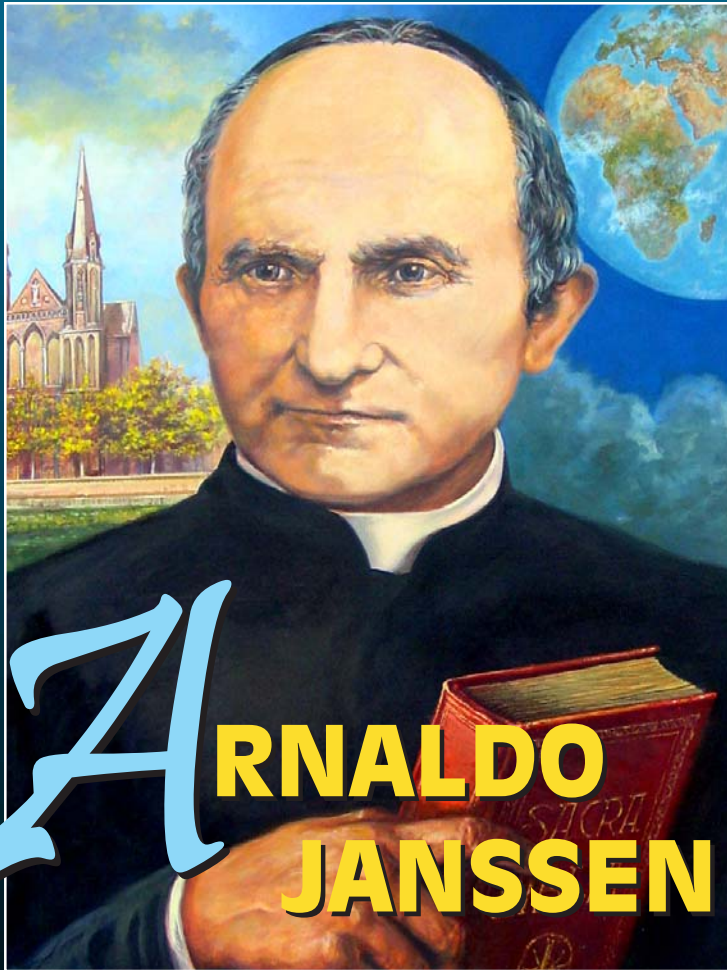


P. Jakob Reuter, svd



Cativado e enviado pelo Espírito

**Cativado e enviado
pelo Espírito**

Cativado e enviado pelo Espírito

ARNALDO JANSSEN

**Cativado e Enviado
pelo Espírito**

Colecção «FUNDADORES»

1. **Paula Frassinetti** – *Mulher para Hoje*
G. Lubiche e P. Lazzarin
2. **Deus responde no deserto** – *Bruno, o Santo da Cartuxa*
G. Papàsogli
3. **Inácio de Loyola** – *Fundador da Companhia de Jesus*
C. Dalmases
4. **Santidade a toda a prova** – *Bento Meni*
Mário Soroldoni
5. **Ana Maria Javouhey** – *Audácia e Génio*
André Merlaud
6. **E continua a amar** – *Maria Josefa Récio*
Mário Soroldoni
7. **Henrique de Ossó** – *A Força do Sacerdócio* (2ª ed.)
Card. Marcelo G. Martin
8. **Amar sempre** – *Vida de Santa Rafaela Maria do S. Coração*
Imaculada Yañez, A.C.I.
9. **Uma Flor na Igreja** – *Madre Trindade*
10. **Mãe de África** – *Vida de Teresa Ledochowska*
M. Winowska
11. **Paula Frassinetti** – *«Em bicos de pés»*
Rosa Rosseto
12. **Audácia e Serviço** – *Vida de Luiza Andaluz*
Dário Pedroso, S.J.
13. **Rasgos Espirituais de Santa Vicenta Maria**
Maria Teresa de J. Canós
14. **Caminho de Amor** – *Vida de Vicenta Maria López y Vicuña*
Concepción Notário, R.M.I.
15. **A Força da Fé** – *Itinerário Espiritual de Luísa Teresa de Montaignac*
Phillipe Ferlay
16. **Em tudo Amar e Servir** – *Vida de Santo Inácio de Loiola*
Dário Pedroso, S.J.
17. **S. João de Deus em verso livre**
Nuno Filipe, O.H.
18. **Uma Vida para a Eucaristia**
José Luis Gutiérrez Garcia
19. **Caminhos do Espírito**
Agostinho de Sá Tavares de Medeiros
20. **Arnaldo Janssen** – *Cativado e Enviado pelo Espírito*
Jakob Reuter, SVD

Jakob Reuter, SVD

ARNALDO JANSSEN

**Cativado e Enviado
pelo Espírito**

EDITORIAL VERBO DIVINO



LIVRARIA A.A.I. - BRAGA

Título original:
VOM GEIST ERFASST UND GESANDT

Tradução:
Irmã Reginfrida Peters, SSpS

Adaptação para Portugal:
José Hipólito Jerónimo, SVD

Capa:
J. Leonel de Sousa, SVD

Fotografias:
Arquivo SVD

Pode imprimir-se:
Manuel Pedrosa Soares, SVD
Provincial

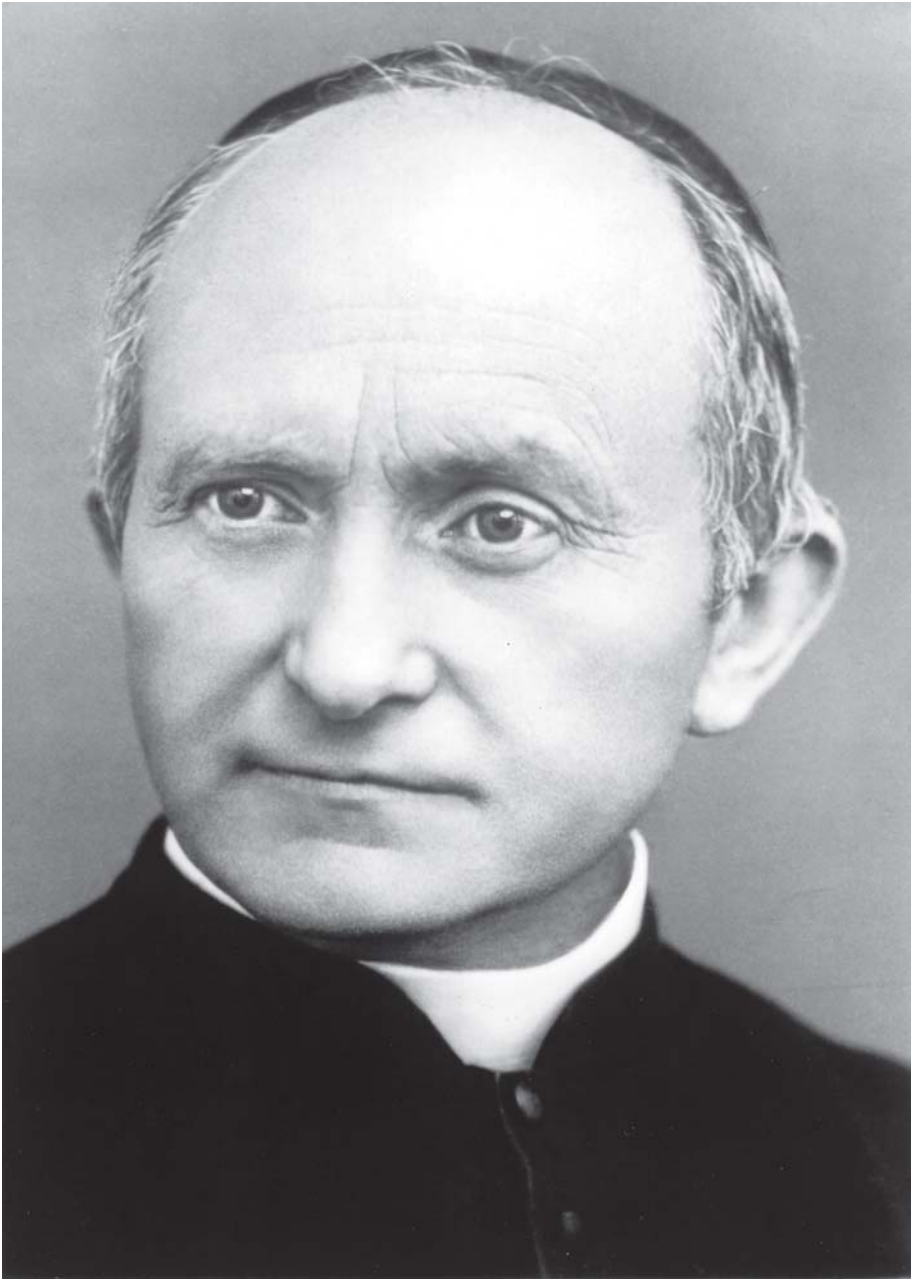
Imprima-se:
Jorge Ferreira da Costa Ortiga
† *Arcebispo Primaz*

Dep. Legal n.º 148929/00
ISBN 972-571-447-4



PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO
Rua S. Tomás de Aquino, 15 – 1600-203 LISBOA

LIVRARIA APOSTOLADO DA IMPRENSA
L. das Teresinhas, 5 – 4714-504 BRAGA – Tel.: 253 201 220; Fax: 253 201 221;
E-mail: livros@snao.pt



Arnaldo Janssen (1890)

Actualidade de Arnaldo Janssen

Celebrou-se no dia 15 de Janeiro de 2009 o 1º centenário da morte de Santo Arnaldo Janssen, sacerdote e religioso alemão, fundador dos Missionários do Verbo Divino (SVD), das Missionárias Servas do Espírito Santo (SSpS) e das Missionárias Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua (SSpSAP).

Num tempo como o nosso em que tudo acontece a uma velocidade espantosa e os factos e notícias da manhã envelhecem com o cair da noite, que sentido faz evocar uma figura de há 100 anos?



Que resta da sua vida e acção, além dos três institutos religiosos missionários por ele fundados e que hoje contam com mais de 10.000 membros, homens e mulheres, a viver e a trabalhar em missão nos cinco continentes do mundo?

Aquilo que define o perfil dum homem ou mulher de qualquer época são as causas que vive, o modo como intui e enfrenta os desafios do seu tempo e as fontes a que vai buscar inspiração e estímulo para a sua vida e acção. Assim sendo, a pergunta que se coloca é a seguinte: as causas pelas quais Arnaldo Janssen viveu e o sentido que imprimiu à sua existência podem ajudar-nos a pensar, viver e agir como homens e mulheres de fé, neste limiar do século XXI?

Arnaldo Janssen (1837-1909) nasceu e viveu na segunda metade do século XIX e início do século XX. A Europa passava então por uma profunda transformação sociopolítica e económica graças à crescente industrialização e urbanismo e à unificação política de países como a Alemanha e a Itália.

Foi num contexto difícil que Arnaldo Janssen iniciou a sua vida de professor e sacerdote na cidade de Bocholt e de responsável do Apostolado da Oração na diocese de Münster. As leis “religiosas” do chanceler prussiano Bismark punham grandes entraves à acção pastoral e doutrinal da Igreja Católica e proibiam a abertura de novos seminários e a criação de novas paróquias. Católicos e protestantes estavam profundamente divididos. Em todo o vasto espaço de língua alemã, não existia um único seminário para formação e envio de missionários para a evangelização dos povos não cristãos.

Arnaldo Janssen, porém, não se resignou perante tal situação. Cedo começou a envidar esforços na esperança de que aparecesse alguém que se animasse a fundar um seminário das missões. Àqueles que lhe lembravam cautelosamente que os tempos não sopravam de feição, Arnaldo respondia: “É quando tudo parece ruir à nossa volta que é preciso levantar algo de novo”. Daí em diante, nunca mais parou até fundar ele próprio um seminário das missões em 1875. Como não o pôde abrir na Alemanha devido à proibição política existente, fundou-o em Steyl, uma pequena povoação holandesa perto da fronteira com a Alemanha.

Arnaldo Janssen viveu para grandes causas. A primeira foi a unidade dos cristãos: “Para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti” (Jo 17, 21). A causa da unidade da Igreja de Cristo continua a ser actual e nenhum cristão consciente se pode alhear dela. Esta causa precisa, aliás, de se transformar num amplo movimento que aproxime, envolva e responsabilize crentes de todas as grandes religiões do mundo. E com que objectivo? Para se conseguir uma grande mobilização ética e moral no combate à pobreza, na promoção da justiça e na defesa do ambiente, isto é, do planeta terra, casa comum de todos nós.

Outra grande causa de Arnaldo Janssen foi a evangelização dos povos não cristãos. Ele levou a sério o mandato missionário de Cristo: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura (Mc 16,15). Este mandato de Cristo é de ontem e de hoje

e, no dia em que o esquecêssemos, deixaríamos de ser verdadeiramente Seus discípulos.

Arnaldo Janssen foi um homem que se esforçou honestamente por auscultar a vontade de Deus e a pôr em prática. Nesta sua busca, deixou-se conduzir pelo Espírito, seguindo o exemplo do próprio Jesus, que “*cheio do Espírito Santo ... foi levado pelo Espírito ao deserto (Lc 4,1)*).

Em jeito de conclusão, parece fazer todo o sentido evocar hoje a figura de Arnaldo Janssen. É certo que são outros os nossos tempos e diferentes as nossas circunstâncias mas as grandes causas de Arnaldo ainda são – e serão sempre – as nossas causas. E, acima de tudo, Cristo, modelo de Arnaldo, permanece o nosso modelo. Portanto, Arnaldo Janssen continua actual e exemplar.

José Hipólito Jerónimo

I

UMA VIDA PARA DEUS

1. UMA PERSONALIDADE MARCANTE

Por volta de 1930, foi pedido aos membros da Congregação do Verbo Divino e das Servas do Espírito Santo, que tinham conhecido pessoalmente Arnaldo Janssen, que escrevessem as suas recordações do Fundador.

O P. Pederö Rösler, missionário na China desde 1889, foi um dos que atenderam esse pedido. Conheceu o Fundador durante os seus anos de aluno e neo-sacerdote em Steyl. Ressaltou o seu marcante testemunho de vida, mas observou que, naqueles anos iniciais, ele tinha sido às vezes brusco e demasiado severo em certas prescrições. O P. Rösler veio a saber depois que alguns missionários não quiseram escrever nenhuma impressão sobre o Fundador para não se verem na contingência de terem de referir algum aspecto menos favorável e edificante. Voltou, então, a escrever para Steyl, para o vice-postulador da causa, o P. Germano Sandkamp: “Não é justo que alguém se negue a comunicar algum traço do Fundador que lhe pareça negativo”. E continuou, citando Skolaster, um biógrafo de santos: “Não queremos ver os santos apenas na sua roupagem domingueira da Graça, mas também na indumentária quotidiana das suas fraquezas humanas. O santo em processo de o ser diz-nos mais do que o santo já consumado” (16.02.1914).

Completando o seu pensamento, o P. Rösler escreveu noutra carta: “Se Santo Inácio de Loyola, apesar do seu temperamento feroso, confirmado pelo jesuíta Pfülf, um dos seus biógrafos, passou nas provas, quer dizer, foi canonizado, também o Bem-aventurado P. Arnaldo tem grandes probabilidades de passar⁸.”

Homens e mulheres à medida de Cristo

As observações do P. Röser exprimem uma verdade de enorme importância para a veneração dos santos. Estes, de facto, não são super-homens nem super-mulheres, mas seres humanos com as suas limitações, fraquezas e mesmo faltas. Tiveram que esforçar-se como todos nós e não conseguiram alcançar tudo o que desejavam. O próprio Arnaldo Janssen escreveu numa das suas cartas ao P. Blum: “As fraquezas humanas tornam o santo ainda mais compreensível e acessível às pessoas de bem”⁹: A esse respeito o Concílio Vaticano II, na Constituição sobre a Igreja, disse algo de essencial: “Deus manifesta aos homens, de forma viva, a Sua presença e o Seu rosto na vida daquelas pessoas que, embora sendo da nossa natureza, se transformaram com maior perfeição na imagem de Cristo” (v. 2 Cor. 2,10)¹⁰. Os santos tornam-se modelos para nós, precisamente, se não passarmos por cima das suas limitações e fraquezas humanas, como tem acontecido lamentavelmente com demasiada frequência, e se conseguirmos apreciar os seus esforços por se assemelharem ao modelo ideal que é Cristo, mesmo não o conseguindo cabalmente. Os ditos “traços humanos” são as limitações e fraquezas, que se manifestam de forma diversa em cada santo, dependendo das diferenças da sua índole e missão e do plano divino na vida de cada um. Uma biografia autêntica procurará ressaltar devidamente os esforços do santo na prática da virtude, sempre segundo o seu carácter e capacidades pessoais. Nisto consiste a santidade própria de cada santo.

Arnaldo Janssen, Fundador da Congregação do Verbo Divino e dos institutos religiosos femininos antes mencionados, não é, para muitos dos seus filhos e filhas espirituais, um modelo de santidade tão atraente como o simpático e amável tirolês S. José Freinademetz, missionário na China. Quem, porém, chega a conhecer mais de perto a vida e a obra de Arnaldo Janssen, não pode deixar de se edificar com a luta assombrosa travada por ele no caminho para a

santidade. Certamente, não se pode passar por cima nem negar nem calar os seus traços de carácter e as suas limitações. Porém, não resta dúvida que a sua profunda entrega a Deus Uno e Trino e o seu enorme esforço para dar cumprimento à grande tarefa que o Senhor lhe confiara revelam traços de autêntica santidade.

Arnaldo Janssen

Arnaldo Janssen nasceu em 5 de Novembro de 1837 em Goch, na Baixa Renânia, Foram seus pais Geraldo Janssen e Ana Catarina Wellesen. O Senhor abençoou o casal com dez filhos, três dos quais faleceram poucos dias após o nascimento. Sobreviveram cinco irmãos e uma irmã de Arnaldo. Contraíram matrimónio a sua irmã Margarida, a mais velha, e os irmãos Geraldo, Pedro e Teodoro. Só Pedro teve filhos. O seu irmão Guilherme tornou-se frade capuchinho passando a chamar-se Frei Junípero. Arnaldo pagou os estudos do irmão mais novo, João, nascido em 15.10.1853. João ingressou na Congregação do Verbo Divino, recém-fundada, já diácono. Como sacerdote, foi um auxiliar valiosíssimo de Arnaldo. Mas morreu em 1898 com apenas 44 anos de idade. Arnaldo, depois de três anos de escola primária (1844-1847) e mais um de preparação numa pequena escola paroquial, recém inaugurada em Goch, foi admitido no colégio diocesano de Gäsdonk, situado na fronteira com a Holanda, a três quilómetros de Goch. Como aluno externo fez o exame final da escola secundária em 1855 em Münster. Embora já tivesse a intenção de ser padre, com 18 anos de idade, era ainda muito novo para entrar no seminário. Por isso, seguindo a sua inclinação natural, optou por estudar matemática e ciências naturais, primeiro em Münster (1855-1857) e depois em Bona (1857-1859). Após conclusão desses estudos, ficou habilitado a ensinar todas as disciplinas do curso secundário. No Verão de 1859, iniciou em Bona o estudo da teologia e, no Outono de 1861, rece-

beu a ordenação sacerdotal na catedral de Münster. Levando em conta a formação recebida pelo neo-sacerdote Janssen, o seu bispo nomeou-o professor do colégio diocesano de Bocholt, na Vestefália, onde exerceu o magistério durante 12 anos, ensinando principalmente matemática e ciências naturais. Durante esse tempo colaborou pastoralmente na paróquia de São Jorge.

A partir de 1865, começou a trabalhar para o *Apostolado da Oração* na diocese de Münster, primeiramente como promotor e, a partir de 1869, como director diocesano. Merecem destaque o seu *Livro de Admissão ao Apostolado da Oração* e o *Pequeno Manual de Oração Comunitária*, obras que difundiu com grande zelo. E, para dispor de mais tempo para esta actividade especificamente sacerdotal e apostólica, em 1873 deixou o cargo de professor e vice-reitor em Bocholt, assumindo o lugar de capelão das religiosas Ursulinas em Kempen.

Em Janeiro de 1874, fundou a revista de cunho popular *Kleiner Herz-Jesu-Bote* (*Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*), destinada a promover tanto as missões no próprio país, como, muito especialmente, as missões estrangeiras, quer dizer, em terras pagãs. Muito em breve Arnaldo Janssen começou a falar na sua revista da necessidade imperiosa de fundar um seminário alemão das missões para a formação de missionários.

Em Maio de 1874, Arnaldo Janssen entrevistou-se com Monsenhor Raimondi, co-fundador do Seminário das Missões de Milão, prefeito apostólico e, pouco depois, bispo de Hong-Kong, que se tinha hospedado na casa do P. Luís von Essen, pároco de Neuwerk, Mönchengladbach. A sugestão de Mons. Raimondi foi que, na falta de outro sacerdote disposto a fundar o tão necessário seminário alemão das missões, ele mesmo o deveria fundar. Este incentivo levou Arnaldo Janssen posteriormente a abrir a Casa Missionária de *São Miguel*, que se tornou a casa mãe da Congregação do Verbo Divino, em 8 de Setembro de 1875, em Steyl, concelho de Tegelen, na Holanda. Apesar dos primeiros seis meses terem sido marcados

por grande pobreza e por um sem número de dificuldades internas, a casa missionária conheceu um inesperado e feliz crescimento. Ano após ano, foi necessário erguer mais um edifício. O número de alunos e aspirantes a irmãos missionários aumentava a tal ponto que, no ano de 1900, a casa já abrigava 650 habitantes, contando mais ou menos com quarenta e cinco sacerdotes, duzentos e noventa irmãos professores e irmãos noviços e quase trezentos e vinte alunos, candidatos ao sacerdócio.

Em tipografia própria editou-se, inicialmente, apenas o *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*. A partir de 1878, seguiram-se-lhe a revista *Stadt Gottes (Cidade de Deus)* e, desde 1880, o calendário de parede *St. Michaelskalender (Calendário de S. Miguel)*.

No Outono de 1877 deu-se início a uma nova actividade: os exercícios espirituais ou retiros que semanalmente atraíam centenas e até milhares de sacerdotes, leigos, tanto homens como mulheres, para alguns dias de reflexão espiritual. Os participantes, por sua vez, ampliavam o círculo de interessados, relatando-lhes a experiência vivida. Mas a grande fama que alcançou o novo seminário das missões ficou a dever-se principalmente às suas revistas que alcançaram grandes tiragens. O *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, intitulado mais tarde *Steyler Missionsbote (Mensageiro Missionário de Steyl)*, contava, em 1909, ano da morte do Fundador, com 41.000 assinantes. A *Stadt Gottes* tinha chegado a 220.000 e o *St. Michaelskalender* aos 655.000, a que se deve acrescentar a edição holandesa com 48.000 assinantes. Mais de 63.600 homens e mulheres, dos quais 6.387 eram sacerdotes e 8.555 professores, participaram em 592 cursos de exercícios espirituais.

A partir de 1888, a Congregação do Verbo Divino abriu casas de formação em Roma (*São Rafael*); em Mödling, Viena (*São Gabriel*); em Nysa, Silésia, hoje Polónia (*Santa Cruz*); no Sarre, Alemanha (*São Wendel*); em Bischofshofen, Salzburgo, Áustria (*São*

Ruperto); e, finalmente, no Verão de 1908, a primeira casa missionária nos Estados Unidos da América do Norte, *St. Mary's (Santa Maria)*, em Techny, Chicago, estado do Illinois. A estas devem acrescentar-se as dezenas de campos de actividade e territórios missionários, assumidos em vida de Arnaldo Janssen, em todos os continentes. Ele próprio enviou mais de 800 missionários (333 sacerdotes, 301 irmãos e 187 irmãs) para a China, Togo, Nova Guiné, hoje Papua Nova Guiné, Japão, Argentina, Brasil, Chile e Paraguai. Foram também enviados missionários para a América do Norte para cuidar pastoralmente da população negra, bastante esquecida nos estados do Sul. À data da sua morte, encontravam-se quase concluídas as negociações para iniciar a actividade nas Filipinas, onde os missionários do Verbo Divino chegaram em 1909.

Arnaldo Janssen reconheceu, desde o início, a importância de contar com a colaboração de religiosas para a obra missionária. Todavia, só em 1889 fundou a congregação das Missionárias Servas do Espírito Santo, que se desenvolveu muito rapidamente. Quando ele faleceu em 1909, as religiosas em votos eram já 450, além de 80 noviças e 30 postulantes. Nessa altura, já trabalhavam lado a lado com os padres e irmãos do Verbo Divino na Argentina, Togo, Nova Guiné, Estados Unidos da América, Brasil, China e Japão.

Uma fundação de religiosas adoradoras contemplativas, já prevista aquando da fundação das Irmãs Missionárias, teve lugar em 1896. O seu desenvolvimento permitiu-lhes continuar como instituto religioso autónomo, com o nome de Congregação das Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. Este instituto contava em 1909 com 30 religiosas, incluindo noviças e postulantes.

Arnaldo Janssen dirigiu a obra missionária, por si fundada e desenvolvida, com o maior esforço e presença pessoal até ao dia em que sofreu um derrame, em fins de Outubro de 1908. Falecido em 15 de Janeiro de 1909, deixou atrás de si a *Obra Missionária de Steyl* que compreende três congregações religiosas. Deixou-as tão solidamente cimentadas que, apesar de graves crises e perdas

peçoais e materiais durante as duas guerras mundiais e a época do nacional-socialismo na Alemanha, puderam continuar a desenvolver-se até hoje.

Arnaldo Janssen: um santo

A vida e a obra de Arnaldo Janssen são tão impressionantes que devemos reconhecer que ele realizou algo de extraordinário. E os resultados da sua actividade despertam tanto maior admiração quanto mais se consideram as claras limitações de aptidões e dotes naturais que, desde jovem, se manifestaram na sua pessoa. No colégio de Gäsdonk teve que repetir o 3º ano devido a lacunas dos anos anteriores, dado que a preparação recebida na escola paroquial de Goch fora insuficiente. Ele mesmo testemunhou várias vezes que teve de fazer grandes esforços nos seus estudos no colégio. Fala disso nas *Reminiscências* ditadas ao P. Reinke em 1899¹¹. Em 1902, disse ao seu secretário, P. Tiago Koch: “Ainda não consigo compreender como foi que me admitiram em Gäsdonk, em 1849, considerando que eu, em conhecimentos, ficava muito atrás dos outros. Nunca brilhei nos estudos, só uma vez mereci uma nota com louvor; mas um prémio, nunca”¹².

Devemos reconhecer, no entanto, os esforços sinceros nos estudos. Conseguiu bons resultados em matemática e ciências naturais e, embora não fosse tão bom em línguas e filologia, pôde, contudo, concluir com êxito o exame final em Münster em 1855 como aluno externo. Conforme o testemunho de alguns ex-alunos seus, em Bocholt não foi um professor brilhante, mas consciencioso e meti-culoso no seu trabalho. De facto, manifestou-se durante toda a vida um pouco complicado e lento no seu trabalho. Prova disso são os comentários negativos de pessoas que o conheceram, referindo-se aos seus planos sobre a fundação de uma casa missionária. Em vários escritos, Arnaldo mostra-se maravilhado com a

grande facilidade e rapidez do P. Nicolau Blum no desempenho do seu trabalho.

Então, diante de tais limitações humanas, como é que se explica que Arnaldo Janssen tenha cumprido a grande tarefa, confiada por Deus, de maneira tão fecunda e tenha levado a cabo a fundação e o desenvolvimento da Obra Missionária de Steyl? Num esforço para tornar mais compreensível a personalidade tão mal compreendida e, contudo, admirada, do Fundador da Obra de Steyl, escreve o P. Germano Fischer: “A chave para entender o carácter de difícil compreensão de Arnaldo Janssen é o seu modo profundamente ascético de pensar e julgar. Tornou-se quase natural para ele encarar com olhos sobrenaturais tudo o que lhe vinha ao encontro”¹³.

De facto, tanto na sua vida pessoal como no seu planeamento e acção, Arnaldo Janssen foi um homem guiado por princípios religiosos profundos; um homem totalmente unido a Deus, inteiramente entregue à vontade divina. Bem podemos afirmar que foi um santo, tal como o confirmou a Igreja através da sua beatificação. E acertado é o título do vídeo do P. João Rzitka, SVD sobre a acção do Fundador de Steyl: *Um homem de fé, um homem de risco (que arriscou)*. Do mesmo modo, o título da breve biografia escrita por Udo Haltermann: *Um homem de fé empreende o seu caminho*¹⁴.

Só um profundo enraizamento na fé tornou possível a acção de Arnaldo Janssen e a sua santificação.

2. REVERÊNCIA DIANTE DE DEUS: HERANÇA DA CASA PATERNA

Por ocasião da festa de despedida de 80 missionários do Verbo Divino, em Agosto de 1927, o núncio apostólico Eugénio Pacelli, mais tarde Pio XII, ressaltou o grande tesouro e a nobreza sobrenatural da vida familiar na Alemanha, no século XIX, época em que decorreu a infância e a adolescência de Arnaldo Janssen, em Goch, Baixa Renânia¹⁵. Era frequente as famílias terem dez ou mais filhos. Os pais educavam-nos na fé para uma vida cristã autêntica através da palavra e do seu próprio exemplo. Uma disciplina severa e uma boa ordem eram coisas incontestáveis. Os condicionalismos económicos da época, muito maiores do que agora, obrigavam a uma vida poupada.

Vida de fé no lar

A família de Geraldo Janssen, na Frauenstrasse de Goch, levava uma vida cristã exemplar. E se recordarmos que havia oito filhos para sustentar e educar, facilmente se conclui que isso não era tarefa simples para o pai de família.

Geraldo Janssen cultivava uma pequena propriedade, na sua maior parte arrendada. Valia-se de dois cavalos para o seu trabalho. Tinha também um pequeno negócio de transportes. Uma ou duas vezes por semana ia com a sua carroça a Nimega, na Holanda, buscar mercadorias provenientes das colónias e levá-las para Geldern ou Straelen.

Era um homem íntegro e piedoso. O seu filho Guilherme (Irmão Junípero, capuchinho) conta-nos: “O nosso pai insistia muito na oração. A sua prece, realizada em comum no início do dia de trabalho, era: “Tudo com Deus Nosso Senhor”. Fazia outro momento de oração na lavoura. E quando, ao entardecer, regressávamos do campo a casa, dizia: “Vamos agora guardar silêncio e rezar. Agradecemos ao Senhor os benefícios que nos concedeu neste dia e reflectamos também sobre os nossos pecados”. À hora do almoço, aos domingos e festas, conversávamos sobre a homilia da missa. O pai interrogava-nos e nós devíamos dizer aquilo de que cada um se lembrava. Uma vez terminado o almoço, lia o Evangelho com a respectiva explicação tirada do manual dos sermões de Goffiné. Também gostava de ler as cartas de São Pedro e algum trecho da vida dos santos. Entretanto, a nossa mãe fiava linho e ouvia-o com prazer”¹⁶. Os filhos gostavam de chamar à sua mãe Ana Catarina “mãe orante”.

Não nos ficou nenhuma fotografia de Geraldo, falecido em 1870. Temos, sim, uma foto muito bela de Ana Catarina que visitou Steyl muitas vezes e só morreu em 1891. Pela sua natural simplicidade e dedicação, realçadas muito especialmente pela sua fé, piedade e condição de dona de casa solícita e exemplar, complementava muito bem o marido Geraldo. Arnaldo escreve sobre ela: “A minha mãe, uma boa mulher.... certamente passou por muitas preocupações e trabalhos com os numerosos filhos que Deus lhe deu. Além disso, tinha de atender à lida da casa, e inclusive de tratar de quatro vacas e de vários porcos com a ajuda de uma única empregada. Foi uma alma orante. Isso manifestou-se principalmente durante a sua viuvez, quando um dos meus irmãos casou e trouxe a sua jovem mulher para o nosso lar, permitindo-lhe, dedicar ainda mais tempo à oração... Os domingos passava-os praticamente na igreja, desde manhã cedo até cerca das 11.30 horas, fazendo uma pausa para ir a casa quebrar o jejum. Da mesma forma, à tarde, das 2 ou 2.30 até cerca das 4.30 ou 5 horas”¹⁷.

O Irmão Junípero conta que, quando o seu pai ou algum dos

irmãos dizia que a mãe tinha demasiadas ocupações e que por isso, com certeza, não lhe sobraria tempo para ir à igreja, ela respondia: “Que estais vós a dizer? Se eu não for à missa, não darei conta do meu trabalho”¹⁸. E Junípero acrescenta: “A nossa mãe tinha particular estima pela bênção do Santíssimo Sacramento. Dizia ela: “Ainda que eu tivesse de andar uma hora para ir à igreja, fá-lo-ia para receber a bênção do Santíssimo”. Eram-lhe familiares numerosos ditos com os quais nos exortava e animava a fazer o bem. Dizia com frequência, por exemplo: “Um linguajar transparente e acções correctas permitem--nos andar pelo país inteiro”; “quem não aprecia o insignificante, sentir-se-á impotente diante do mais importante”; “jejuar de pecados é melhor do que jejuar de pão”; “conforme o que cada um fizer, assim será a recompensa”. Todos os domingos recebia os sacramentos da Penitência e da Eucaristia. Isso, numa época em que muito pouca gente o fazia¹⁹.

Escreve o P. Germano Fischer, na biografia de Arnaldo Janssen, referindo-se à influência dos pais sobre o filho Arnaldo: “Arnaldo herdou o carácter do seu pai com surpreendente fidelidade – aquele seu enfoque certo da vida, a rigorosa disciplina, a inflexibilidade em matéria de princípios, o incansável espírito de trabalho e a profunda religiosidade... encontramos-los reproduzidos em Arnaldo. A sua mãe, entretanto, exerceu uma profunda influência sobre a formação do seu coração e toda a orientação do seu espírito. Essa mulher simples, totalmente voltada para o seu interior, deu-lhe em herança o mundo dos seus sentimentos. Arnaldo foi a cópia da sua mãe, no seu desprendimento pessoal e na perfeição do seu mundo interior²⁰.

Reverência do pai diante de Deus

A herança mais valiosa que Arnaldo Janssen recebeu da casa paterna para a sua vida sacerdotal e, em especial, para a fundação do seu instituto religioso foi uma sólida religiosidade. Esta consistia

essencialmente numa fé viva, acompanhada da convicção inabalável de que Deus é o nosso criador e senhor da nossa vida. Deus Uno e Trino, imensamente excelso, vela sobre a nossa vida. Arnaldo informa-nos, nas suas *Reminiscências* (1899) sobre o modo como o seu pai viveu essa atitude de fé: “O nosso pai participava com grande assiduidade na missa do domingo”. Com efeito, ia duas vezes à igreja da parte da manhã, e de novo à tarde. E se não podia ir nos outros dias da semana, ia sem falta todas as segundas-feiras para implorar a assistência do Espírito Santo para a semana inteira”²².

O Irmão Junípero fala-nos do costume de participar em duas missas ao domingo e numa à segunda-feira: “Além da missa da manhã de domingo, o nosso pai ia sempre à missa cantada. Oferecia-a em honra da Santíssima Trindade para Lhe agradecer todas as graças e benefícios. Honrava de maneira especial o Espírito Santo em cuja honra costumava participar na santa missa às segundas-feiras. Falava--nos com frequência, a nós crianças, com grande entusiasmo sobre a veneração ao Espírito Santo. Relatava-nos como o Espírito Santo derrama a paz nas almas e nas famílias, enche o coração de alegria no serviço de Deus e o impulsiona a realizar toda a boa obra e, finalmente, abençoa os campos e as terras cultivadas. Nós, filhos, olhávamos muito admirados para o nosso pai, enquanto ele nos instruía e animava a honrar o Espírito Santo”²³. Geraldo Janssen falava com a mesma emoção do Verbo Divino, a Palavra de Deus, no prólogo de São João, texto proclamado, ou melhor, rezado na oração da noite da família durante os meses do Inverno e as trovadas de Verão. “O nosso pai – continua Junípero – podia ser muito eloquente ao falar sobre o início do Evangelho de São João. Dizia que era a oração mais eficaz e exercia uma influência muito poderosa diante do bom Deus”²⁴.

Estes e outros relatos demonstram até que ponto aquele homem simples estava consciente da sublime grandeza do Deus Uno e Trino. Isto, por sua vez, fundamentava em Arnaldo uma atitude de profunda reverência para com Deus e, simultaneamente,

a consciência do santo dever de viver em conformidade com a vontade do nosso Deus e Senhor.

Em consonância com a sua reverência perante Deus, em Geraldo Janssen havia, uma grande seriedade e mesmo uma certa rigidez no cumprimento dos deveres e mandamentos de Deus. Escreve Arnaldo, nas suas *Reminiscências* (1899): “Era rigoroso em exigir que a família recebesse os sacramentos com frequência e cumprisse todos os seus deveres cristãos”²⁵. O Irmão Junípero ilustra isto com vários exemplos: “O nosso pai era um homem religioso, mas também um educador exigente. Nós, chegados à idade do discernimento entre o bem e o mal, devíamos obedecer pontualmente. Caso contrário, esperava-nos um castigo da sua parte”²⁶. Mostrava o mesmo rigor ao examinar os filhos sobre o catecismo ou a homilia dominical. Era igualmente exigente consigo mesmo. Nas suas viagens semanais a Nimega, Straelen ou Geldern, vivia frugalmente. É certo que nas paragens pedia um copinho de aguardente para tomar uns goles. Na fronteira pagava conscienciosamente a taxa aduaneira: contrabando não era com ele.

Arnaldo Janssen aprende a mesma reverência diante de Deus

Este rigor paterno, baseado numa convicção profunda do santo temor devido a Deus, não impressionou só Junípero, que fala expressamente dele, mas também Arnaldo. A reverência ante a sublime grandeza de Deus Uno e Trino e, particularmente, ante a maravilhosa acção do Espírito Santo, levou-a Arnaldo consigo para toda a vida.

Um testemunho digno de consideração acerca desse espírito, presente já na juventude de Arnaldo que o fez rezar e ensinar outros a rezar, é a oração da noite que compôs para os seus familiares e foi assumida e rezada por muitos outros parentes. O Superior Geral anotou, em 1906, num exemplar da dita oração: “Esta oração da noite... foi

introduzida por mim na casa paterna como oração comunitária e rezada durante muitos anos... Cinco ou seis dos meus irmãos sabiam-na de cor. E três deles rezavam-na mesmo depois de casados”. Quer a referida oração tenha sido composta pelo estudante de 14 anos em Gäsdonk, isto é, por volta de 1851/1852, quer pelo neo-sacerdote de 24 anos, como o supõe o P. Alberto Röhner, não deixa de ser um documento eloquente da atitude espiritual e orante que animou Arnaldo na sua juventude²⁷. Esta oração ainda não foi publicada no seu todo. O P. Germano Fischer extraiu alguns trechos, particularmente da secção “Preces” para o seu livro *Tempel Gottes seid ihr (Vós sois templo de Deus)*²⁸. O estilo solene de se dirigir à majestade de Deus Uno e Trino, tal como aparece nesta oração da tarde, parece-me tão relevante para o espírito de Arnaldo Janssen nos anos de sua juventude, que gostaria de transcrever partes desse texto.

A oração da noite traz no primeiro parágrafo o título “Louvor e Acção de Graças” e começa com as seguintes palavras bíblicas: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos exércitos, a terra está cheia da Sua glória! Glória seja dada ao Pai! Glória ao Filho! Glória ao Espírito Santo! Amen”. Este louvor repete-se mais duas vezes na primeira parte.

Várias invocações começam com as palavras “Louvado seja Jesus Cristo... Seu santo nome... Deus em Seus Anjos e Santos”. Outra série de invocações é introduzida pelas palavras: “Agradecemos...”, por exemplo, “por todas as graças e privilégios concedidos a Maria no dia de sua Assunção e a todos os Santos”. A seguir diz: “Ofereçamos à Santíssima Trindade o insondável Poder do Pai... a Sabedoria do Filho... e o Amor do Espírito Santo... a Pureza da Mãe de Deus”.

No final do primeiro parágrafo já encontramos as primeiras invocações da *Oração dos quartos de hora*, composta mais tarde: “Senhor Deus, creio em Ti pela veracidade das Tuas palavras – aumenta a minha fé. Espero em Ti pela fidelidade às Tuas promessas – fortalece a minha esperança. Amo-Te pela Tua imensa bondade –

incendeia o meu frio amor”.

Depois da segunda parte, intitulada “Exame de consciência”, vêm as “Súplicas” iniciadas novamente com o tríptico “Santo”. Entre outras, expressam-se as seguintes intenções: “para cumprir sempre a vontade divina”; “para permanecer sempre unidos a Deus”; “para amar somente a Deus”; “para realizar tudo por Deus”; “para reconhecer melhor a vontade divina”.

As “Intercessões”, no quarto parágrafo, contêm a parte das súplicas pelos familiares, amigos e benfeitores, outras pelos diversos grupos e ordens da Igreja e da sociedade. Incluem também a seguinte oração pela unidade dos cristãos separados, digna de consideração para a época: “Senhor Jesus, que antes da Tua paixão suplicaste ao Teu Pai celestial que todos os que se chamam cristãos, segundo o nome do Seu Filho divino, sejam um no reconhecimento da Verdade que nos revelaste pela Tua Igreja e propões à nossa fé, concede-nos reconhecer, professar e enaltecer numa só voz e num só coração o Teu Nome divino, assim como o do Pai e do Espírito Santo, agora e sempre por todos os séculos”.

Aprofundamento do mistério de Deus Uno e Trino

Ao ocupar-se em profundidade das verdades centrais da nossa fé, durante os primeiros anos de sacerdócio em Bocholt, Arnaldo Janssen preparou-se para a tarefa que o Senhor lhe tinha reservado. Era professor do secundário com uma carga horária de 24 aulas semanais e, em determinadas ocasiões, ainda mais. Esforçava-se muito por dar bem as suas aulas e, paralelamente, fazia conferências sobre temas de ciências naturais ou escrevia artigos para revistas especializadas. O seu ministério sacerdotal nos primeiros tempos consistiu na celebração de um certo número de missas, de acordo com as obrigações assumidas. Além disso, ouvia regularmente confissões na paróquia urbana de São Jorge e, por substituição do

pároco, celebrava missa com homilia. Nesse mesmo período de tempo, completou e ampliou os seus conhecimentos de teologia, pois sentia que os seus estudos teológicos, de apenas dois anos, tinham sido algo insuficientes.

Arnaldo Janssen referiu-se a isso numa carta de 12.01.1897, dirigida ao cardeal Mieczyslaw Halka, conde de Ledóchowoski, na qual teve de apresentar a defesa do seu irmão João acusado de emitir opiniões heréticas: “Durante os meus estudos teológicos, segundo o costume na Alemanha daquele tempo, não li os escritos de Santo Tomás, pois, toda a teologia era ensinada em alemão. Mais tarde, porém, nos meus primeiros anos de sacerdócio, quando se me deparou a *Summa Theologica*, apoderou-se de mim tal afecto por São Tomás que não descansei enquanto não estudei quase toda a *Summa*. E, pensar que fiz isso quando o meu horário de aulas, numa escola pública, denominada “liceu científico”, era de 24 horas por semana”²⁹.

Nessa mesma época, também foram publicados os livros do teólogo de Colónia, Matias Scheeben, *As Maravilhas da Graça Divina* (1862) e *Os Mistérios do Cristianismo* (1865). Arnaldo Janssen, que tinha visitado Scheeben várias vezes, leu e estudou principalmente a segunda obra, com imenso interesse, consolidando cada vez mais em si mesmo, o fundamento de profunda reverência e devoção a Deus Uno e Trino, já recebido na casa paterna, através da contemplação dos grandes mistérios da fé. Chama a atenção que tenha recomendado *Os Mistérios do Cristianismo* de Scheeben a leigos com interesses religiosos, “como uma obra sumamente instrutiva para se captar a maravilhosa relação interna das grandes verdades da nossa fé, tanto entre si como com a doutrina da Santíssima Trindade”³⁰.

Em folhetos religiosos e impressos que publicou especialmente para os associados do Apostolado da Oração, tais como o *Livrinho de Admissão ao Apostolado da Oração* (1866) e o *Pequeno Manual para Oração Comunitária* (1871), Janssen recomenda o

mesmo estilo de rezar que encontramos na oração da noite composta por ele na sua juventude.

E, assim, deparam-se-nos repetidas vezes as expressões “A Tua Divina Majestade”, “Senhor Deus Omnipotente” e, novamente, as invocações da futura *Oração dos quartos de hora*.

O Livrinho de Admissão também contém o *Oferecimento de Jesus Crucificado* que, mais tarde, se transformaria nas súplicas da sexta-feira, rezadas durante décadas pelas comunidades de Steyl. As suas três partes iniciam-se com uma fórmula solene. Assim, a primeira: “Adoramos a Deus, nosso Pai Celeste. Senhor, Deus Supremo, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, sois o nosso único soberano. Adoramos a majestade da Vossa paternidade eterna”. Semelhantes são as invocações a “Jesus, o Filho do nosso Pai Celeste” e ao Espírito Santo: “Senhor Deus Supremo, Espírito e dom do Pai e do Filho, sois o nosso único e verdadeiro consolador. Adoramos a santidade da Vossa procedência eterna”. Outros textos do tesouro de orações da Congregação do Verbo Divino revelam o mesmo estilo nas invocações a Deus Uno e Trino. Assim, por exemplo, na oração da manhã: “Adoramos a Vossa onisciência em virtude da qual tudo sabeis,... na Vossa justiça,... na Vossa santidade...”.

O facto de se ocupar mais profundamente da teologia e de se sentir cada vez mais mergulhado na grandeza de Deus, não só marcou progressivamente o estilo de oração de Arnaldo Janssen, como também modificou todo o seu modo de pensar e, finalmente, a sua maneira de agir. Desta contemplação da grandeza do Ser Divino, à luz da fé, resultou esta sua resolução: “Honrarei o Altíssimo, Senhor do Universo e da minha vida e quero servi-Lo, cumprindo a Sua santa vontade”.

Verdade é que Arnaldo Janssen, possuído pela sublime grandeza de Deus, por volta de 1865, começou a tomar outro rumo na sua vida sacerdotal. Para se empenhar numa linha mais sacerdotal e pastoral tornou-se promotor e a seguir director diocesano (1869) do *Apostolado da Oração* em honra do Sagrado Coração de Jesus. A

fim de dedicar-se a tempo inteiro às “grandes intenções do Sagrado Coração de Jesus”, renunciou ao seu lugar de professor em Bocholt e fundou a revista missionária *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*. A sua preocupação em conseguir mais mensageiros da fé, naturais da Alemanha, levou-o finalmente ao reconhecimento da sua vocação: ser fundador de uma congregação missionária.



A mãe: Ana Catarina Wellesen

3. A DECISÃO: DEUS QUER QUE EU FUNDE UM SEMINÁRIO DAS MISSÕES

Corria o mês de Maio de 1874, quando Arnaldo Janssen soube que o missionário Mons. Timoleone Raimondi se encontrava na paróquia de Neuwerk, Mönchengladbach, de visita ao pároco Luís von Essen³¹. Raimondi era prefeito apostólico e, pouco depois, tomou-se vigário apostólico de Hong-Kong.

Luís von Essen era prelado doméstico pontifício, pároco de Neuwerk, e há tempo que pensava fundar um instituto missionário, mas via-se impedido de realizar este projecto devido às leis do *Kulturkampf* (*Luta pela cultura*). O arcebispo de Colónia, com efeito, não queria nem podia libertá-lo do seu cargo paroquial, pois correria o risco de deixar a paróquia vacante.

Foi assim que Arnaldo Janssen partiu para Neuwerk com a intenção de se entrevistar com o referido missionário e pedir-lhe mais informação para a publicar no seu *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*. Naturalmente abordou o motivo da sua profunda preocupação: a falta de um seminário alemão das missões para a formação de missionários. A França já contava com tais casas há muito tempo e o mesmo valia para a Bélgica e até para a Inglaterra, predominantemente anglicana.

No decorrer da conversa, em dado momento, Mons. Raimondi, homem enérgico, replicou-lhe: “Se outros não o fazem, então funde o senhor o tão necessário seminário missionário. E para esse objectivo colabore com o Dr. von Essen”. De repente, Arnaldo Janssen

achava--se diante de um chamamento divino, totalmente inesperado³². A sua primeira reacção, naturalmente, foi um “não” decidido. Fundar pessoalmente um seminário missionário: não, isso não era possível nem nunca o tinha pensado. Lamentou que a sua idade já lhe dificultasse muito ir para as missões. Raimondi, porém, contrapôs dizendo que a pátria também precisava de elementos que, ali mesmo, trabalhassem pelas missões, por exemplo, homens que se pusessem à frente de um seminário missionário.

A proposta de partilhar a fundação com o pároco de Neuwerk não foi do agrado de Arnaldo Janssen, pois percebera, sem o dizer, desde o primeiro contacto com ele, que não se entenderiam bem. Também a ideia de von Essen de dar início à formação de missionários na sua própria casa paroquial lhe pareceu errada por ser muito perigosa.³³

Esforço por reconhecer a vontade de Deus

A intimação de Raimondi, entretanto, tocou no mais fundo de Arnaldo Janssen. Não lhe deu mais descanso de maneira que, no seu íntimo, começou a reflectir se não seria realmente a vontade de Deus que ele próprio iniciasse a fundação. Porque, se o Senhor efectivamente desejava isso, então – não tinha a menor dúvida – ele devia agir. Mas como poderia ele discernir a vontade de Deus? Arnaldo Janssen expressou-se, mais tarde, sobre este assunto em repetidas ocasiões, tanto oralmente como por escrito. Chama a atenção como ele, então, tratando-se da decisão do curso de sua própria vida futura, se atém fielmente aos princípios que mais tarde haveria de defender. Estes princípios de Arnaldo Janssen para o discernimento da vontade de Deus podem-se sintetizar da seguinte maneira:

- 1. Acontece às vezes que Deus nos inspira directamente a Sua vontade e diz o que quer de nós. Assim, explicava**

aos neo-sacerdotes do seminário de São Gabriel/Viena: “quando se tem o desejo de se deixar guiar inteiramente pela santa vontade de Deus e, com frequência se lhe pede luz, Ele mesmo cria em nós um forte impulso interior de agir de determinada maneira e não de outra. Isto acontece, sem dúvida, não poucas vezes, por exemplo, quando jovens, no discernimento da Sua vocação, sentem de repente que uma claridade luminosa lhes indica que caminho devem seguir.

2. As obrigações próprias do nosso estado de vida são um sinal da vontade de Deus para a nossa maneira de agir. Numa das suas conferências, dizia Arnaldo Janssen: “Mediante a vocação, a voz do Senhor fala ao coração humano”³⁴. Nessa linha de pensamento, escreveu numa das suas cartas para a América do Sul: “Cumpra o seu dever e procure assim a vontade de Deus”.³⁵

3. Sinal de autêntico e sábio critério é recorrer ao conselho de outros. Deus ajuda-nos, com efeito, a discernir a Sua vontade através de outras pessoas. O Superior Geral Arnaldo Janssen escreveu em certa ocasião ao P. João Bodems o seguinte: “Posso assegurar-lhe que faço quanto posso para não cair em erros. Para este fim reflecto muito, recolho muitas informações e consulto outras pessoas. É assim que procuro reconhecer a vontade de Deus”.³⁶

4. Para religiosos, a vontade dos superiores é normativa como expressão da vontade de Deus. Contudo, é digna de menção a advertência claríssima que o fundador faz aos superiores, recordando-lhes que não devem, sem mais, considerar as suas próprias opiniões e ordens como se fossem a vontade de Deus. Estabeleceu, com efeito, nos estatutos de 1876: “Se bem que o superior não possa atrever-se a pensar que cada ordem sua esteja em con-

formidade com a vontade divina, “sem dúvida – assim prossegue – é vontade de Deus, de todos os modos, que os seus subordinados lhe obedecem; Deus, na Sua bondade, jamais deixará que eles sofram prejuízo quando se mantêm no caminho da obediência”.³⁷

5. O caminho comum, ou seja, o caminho normal para discernir a vontade de Deus são as circunstâncias em geral, isto é, a situação vigente. Arnaldo Janssen acentuava-o amiúde de modo que se podia deduzir que era, também para ele, o caminho comum para reconhecer o que Deus queria dele. Assim, escreveu certa vez: “A Vontade Divina deduz-se normalmente e, quase de forma exclusiva, das circunstâncias, por exemplo, da disponibilidade do pessoal adequado”³⁸. E por outra vez, escreve: “O que não se pode realizar não é a Vontade de Deus para o Senhor”³⁹. Aos neo-sacerdotes que, na sua maioria, partiriam para as missões, disse: “Quando, na sua missão, tiverem necessidade de construir, comecem sem mais e confiem que o Senhor os ajudará”⁴⁰. Também exortava os superiores que deviam dar os destinos missionários a confrades jovens (o mesmo vale para as irmãs): “A autoridade não se deve exercer segundo a própria vontade, mas segundo o que, de acordo com as circunstâncias, inclinações pessoais e necessidades da missão e de outros lugares de trabalho, se reconheça como sendo a vontade de Deus”⁴¹. Enfim, apesar de todos os esforços sinceros para discernir a vontade de Deus, como aconselhava o Fundador, ele também estava muito consciente de que não é possível reconhecer com certeza absoluta a santa vontade de Deus nesta vida”.⁴²

Interessa-nos, porém, saber como procedeu Arnaldo Janssen naquele Verão de 1874 para discernir claramente se a ordem de Mons. Raimondi (“Funde você próprio a casa missionária!”) era

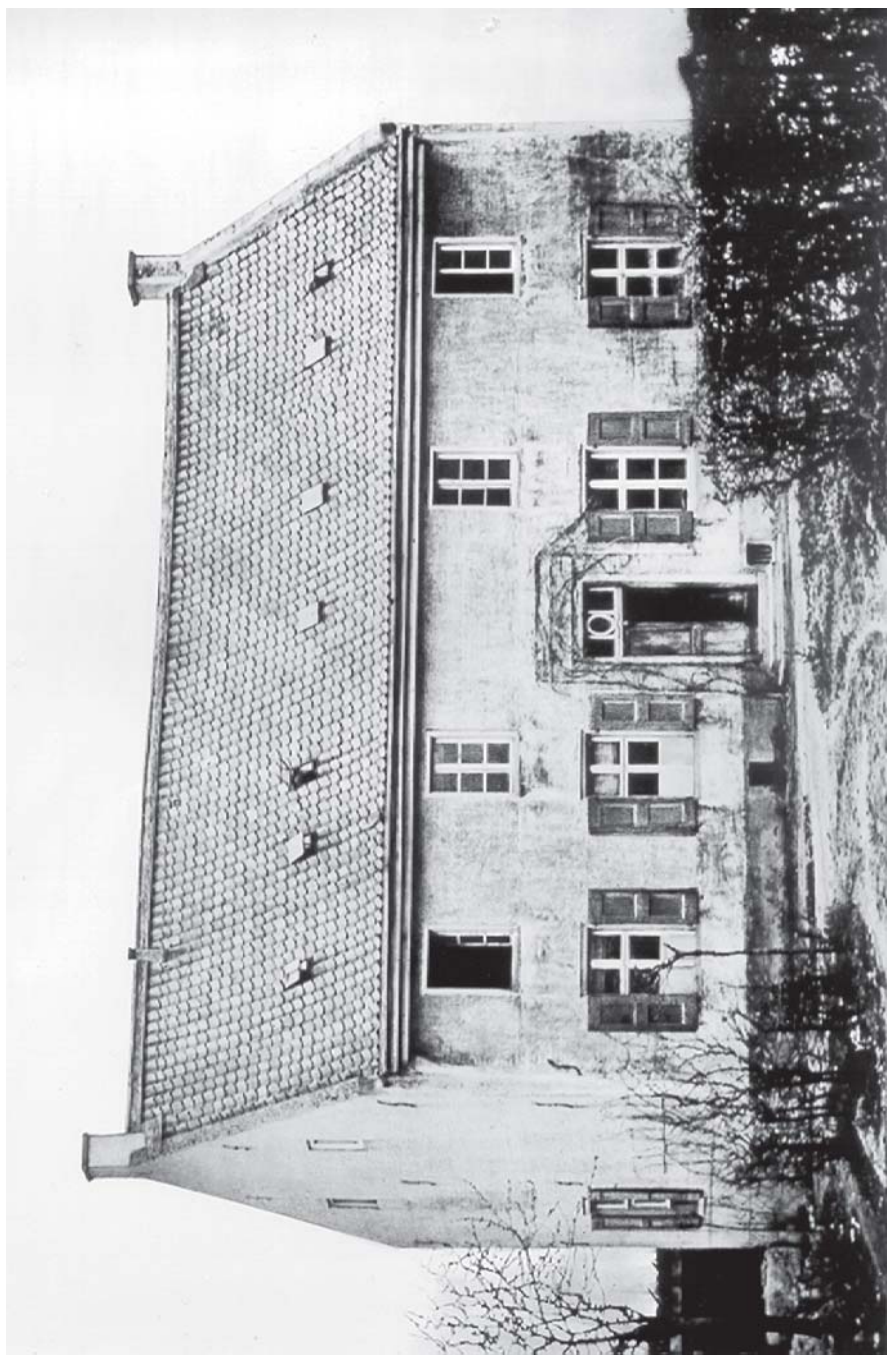
para ele um sinal da vontade de Deus. Contamos a esse respeito com um impressionante testemunho, aparecido na publicação jubilar da Congregação do Verbo Divino no ano de 1900: *Die Missionsgesellschaft von Steyl* (A Congregação Missionária de Steyl).

Este testemunho é tanto mais digno de consideração porque sabemos que Arnaldo Janssen escreveu relatos, alguns muito pormenorizados, sobre a sua vida e a história da fundação. Trata-se das já citadas *Reminiscências*, narradas a Reinke (1899) e publicadas logo de seguida no livro jubilar de 1900. Diz-se aí textualmente: “Somente aos poucos, com muita oração, Arnaldo Janssen se decidiu a empreender a fundação. Acreditou ter de convencer-se que, se já há muito era necessário fundar uma casa de missões para alemães, agora essa obra de Deus se tornava ainda mais urgente.

De facto, os padres recém-ordenados já não conseguiam encontrar trabalho pastoral na Prússia. Por isso, era preciso oferecer-lhes a oportunidade de se dedicarem às missões estrangeiras. Quem, entretanto, devia assumir a nova fundação? Certamente, os pastores de almas em exercício não podiam abandonar os seus campos de trabalho, dado que os seus sucessores não seriam aceites pelo governo”.

Por outro lado, os neo-sacerdotes eram muito jovens para assumirem tamanha responsabilidade. Quem o faria, então? “Tu começaste – disse a si mesmo – a escrever sobre as missões. É bom escrever, mas não basta! Tens que trabalhar também por elas! Age, pois! Compadece-te dessa obra tão necessária. Para ti é claro que, para começar, tens que fundar um seminário menor onde se ensinem os rudimentos do latim e todas as outras disciplinas. Tens a experiência de 12 anos de ensino em todas as disciplinas do secundário. Não podes negar que o teu currículo te assegura bastante preparação para assumir uma tarefa desse género. Reconhece, pois, a vontade de Deus e, com ânimo, põe mãos à obra!”⁴³

Esta resolução, tomada após prolongada vacilação, reflexão e



Primeira casa missionária – Steyl (1875)

oração, mudou todo o curso futuro da vida de Arnaldo Janssen. Com a firme convicção – “Deus quer isto de mim” – e, como se uma grande transformação se tivesse operado nele, iniciou imediatamente os preparativos para a fundação de uma casa missionária.

Em 21 de Setembro de 1874, dirigiu-se para Venlo e Tegelen, na Holanda, localidades fronteiriças, para procurar um local adequado para a fundação da casa missionária. Pouco depois, assinava um contrato provisório de compra da propriedade *de Münt* em Tegelen com direito a rescisão do mesmo por qualquer um dos contratantes, dentro do prazo máximo de seis semanas. Solicitou ao bispo Paredis de Roermond e ao pároco de Tegelen autorização para fundar.

No número de Novembro de 1874 do *Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*, publicou o primeiro artigo sobre a casa das missões que ia fundar e lançou um pedido de ajuda para essa realização. No início de Dezembro empreendeu a primeira viagem de promoção “a fim de angariar dinheiro e colaboradores para a obra”. Em Janeiro de 1875, apareceu um artigo alusivo ao assunto no jornal de Berlim *Germania*, do partido católico do Centro. E, no mesmo mês, Arnaldo Janssen pediu e obteve da parte do seu bispo, Bernardo Brinkmann, de Münster, dispensa dos seus deveres para com a diocese e permissão para se dedicar totalmente à nova obra.

A seguir, iniciou uma série de viagens para visitar bispos. Primeiramente, os da Holanda e depois vários da Alemanha e da Áustria. A outros bispos dirigiu-se por escrito. Apresentava a cada um os seus planos para a fundação de um seminário missionário solicitando a respectiva bênção episcopal. Apesar da sua atitude modesta e de não poder apresentar nem antecedentes nem dotes especiais para uma obra de tal envergadura, em geral, foi bem recebido. Obteve assim 32 recomendações episcopais para a futura fundação.

Reacções decepcionantes

Onde encontrar colaboradores? Na realidade, esta tarefa foi muito menos alentadora, apesar dos frequentes contactos com sacerdotes e, acima de tudo, com seminaristas diocesanos e jovens de outras instituições. Ele esperava conseguir muitos aspirantes para o seminário das missões entre o clero jovem e os de maior idade por causa das dificuldades, criadas pelas leis do *Kulturkampf*, em matéria de provimento de cargos eclesiásticos e particularmente, a demissão deles. Apenas encontrou três e, curiosamente, nenhum da Prússia, o território mais afectado pelo *Kulturkampf*. Foram eles o P. Pedro Bill, pároco luxemburguês, e os seminaristas Francisco Reichart de Voralberg (Áustria) e João Baptista Anzer (Baviera).

Ainda mais desalentador deve ter sido o impacto que lhe causaram os juízos de muitos, especialmente dos seus colegas sacerdotes. Assim, um amigo seu, o vigário Augusto Fuzmann de Kempen, disse-lhe, embora em tom de brincadeira, sem, porém, deixar de causar um efeito preocupante: “Sim avança! Tens vocação para isso porque, primeiro, possuis a teimosia necessária; segundo, tens a piedade exigida e, terceiro, és muito pouco prático”⁴⁴.

O seu irmão Guilherme, Frei Junípero, nas suas andanças de capuchinho mendicante, começou a falar abertamente e com certo orgulho dos planos que o seu irmão tinha de fundar o primeiro seminário das missões para a Alemanha, a Áustria e os Países Baixos. Mas ouvia continuamente, sobretudo da parte do clero, tantos comentários negativos e observações maliciosas a respeito desses planos e da falta de idoneidade do seu irmão, que perdeu a coragem de continuar a divulgar a notícia. Tomou a resolução e escreveu a Arnaldo que renunciasse aos seus planos de fundar o seminário das missões para não se desprestigiar⁴⁵.

Certo pároco, visitado por Arnaldo, relatou a um colega: “O louco Janssen passou por aqui. Dei-lhe 10 marcos para me livrar dele”⁴⁶. De resto, como Superior Geral ainda recordava em 1899 as

peripécias por que passara naquele tempo. “Eu percebi quase de seguida, que, onde quer que chegasse, me olhavam com muita compaixão, como a uma pessoa que sofria sob o efeito de uma mente exaltada”. Inclusivamente, após a inauguração da casa missionária, o pároco Bill comunicara a Arnaldo Janssen em certa ocasião. “Já falei com tantos sacerdotes da Alemanha e Holanda e não encontrei um sequer que tivesse esperanças neste projecto”⁴⁸. O mesmo Bill informa igualmente que, conforme tinha averiguado junto do pároco von Essen, o próprio bispo de Arnaldo Janssen lhe tinha recomendado: “Se deseja lançar este projecto, rodeie-se de conselheiros inteligentes. Caso contrário, cometerá asneiras”⁴⁹. E, ainda segundo Bill, o Dr. Clemens Perger, director do seminário de Gaesdonk, onde o futuro fundador tinha estudado, considerava-o incapaz para um tal projecto, dado que parecia um visionário, desprovido de sentido de ordem e talento organizativo⁵⁰.

Tantos juízos negativos, chegados a seus ouvidos, só podiam fazer desanimar Arnaldo. E, também, já o oprimiam os poucos frutos alcançados na procura de colaboradores. Nas suas *Reminiscências* de 1899, conta-nos até que ponto foi presa desse desânimo: “Em certa ocasião, numa das minhas viagens em busca de colaboradores, entrei em contacto com vários sacerdotes do Luxemburgo, onde também visitei o Sr. bispo Nicolau Adames e, de lá, viajei para Lovaina... Tanto na Universidade como no Colégio Americano, informei-me acerca de estudantes idóneos e com inclinação para se associarem à minha obra sem, de imediato, conseguir nenhum resultado positivo.

Retomei a viagem por Aachen. Em mau estado, anémico e doente, cheguei à minha casa em Kempen onde tive que enfrentar uma forte tentação de abandonar o projecto. Ao mesmo tempo, tinha a convicção, a certeza de que, se a obra fosse de Deus, eu teria necessariamente que passar por muitos sofrimentos. Estive muito perto de abandonar a obra. E se, então, não me tivesse dito a mim mesmo: – ‘És um covarde; estás a agir, contra a vontade de Deus’, – teria renunciado a tudo”⁵¹.

Pouco antes da fundação, já tinha escrito ao pároco Pedro Bill acerca daquela grande tentação de 1874: “Tive os meus momentos de pesadas lutas. Parecia-me que devia deixar-me crucificar, caso realizasse a obra”⁵². Apesar de tudo isso, não se entregou. O seu espírito manteve-se ancorado na vontade de Deus que lhe deu a força necessária para prosseguir com os preparativos para fundação.

Juntamente com o pároco Dr. Luís von Essen escreveu ao arcebispo de Colónia, Paulo Melchior, em Março de 1875, informando-o dos progressos nos preparativos para a fundação. Em lugar da propriedade *de Münt*, que lhe parecia muito cara, adquiriu a hospedaria *Ronk* em Steyl, em frente ao ponto de travessia do rio Mosa. Ao anunciar, porém, na sua revista *o Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, que a inauguração do primeiro seminário ou casa das missões da Alemanha, Áustria e Holanda seria em 8 de Setembro de 1875, experimentou uma nova desilusão e humilhação pública. Com efeito, no número de Agosto da sua revista *St. Josephsblatt (Folha de S. José)*, von Essen referiu-se à inauguração prevista da casa das missões e acrescentou: “A obra é de grande importância e transcendência. Só pode ser dirigida por um sacerdote que se distinga pela sua humildade, ciência, conhecimento do mundo e que conte com a confiança dos seus colegas sacerdotes. A obra, até agora, carece dessa pessoa. Rezemos, pois, para que Deus Nosso Senhor, na Sua misericórdia, Se apresse a enviar a pessoa indicada”⁵³.

Arnaldo Janssen, que tinha comprado a casa e que desejava inaugurar-la e dirigir-la como seminário missionário – o que von Essen muito bem sabia – não era considerado por este o homem indicado. Julgava-o incompetente! O fundador, mesmo assim, convidou o citado pároco e prelado doméstico pontifício a presidir à missa solene do dia da inauguração na igreja paroquial de Steyl. Arnaldo Janssen encarregou-se do sermão festivo que durou nada menos que hora e meia! Nele, algumas passagens aludiram às dificuldades vividas. Mas, entregando-se ao Senhor e à Sua santa vontade, o Fundador virou-

-se para o futuro: “Só Deus sabe se desta casa resultará alguma coisa... Que o Senhor faça connosco o que Lhe aprouver. Se algo de positivo resultar desta casa, agradecê-lo-emos à graça divina. Se o resultado for nulo, bateremos humildemente no peito para reconhecer que não fomos dignos dessa graça”⁵⁴.

Fidelidade à vontade de Deus

As poucas perspectivas de feliz augúrio, que a casa das missões oferecia, bem patentes no próprio dia da inauguração, são-nos referidas por Henrique Erlemann, mais tarde missionário na China, que se encontrava entre os alunos e primeiros moradores da casa. Informa-nos: “Alguns homens da imprensa presentes, ao ouvirem a longa alocução de Arnaldo Janssen, a quem viam pela primeira vez, e ao contemplarem a modesta pousada, sentiram-se tão logrados e mesmo ofendidos por terem sido convidados para uma tal celebração que, logo que esta terminou, se retiraram sem participarem no almoço festivo”⁵⁵.

Que desilusão não deve ter sentido o pobre Fundador ao verificar que a única revista missionária importante da Alemanha: *Die Katholische Mission (A Missão Católica)*, editada até hoje pelos jesuítas, não publicou qualquer notícia sobre o primeiro e único seminário das missões, nem sobre a inauguração nem sobre o seu desenvolvimento, até ao ano de 1879, após o envio dos primeiros missionários do Verbo Divino para a China. E, depois disso, seguiu-se um novo silêncio de cinco anos. E, no entanto, Arnaldo Janssen informava regularmente a redacção da dita revista e enviava-lhe o seu *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*. Talvez não se possa levar a mal a atitude da revista dos jesuítas, se considerarmos que, no seu entender, a casa das missões não teria futuro e que, nesse caso, o melhor seria silenciar sobre a sua existência. O Fundador, acima de tudo, pareceu a muitos uma pessoa incapaz de dirigir e fazer vingar um empreendimento deste género.

Esta apreciação negativa vira-se reforçada para aqueles que duvidavam do êxito da obra, quando as dificuldades, surgidas na Primavera de 1896, levaram ao abandono dos três colaboradores iniciais, considerados co-fundadores pelo próprio reitor da casa. Tais demissões foram em parte motivadas por pontos de vista divergentes quanto aos objectivos e estrutura interna do instituto missionário. Maior, porém, foi a pressão resultante da procedência e dos caracteres de cada um deles. Junte-se a isto a exiguidade do espaço em que devia morar, de forma bastante improvisada, a pequena e pobre comunidade que, além disso, vivia segundo rígidas normas conventuais.

O P. Germano Fischer descreve franca e pormenorizadamente o desenrolar das tensões que culminaram com a saída do clérigo Francisco Reichart e do pároco Pedro Bill e acrescenta no final: “Todos contribuíram diligentemente para construir a cruz que o reitor Janssen havia de carregar”⁵⁶.

Os factos parecem confirmar a impressão de que Janssen, na altura, não soube intermediar adequadamente as opiniões divergentes e assim conseguir superar as diferenças. Inclusivamente, um amigo seu e conselheiro, o professor luxemburguês Domingos Hengesch, insistiu com ele para não tentar impor a sua autoridade nem defender as suas ideias face às divergências de opiniões dos co-fundadores como se fosse o superior formalmente eleito⁵⁷.

Permanece, porém, a verdade que Arnaldo Janssen, na sua qualidade de fundador, possuía um direito especial de defender os seus planos perante os demais, particularmente diante dos dois jovens clérigos. Não se deve esquecer que um deles, Francisco Reichart, representou ao extremo e de modo impertinente e impetuoso o ponto de vista da oposição. O pároco Pedro Bill, por sua vez, procurou utilizar como arma contra Janssen o direito de propriedade da casa que o Fundador lhe tinha entregue irreflectidamente. Resumindo, Arnaldo Janssen sofreu amargamente devido à sua preocupação de dar a estrutura correcta à obra e imprimir-lhe um bom espírito em

obediência à vontade divina.

Os cépticos e críticos, após a retirada de Bill e Reichart, podiam pensar e dizer: “Não tínhamos nós dito que a obra não iria perdurar com Arnaldo Janssen?”. Acontece, porém, que o Fundador até se sentia aliviado, como escreveu ao seu amigo P. Bund SSCC de Lovaina: “O golpe que, alguns meses atrás, teria sido tremendamente duro, agora que aconteceu, libertou-me do peso de uma montanha... Respiro aliviado... *In cruce salus...* na cruz está a salvação”⁵⁸.

Sem negar que Arnaldo Janssen, devido ao seu temperamento, contribuiu para criar as dificuldades de então, devemos acentuar que agiu tendo presente a sua responsabilidade diante de Deus que foi quem lhe confiou tal Fundação. E o Senhor premiou a sua sofrida constância que, aos olhos de outros, parecia teimosia. Precisamente, nessa altura, em 2 de Junho de 1876, em jeito de compensação pela perda dos dois companheiros desistentes, Bill e Reichart, ocorrida no começo de Abril, chegaram João, irmão de Arnaldo, e um seu companheiro de curso, Germano Wegner. Ambos tinham concluído os estudos de teologia em Münster, mas já não puderam ser ordenados ali devido ao encerramento do seminário pelo governo prussiano. Chegaram então a Steyl, receberam pouco depois a ordenação sacerdotal na Baviera e tornaram-se valiosíssimos colaboradores do Fundador.

Com estes e com João Baptista Anzer, que tinha permanecido fiel e fora igualmente ordenado sacerdote, iniciou-se um forte e inesperado desenvolvimento ascendente da casa missionária. A fidelidade à vontade divina, discernida e posta à prova antes e durante a fundação do seminário missionário, no meio de provas tão extraordinárias, continuou a ser para Arnaldo Janssen o fundamento do seu modo de proceder e agir durante todo o desenvolvimento futuro e na direcção da sua obra. Foi um contínuo chamamento à própria santificação, orientado para corresponder da melhor maneira possível à missão que o Senhor lhe tinha confiado.

4. HOMEM CONFIANTE EM DEUS E TRABALHADOR INCANSÁVEL

– Qual o segredo de tanto êxito? O P. Germano Fischer escreve sobre Arnaldo Janssen: “O sucesso primordial da sua fundação apoia-se na sua confiança em Deus”⁵⁹. Devemos acrescentar que foi acompanhado pelo incansável empenho do seu esforço pessoal. Por isso, o P. Fischer tem razão quando, noutra passagem, diz: “Para corresponder à missão da sua vida, reconhecida como vontade de Deus, Arnaldo Janssen empenhou-se com todas as suas energias, inteligência e coração”⁶⁰.

Confiança em Deus

Em fins de Abril de 1876, Arnaldo Janssen tinha superado a dura prova das divergências com os seus primeiros colaboradores. E, pouco depois da partida de Reichart e Bill, recebia o seu irmão João e Germano Wegner como novos colaboradores enviados por Deus. Confortado, experimentou aquela confiança na Divina Providência que muitos biógrafos, tal como Germano Fischer, descrevem como a virtude mais saliente do Fundador de Steyl. De facto, mostrou, então, um espírito empreendedor e um ânimo criativo que surpreenderam a todos.

Em colaboração com João Baptista Anzer, que lhe permaneceu fiel, elaborou de Maio a Junho de 1876 os *Estatutos da Casa Missionária de São Miguel*. Nestes, não se fala apenas de uma casa, mas de uma congregação que havia de chamar-se “**Congregação do Verbo Divino ao serviço do Rei e da Rainha dos**

Anjos”. Em 17 de Agosto daquele ano, Anzer, recém-ordenado dois dias antes, teve a honra de colocar o primeiro tijolo na construção do novo edifício projectado. Apesar de toda a comunidade da casa missionária somar apenas 19 pessoas, a saber, quatro sacerdotes, nove estudantes, duas irmãs da Divina Providência e quatro trabalhadores, Arnaldo Janssen dava assim início à construção da grande casa-mãe, cuja edificação culminaria aproximadamente dez anos mais tarde. Tais eram a energia e a confiança que animavam o Fundador.

Mais tarde, falou e escreveu com frequência sobre este tema, aludindo às convicções que o animavam a começar a obra nos anos iniciais do seminário das missões. Assim, por exemplo, assinalou nas suas *Reminiscências* de 1899: “A primeira construção ensinou-nos uma coisa extraordinariamente importante para o desenvolvimento da obra. Daí em diante, ao projectar uma construção, já não nos perguntávamos se tínhamos dinheiro, mas se era necessária ou não. E, a seguir, confiantes e de bom ânimo, púnhamos mãos à obra, mesmo quando não tínhamos reunido mais do que a décima ou a vigésima parte do dinheiro necessário. E, confiantes em Deus, pudemos completar as construções e saldar as contas sem necessidade de recorrer a empréstimos”⁶¹.

Em termos semelhantes dirigiu-se em 1890 ao P. Becher da Argentina: “Ao dar início às nossas construções, ainda nunca tivemos mais do que a décima parte dos fundos necessários. Temos, porém, seguido adiante, confiantes em Deus. E temos chegado ao fim. Você deverá proceder do mesmo modo”⁶². Passado algum tempo, tornou a infundir ânimo ao P. Becher: “Quanto me alegro que se tenha animado a começar. Não me agrada, porém, que perca noites de sono. Se eu tivesse tido tão pouca confiança em Deus, ter-me-ia desgastado e não teria chegado tão longe”⁶³.

Referindo-se à razão profunda de tal confiança, escreveu ao P. Miguel Colling, superior provincial da Argentina: “Não se deve ser timorato nas coisas que são necessárias, isto é, que Deus deseja. Se

Ele as deseja, ajuda para que se realizem, sempre que pusermos mãos à obra, confiando n'Ele"⁶⁴.

Essa era a confiança que Arnaldo Janssen tinha posto no Senhor. Se Ele manifestava a Sua vontade, como, por exemplo, com o aumento de vocações, o que, por sua vez, exigia maior espaço, o Fundador agia com grande ânimo e firme confiança, dado que Deus se valia das circunstâncias para manifestar a Sua vontade. Por isso, como já se disse acima, ele exortava assim os futuros missionários: "Quando na sua missão houver necessidade de construir, façam-no e confiem que Deus os ajudará"⁶⁵.

Confiança em Deus também nas provas e sofrimentos

Ao considerar a grande confiança na assistência e protecção divinas que animava Arnaldo Janssen e que ele recomendava vivamente aos outros, não se deve esquecer nunca o que ele repetia amiúde: "A Providência Divina não nos tira as dores e dificuldades". Porém, acrescenta: "Ela ajuda-nos sempre nestas circunstâncias e faz com que se cumpram as palavras "para os que amam a Deus, todas as coisas redundam em bem"⁶⁶. E, às suas religiosas na América do Sul, escreveu em 1897: "Como amadas filhas, Deus já lhes mandou alguns sofrimentos – dado que nos fazem falta a nós, pobres criaturas humanas, neste vale de lágrimas – porém, certamente, lhes preparou também momentos de alegria. Aceitemos de Suas mãos ambas as situações com a mesma disposição. Porque... alegrias e dores, a realidade toda, redundam em autêntico bem nosso... Portanto, mantenham a sua confiança filial em Deus"⁶⁷.

Numa carta ao P. José Freinademetz, escrita após sérios distúrbios causados pelos *Boxers* no ano de 1900, está retratada a sua profunda convicção acerca das bênçãos que acompanham os sofrimentos que, de modo algum, devem diminuir a nossa confiança em

Deus, antes pelo contrário, a devem reforçar. “Quanto mais adversas forem as circunstâncias, tanto maior será a nossa confiança em Deus. O senhor sabe quanto São Francisco Xavier valorizava a confiança e quanto a inculcava nos seus missionários. Na realidade, agradeçamos a Deus Nosso Senhor todas as contrariedades e dores porque: como hão-de amadurecer as nossas virtudes se não as acrisola o sofrimento?”⁶⁸

No meio das cruces e aflições que os outros nos causam, não deveríamos esquecer – dizia o Fundador – que é consoladora a certeza de que, no fundo, não nos podem acontecer mais males do que aqueles que Deus permite. Inclusivamente, nos casos em que nós mesmos, ou outros, sem excluir os que nos são caros, temos sido causadores de dificuldades, não nos devemos afligir em excesso ou desanimar, nem deixar que estas nos tirem a confiança. “Não se aflija demasiado – escrevia o Superior Geral ao P. Carlos Degenhardt, do Chile – se, por fraqueza humana, sucede alguma vez algo de penoso em algum lado. Isso também é o Senhor que o permite”⁷⁰. Também nos ajuda a conservar a confiança o facto salientado com frequência por Arnaldo Janssen e tirado da sua própria experiência: “Muitas vezes sucede que aquilo que parecia ser um obstáculo contribui, no entanto, em medida maior para o cumprimento dos santos desígnios de Deus”⁷¹.

As pessoas estranhas à casa quase não se apercebiam como o Superior Geral conservava a sua serena entrega ao Senhor, isto é, a confiança total n’Ele, em horas difíceis e dolorosas, face a desenganos ou hostilidades. Deram-se conta disso, porém, aqueles que o conheciam mais de perto. Assim, por exemplo, escreveu, depois da sua morte, o lazarista P. Fernando Medits que dele se tornou amigo e conselheiro pessoal: “Ao chegar à Áustria (1882) para fundar uma casa, causou-me grande admiração a sua confiança a toda prova na bondade de Deus. Não tinha a quem dirigir-se... Tão pouco tinha dinheiro. Dizia, porém: “Deus providenciará quando tiver chegado a hora”⁷². E o P. António Hilger, que lhe tinha servido de secretário de

1905 a 1907, testemunhou pouco antes da sua morte: “Quando lhe chegavam notícias consternadoras e eu lhe expressava o meu pesar, dizia apenas: ‘Estou acostumado a receber golpes deste género’. Não perdia a serenidade”⁷³.

Decisão cheia de confiança e diligência

A sua profunda confiança em Deus, enraizada na convicção de que cumpria a vontade divina, impelia-o a agir de forma decidida, conduzindo-o ao êxito.

O P. Afonso Văth, jesuíta, exprimiu-se com muito acerto, por ocasião das bodas de ouro da Congregação do Verbo Divino, no ano de 1925, em Steyl: “Arnaldo Janssen parecia carecer de espírito empreendedor. Exacto e metódico, como deve ser todo o matemático, era notadamente cauteloso e hesitante. Possuía, porém, uma qualidade em elevado grau, a qual, na época da fundação, não se projectava para fora, e que, por isso mesmo, não foi levada em conta no seu ambiente. Uma vez que, depois de duras lutas, chegava à convicção de que determinado projecto era desejado por Deus e que a execução lhe cabia a ele, desenvolvia uma confiança inquebrantável no resultado e uma serena convicção a que nada podia opor-se”⁷⁴.

Com o exposto, disse o que não se deve esquecer ao falar da grande confiança em Deus que animava Arnaldo Janssen: “Não só confiava em Deus e orava, sem de resto cruzar os braços, senão que agia segundo o princípio: ‘Feito todo o possível da nossa parte na medida das nossas forças, Deus proverá o resto’. Umhas palavras dirigidas ao P. Colling fazem-se eco disto: ‘Se confiamos em Deus, ponhamos mãos à obra’ – E em 1906 escrevia ao P. José Weber de *Heilig Kreuz* (Santa Cruz), na Polónia: “Quando tivermos feito o que nos compete, podemos confiadamente deixar o resto para Deus Nosso Senhor”⁷⁵. Em termos semelhantes tinha escrito em 1903 aos

seus confrades do Chile: “Quando cumprimos o nosso dever, Deus vem em nosso auxílio e sabe tirar o bem do mal”⁷⁶. Veremos como Arnaldo Janssen agia de acordo com estes princípios. Como bom matemático que era, permaneceu confiante em Deus, e preocupou-se muito em despertar benfeitores para a sua obra, especialmente através das revistas e admissão de milhares de pessoas aos retiros espirituais. Muitas dessas pessoas continuaram ligadas à casa missionária na qualidade de benfeitores. Refira-se também que o crescente número de irmãos missionários, atraídos à sua obra, fez com que fosse possível executar todo o trabalho de imprensa com os seus próprios homens e, mediante o trabalho agrícola e variados ofícios, conseguir a independência económica de todo o complexo de Steyl.

Activo desde a infância e a juventude

Arnaldo trouxe de casa o hábito do trabalho ordenado, cuidadoso e árduo. Foi o que viu e aprendeu dos seus pais e o que decerto fazia já como estudante. Sem possuir dotes invulgares, esforçou-se tanto que, superados os obstáculos iniciais, foi conseguindo bons e até óptimos resultados. Na qualidade de aluno externo, superou bem os exames finais do curso secundário em Münster. Concluiu com êxito os estudos de ciências naturais e física em Münster e também os estudos na universidade de Bona, ficando habilitado como professor do ensino secundário para todas as disciplinas.

Nos seus primeiros anos de sacerdócio, em Bocholt (1861-1873) suportou uma carga horária de 25 e até 30 aulas semanais. Dedicava muito tempo à preparação das aulas para poder ministrar um bom ensino. Paralelamente, ajudava, de bom grado, no trabalho pastoral. Mas tudo isto não bastava para completar o seu duro labor. Sentiu o impulso de fazer mais alguma coisa ao nível da pastoral sacerdotal. Conseguiu-o através do *Apostolado da Oração* que promoveu com extraordinário zelo apostólico. Com o objectivo de ganhar associa-

dos para essa união orante e para a difusão das suas revistas, empreendeu longas viagens, em grande parte a pé, ou de comboio em incómodas carruagens de terceira classe. Assim, visitou a maioria das paróquias da extensa diocese de Münster e distribuiu os seus escritos a centenas de milhares de pessoas.

Horário de trabalho como Superior Geral

Arnaldo Janssen deu provas ainda maiores da sua incansável dedicação e surpreendente capacidade de trabalho, assumindo uma incumbência de vida que parecia superar amplamente as suas forças e capacidades: fundação, desenvolvimento e direcção do seminário e da sua congregação, além das outras duas congregações de religiosas. Sobretudo os primeiros anos em Steyl exigiram-lhe árduos trabalhos, quando ainda pousava sobre os seus ombros a preocupação por todos os assuntos da casa. Ao mesmo tempo, ocupava-se da redacção do *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, aparecido em 1874. Também substituíu o P. Backhuis, pároco de Steyl, que tinha adoecido, e arcava com 20 a 28 aulas semanais.

Com o decorrer dos anos, juntou-se a esses trabalhos a elaboração dos estatutos e das regras, primeiro, para a Congregação do Verbo Divino, depois, para as Irmãs Servas do Espírito Santo. Era grande a sua dedicação a essa tarefa. E esse programa de trabalho foi aumentando com os anos e o rápido crescimento da sua obra. Só em Steyl, orientou construções durante dez anos seguidos. Ao mesmo tempo, foi preciso adquirir sucessivamente terrenos para a pequena ‘povoação’ de casas religiosas que começava a formar-se. E o Fundador preocupava-se pessoalmente com as admissões de numerosos aspirantes a seminaristas, irmãos e clérigos.

As novas fundações constituíram um significativo aumento do volume de trabalho e dificuldades. Quantas viagens Arnaldo teve de

fazer a Viena, a partir de 1882, a fim de negociar com diversas autoridades para poder, finalmente, passados sete anos, abrir o seminário missionário de *São Gabriel*! Como teve de insistir, a partir de 1889-1890, e mesmo lutar, para obter a autorização que lhe permitiria fundar o primeiro seminário na Prússia, *Heilig Kreuz (Santa Cruz)* na Silésia! E, a seguir, que desalentadora foi a recusa da autorização para a fundação em Letmathe, Vestefália, após muitos e esperançosos esforços! As coisas melhoraram, felizmente, em 1898, com a aquisição da propriedade de *St. Wendel* no Sarre, Alemanha. A aceitação de territórios missionários e outros campos de trabalho exigia um acréscimo de averiguações, estudos e negociações com autoridades coloniais, com a cúria romana e as direcções de outros institutos religiosos.

Penosas foram as viagens, ano após ano, particularmente a São Gabriel, mas também a outras casas e, com frequência, a Roma. Nestas ocasiões, procurava visitar numerosas personalidades da vida pública e eclesiástica⁷⁷. Quando se encontrava em Roma, gostava de iniciar o dia com a visita à Basílica de São Pedro, onde visitava muitos túmulos de santos. Logo, porém, punha-se a caminho, o dia todo, para visitar diversas autoridades e pessoas do seu interesse. Quantas vezes teve de esperar longamente ou percorrer o mesmo caminho repetidas vezes! Dado que não existia telefone, era muito difícil combinar qualquer entrevista. Em viagem, aproveitava bem o tempo. Nas suas cartas pode-se ler com frequência que foram escritas “no comboio”, “entre Bona e Colónia”, ou durante uma espera nalguma estação⁷⁸.

Paralelamente à multiplicidade de obrigações mais externas, corria a preocupação do Fundador pelo bem-estar pessoal, humano e religioso da crescente família de padres, irmãos, irmãs e aspirantes. Se consultarmos a sua correspondência, inclusivamente com confrades seus e religiosas em particular, apercebemo-nos muito bem da preocupação que tinha e a responsabilidade que sentia pelos seus filhos e filhas dispersos por todo o mundo. Só o

volume da sua correspondência é digno de registo. Conservam-se mais de cinco mil cartas! Certamente, foram muitas mais.

Os seus secretários deixaram-nos a informação de que não lhe era fácil escrever cartas. E várias vezes, ele mesmo menciona isso. Assim, por exemplo, ao seu irmão João: “Isto de escrever cartas não me flui da pena com facilidade”⁷⁹. E, noutra ocasião, referindo-se ao P. Blum, diz que, para este, escrever cartas era três vezes mais fácil do que para ele. “Ele termina uma carta em um, dois ou três instantes enquanto eu me aflijo muitas vezes por não poder levar a cabo tudo como desejaria”⁸⁰. Contudo, esforçava-se e punha todo o esmero na sua correspondência. Por isso, as cartas de Arnaldo Janssen constituem certamente o seu mais belo legado.

Uma vida rica de sacrifício e generosidade

Arnaldo Janssen sentia o fardo da tarefa que tinha entre as mãos e o volume de trabalho e responsabilidade que esta implicava. Esta tarefa tornava-se-lhe duplamente pesada, não só por trabalhar com meticulosidade, mas também devido a uma certa falta de sentido prático. Escreveu ao P. José Freinademetz em 1902: “Tenho trabalho em excesso e, por isso, quase não consigo escrever aos queridos confrades daí. Lamento-o sinceramente, porém, não tenho outra saída. Apenas posso cumprir com os meus trabalhos. Por favor, desculpe-me”⁸¹. Já, em 1889, escreveu em certa ocasião a todos os confrades, padres e irmãos: “Escrevo-lhes a todos em conjunto, porque me é absolutamente impossível fazê-lo a cada um em particular, visto que estou demasiado atrasado com os meus trabalhos e me assusto ao pensar no que propriamente devia e gostaria de fazer, mas não consigo”⁸². Ao P. Germano auf der Heide confessava: “É uma cruz bem pesada verificar que só com dificuldade se pode dar conta dos trabalhos assumidos”⁸³.

No entanto, continuou no seu esforço. O P. Guilherme Craghs

testemunha: “A ociosidade era-lhe desconhecida. Só obrigado pela necessidade ou doença, se permitia algum descanso”⁸⁴. E quando o P. Heming escreve: “Estava sempre ocupado, de manhã até noite muito alta”⁸⁵, não fez senão confirmar reiteradas observações do próprio Superior nas suas cartas, como por exemplo: “Já são 11.30 h. da noite” ou ainda: “São 12.15 h. da noite”⁸⁶. Às quatro ou quatro e meia levantava-se para estar na igreja entre os primeiros para a oração da manhã da comunidade. Normalmente, já tinha rezado a via-sacra. E, assim, iniciava outro dia, entregando-se com o mesmo fervor à sua tarefa diária.

O que o impelia e animava a viver de tal modo era a convicção de trabalhar para Deus e pelo Seu Reino na terra. Testemunha o P. Carlos Weig: “Nas suas conferências sobre a Paixão de Cristo e sobre a Igreja militante podia-se notar o impulso que sentia de trabalhar sem descanso e sem tréguas noite adentro. E quem se encontrava junto dele, devia fazer outro tanto”⁸⁷. Animava-se a si mesmo, dizendo em certa ocasião: “Ditosos aqueles que não se esquivam de uma vida de mil sacrifícios e privações, a fim de ganhar almas para Cristo”⁸⁸. E noutra ocasião, já próximo dos 70 anos de idade, escreveu: “Como ainda não chegou o momento de descansar, devemos continuar na brecha e seguir trabalhando incansavelmente até que o *Dono da Vinha* nos chame”⁸⁹.

A carga de trabalho e a responsabilidade pela sua obra, iniciada e desenvolvida por encargo divino, foram assumidas pelo Fundador em nome de Deus e confiando na Sua ajuda. Por isso, manteve estreito contacto com Ele na oração. Observava rigorosamente o que tinha introduzido como traço característico da sua comunidade religiosa: cada quarto de hora, interrompia o seu trabalho; por exemplo, ao ditar uma carta, tirava o solidéu da cabeça e rezava a *Oração dos quartos de hora* em companhia dos seus secretários: os breves actos de fé, esperança e caridade, mais a comunhão espiritual, e em especial, a súplica para obter o envio do Espírito Santo: “Envia-nos do Pai o Espírito Santo para que reco-

nheçamos claramente as Suas inspirações e as sigamos com perseverança”. Além disso, realizava todo o seu trabalho diário em íntimo contacto com o Senhor mediante a oração frequente. E junto com os seus, participava nas numerosas práticas de oração comunitária que, para ele, constituíam uma autêntica necessidade para dar cumprimento aos trabalhos que realizava com Deus e para Deus.

Preocupado em manter um genuíno espírito religioso entre padres, irmãos e irmãs missionárias das suas três congregações, sobrecarregados de trabalhos, aumentou o seu próprio labor, dando muitas conferências e principalmente muitos retiros, quase todos dirigidos aos seus confrades e às religiosas.

Em 1887, proferiu uma conferência a sacerdotes em Krefeid. O seu porte exterior, nada atraente, deixou decepcionados a muitos. Um dos sacerdotes, orador consagrado, disse: “E esse quer ser fundador de um instituto religioso? Ele nem sabe falar!” Germano José Schmitz, pároco e mais tarde bispo auxiliar de Colónia, que conhecia bem o Fundador, replicou: “É certo, o senhor Janssen não é orador. Sabe, porém, trabalhar e rezar e isso é suficiente para a sua missão”⁹⁰.

A responsabilidade, diante de Deus, pela obra que lhe fora confiada, impeliu Arnaldo Janssen a um incansável empenho das suas energias e, ao mesmo tempo, conduziu-o a uma estreitíssima união com Deus na oração. Aí radica o êxito do seu labor.

5. CONSCIÊNCIA DA MISSÃO E RESPONSABILIDADE DO SUPERIOR GERAL

Após prolongada reflexão e insistente oração, Arnaldo Janssen chegou à convicção de que Deus queria dele a fundação do seminário das missões. Tanto esta certeza, progressivamente reforçada ao longo dos anos, como o próprio desenvolvimento da sua obra fizeram crescer nele uma profunda consciência da sua missão. Este sentimento foi definindo a sua vida e actuação, muito mais fortemente do que se poderia suspeitar à luz apenas de um conhecimento superficial da sua pessoa e da sua vida.

Consciência da sua missão e responsabilidade

Quem conheceu melhor o Fundador, percebeu muito bem esta sua convicção pessoal. O professor Müls, de Münster, que ensinou teologia nos inícios de Steyl durante vários anos, testemunhou depois da morte do Fundador: “Arnaldo Janssen acreditou em si mesmo; este foi o segredo do seu êxito”⁹¹. O P. Blum, um dos seus colaboradores mais chegados, expressou-se assim com maior clareza: “Arnaldo Janssen teve confiança em si mesmo e acreditou com fé inabalável. Daí, a sua confiança inquebrantável no Senhor”⁹². O P. Germano Fischer, que conheceu muito bem o Fundador, assinala na sua biografia: “Vivia e agia animado de uma fé vigorosa na sua vocação divina”⁹³.

O próprio Superior Geral exprimiu em várias ocasiões a convicção que tinha da sua missão e, em consequência, da sua responsabilidade. Assim, disse em 1902, aos seus neo-sacerdotes: “Deus Nosso Senhor fez-me pai de toda a Congregação. É, pois, obriga-

ção minha promover o bem da mesma”⁹⁴. E, aos professores de São Gabriel, Viena, acentuou: “Como primeiro Superior Geral da Congregação devo procurar discernir claramente os princípios correctos que servirão de norma para o futuro”⁹⁵.

Noutra ocasião, já em 1890, exortava os seus sacerdotes dizendo: “Aonde chegaremos se cada um pode faltar aos exercícios de piedade como e quando lhe apraz? Que sobrarão da nossa observância religiosa ao cabo de alguns anos? Que responsabilidade cairia sobre os meus ombros se deixasse passar as coisas desse modo”⁹⁶? Em carta aos padres Francisco Tollinger e Luís Köster do Brasil, escreve: “Sinto o grande peso da responsabilidade do meu cargo”⁹⁷. E, em termos semelhantes, noutra carta do mesmo dia: “Estou atrelado a um carro muito grande e não posso realizar tudo como desejo”⁹⁸. Exigia obediência dos seus súbditos, sem levar em consideração a pessoa. Ao seu irmão João, que estava à frente da casa de Roma, escreveu em 1888: “Imponho-te como dever de consciência que mantendas a estrita observância doméstica, precisamente agora nos começos”⁹⁹. E ao P. Guilherme Schmidt, que tinha viajado para Paris e Londres, sem a devida autorização, repreendeu-o severamente e acrescentou: “Aonde chegaremos se alguém na Congregação se permite isso sem ser sancionado?”¹⁰⁰ Ao P. Matias Dier, administrador apostólico do Togo, escreveu em 1896: “Fundei a Congregação para ajudar as missões. E o melhor para as missões é entenderem-se bem comigo se sinceramente o desejam. Esse entendimento, porém, não se poderá estabelecer, apesar do dever de observar a obediência religiosa, se se faltar gravemente contra ela em matérias que são evidentes e caem dentro das minhas atribuições”¹⁰¹. E, ao bispo João Baptista Anzer, que era, simultaneamente, superior provincial de Shantung sul, o Superior Geral recordará, em 1896, que é seu dever velar pela unidade entre os missionários e que deverá auto-corrigir-se, e acrescenta: “O meu cargo impõe-me o sagrado dever de fazer-lhe este pedido muito decididamente e realçar a sua absoluta importância para o futuro”¹⁰².

Arnaldo Janssen sentia, de maneira muito particular, o peso da sua responsabilidade em matéria de decisões relativas à admissão e promoção aos votos dos seus confrades e irmãs religiosas. Durante muito tempo, reteve para si a última decisão na admissão e promoção aos votos de confrades jovens e irmãs. O P. Tiago Koch, secretário do Fundador, entre 1901-1903, testemunha a sua preocupação e sentido de responsabilidade nos primeiros destinos de pessoal: “Ao tratar-se da admissão ao noviciado, promoção aos votos ou destino dos neo-sacerdotes, percebia-se nele uma seriedade fora do comum e uma atitude verdadeiramente sobrenatural. Deliberava, perguntava e rezava. E tornava a deliberar, averiguar e rezar. Dava a impressão que assumia exclusivamente sobre si mesmo, para o tempo e a eternidade, a responsabilidade inerente a cada uma dessas decisões”¹⁰³.

Em carta aos conselheiros gerais referiu-se a este tema, dizendo entre outros assuntos: “A selecção dos neo-sacerdotes deve ser fruto de uma cuidadosa deliberação que exige considerar muitas coisas. Para este fim, solicito os pareceres dos padres competentes e do médico. Levo em conta o seu progresso nos estudos em latim, filosofia e teologia; também as suas inclinações e pedidos pessoais, bem como o seu rendimento escolar nas disciplinas opcionais”¹⁰⁴. Do seu empenho aplicado nessas circunstâncias, fala numa conferência aos neo-sacerdotes: “Levo muito a sério o assunto do destino missionário dos neo-sacerdotes. O estudo do que merece ser considerado custa-me muitas horas de dedicação. Pergunto: a que lugar chama Deus a cada um? A que conclusão se chega levando em conta todas as circunstâncias do caso? Que necessidades existem? Que qualidades possui cada um? Que lhe falta ainda? Como se vai desenvolver no futuro?”¹⁰⁵

Ocasionalmente, recorda aos seus confrades como é que chegou ao destino deles. Assim, por exemplo, escreveu aos padres Penners, Porten e Kuitert: “Tendo rezado e mandado rezar a outros, os vossos destinos foram tomadas como se segue...”¹⁰⁶

Autoridade do Fundador e Superior Geral

A cuidadosa e responsável atitude do Fundador e Superior Geral passou despercebida em absoluto: reforçou a autoridade de que já gozava. Escreve o seu biógrafo Germano Fischer: “Esse homem simples irradiava algo que o tornava respeitável e lhe conferia uma autoridade extraordinária”¹⁰⁷. O pároco Kungelmeier, antes Ir. Estanislau de 1883 a 1890, em Steyl e em Roma, fez a seguinte observação: “A sua autoridade, naqueles anos iniciais, era tão grande que nós fazíamos causa comum com ele, sem expectativas especiais quanto à realização dos nossos desejos. Ele estava muito acima de todos nós. Olhávamos para ele com respeito, afecto e admiração”¹⁰⁸. O P. Carlos Friedrich, que conheceu o Superior Geral somente mais tarde (entrou em Steyl em 1895 e foi nomeado procurador geral da congregação, em Roma, em 1906), caracterizou-o assim: “Percebia-se e sentia-se que era uma personalidade muito forte. O seu olhar inteligente e luminoso, a sua dicção precisa, bem articulada e lenta, e a visão ampla do seu espírito impunham-se e concediam-lhe uma autoridade que fazia com que o respeitassem, quer quisessem quer não”¹⁰⁹. Coincide esta apreciação com o parecer do P. António Hilger numa conferência: *Importune, opportune (importuna e oportunamente)*, conseguia que todos aderissem às suas ideias e gozava de soberana autoridade; geralmente era bem sucedido”¹¹⁰.

A credibilidade da sua autoridade, alcançada mediante uma actuação conscientemente responsável, unida a uma grande prudência compreensiva e firmeza tranquila, entende-se através dos princípios mencionados nas suas cartas para a América do Sul: “Estou procedendo, se Deus me ajudar, com certa cautela e lentidão, porém, não vacilarei em tomar medidas decididas”¹¹¹. Nunca seja violento! Quanto mais um súbdito seu faltar contra si, tanto mais a sua autoridade sairá vencedora se conservar a calma, se receber as ofensas com serenidade e esperar o momento oportuno para fazer as devidas advertências”¹¹².

O modo de agir prudente e responsável do Superior Geral vinha acompanhado do exemplo da sua própria vida. Testemunha a esse respeito o P. António Maul (1864-1948): “Ao entrar em Steyl, em 1882, tive logo a impressão de que o P. Arnaldo Janssen, na sua qualidade de fundador de uma congregação missionária, estava animado do sentido do dever que o movia a ter que viver de tal maneira que pudesse servir de exemplo a todos os membros da fundação”¹¹³. Por isso, recusava gozar de privilégios pessoais. Apesar das insistências dos seus conselheiros, renunciou a submeter-se a um tratamento termal em Bad Neuenahr para a diabetes, alegando que, mais tarde, se pediriam tratamentos semelhantes com demasiada facilidade. Também não tirava férias. Só a partir de 1905 se permitiu alguns períodos de descanso em atenção à diabetes, em franco agravamento. Sabia-se muito bem que trabalhava com zelo incomum e aproveitava o tempo ao máximo, sendo “o primeiro no trabalho pela manhã e o último a deitar-se à noite”, como escreve o P. Germano Fischer.

Procura da bênção de Deus para a sua obra

Convencido profundamente de que a sua Fundação era um encargo divino em prol do Reino de Deus na terra, Arnaldo Janssen preocupava-se muito que reinasse um autêntico espírito religioso nas suas comunidades. Nas suas *Reminiscências* confessou: “Sempre considerei, em meu interior, como tarefa primordial, a preocupação pelo desenvolvimento espiritual e vida interior da comunidade. Uma congregação religiosa só pode render alguma coisa se a animar o bom espírito. Só então pode esperar as bênçãos de Deus, só então pode comunicar algo para fora. Por isso, apreciei muito os retiros, os momentos de recolhimento espiritual e as conferências e tenho-me esforçado neste sentido ao máximo das minhas possibilidades”¹¹⁴.

Sabendo muito bem que não era bom orador e por se ter dedicado pouco a dar conferências de conteúdo religioso, procurou

aprimorar-se nesta área, tomando, por exemplo, como modelo, o P. Inácio Jeiler, franciscano, que pregava retiros em Steyl. E escreveu depois: “Alegrei-me sobremaneira quando, finalmente, pude fazer as conferências num retiro. Aproveitei-as para trabalhar pela boa observância regular”¹¹⁵.

Nos anos que se seguiram, segundo os cálculos do P. Alberto Rohner, pregou uns 120 retiros, quase todos para membros das suas congregações, além de centenas de conferências e práticas de conteúdo religioso.

Insistia, incansavelmente, com os superiores das diversas casas e países que se preocupassem com a prática da vida interior nas suas respectivas comunidades e que, eles próprios ou através de outros, cuidassem das recolecções e exercícios espirituais na forma prescrita. Aqui, ficam alguns exemplos. Em 1897 escreveu ao bispo João Baptista Anzer, Superior Provincial até 1900: “É absolutamente necessário preocupar-se com a realização de bons retiros anuais e que todos participem neles. Também são importantes as práticas, conferências, recolecções e entrevistas pessoais”¹¹⁶.

Escreveu várias vezes sobre este tema ao Superior Provincial da Argentina, o P. Miguel Colling, insistindo que providenciasse retiros comunitários para todos os confrades por mais difícil que isso fosse”¹¹⁷. Em 1906 dirigiu uma circular a todos os superiores das casas europeias sobre os retiros anuais, principalmente os dos sacerdotes¹¹⁸. Ainda no último mês, antes do ataque de apoplexia em 1908, que paralisou a sua actividade, deu conferências aos sacerdotes de Steyl sobre o bom aproveitamento dos retiros anuais¹¹⁹. As diversas constituições SVD prescreviam, com muita clareza e insistência, os exercícios e práticas destinados a promover o bom espírito religioso e comunitário.

Essas prescrições e exortações eram acompanhadas da oração pessoal do Fundador pelos seus, particularmente pelo bom espírito das suas comunidades. No seu diário de viagem *Memoriale M* anotou o propósito de celebrar, na sua viagem anual a São Gabriel (Viena)

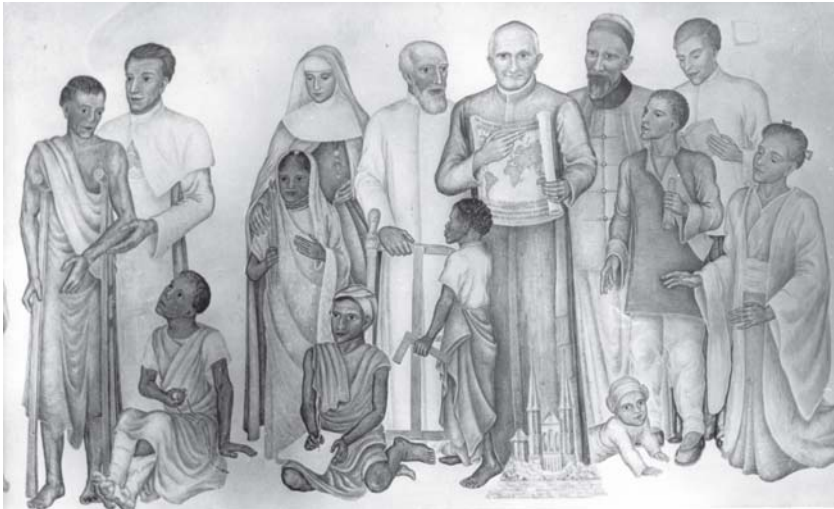
sete missas na igreja do Espírito Santo por sete intenções especiais, sendo a primeira como “sacrifício impetratório pelos seus súbditos, para que adquirissem um espírito dócil e virtuoso”¹²⁰. No mesmo diário tinha anotado: “antes da ordenação dos nossos seminaristas ao sacerdócio, proponho-me o seguinte: a) nos sete dias anteriores, rezarei durante a santa missa a fim de obter para eles os sete dons da graça e exortá-los-ei a que eles próprios os peçam também; b) oferecerei por eles, nos últimos três dias, os méritos de Jesus e Maria, a Imaculada Esposa do Espírito Santo”. Além disso, desejava implorar do Espírito Santo, pela intercessão dos três arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, a perfeita caridade apostólica, a fortaleza e as luzes do Espírito Santo¹²¹.

Através dos secretários de Arnaldo Janssen, sabemos do seu costume de rezar por aqueles a quem escrevia, especialmente quando tratava de algum tema difícil ou importante ou quando tinha que lhes dizer algo de desagradável. Muitas vezes foi visto prostrado em oração diante do sacrário, a horas tardias ou durante a noite. Certamente rezava pelas necessidades das suas comunidades ou por determinados confrades ou irmãs religiosas, a quem recomendava de coração ao Senhor.

Do mesmo modo que durante os anos da sua actividade em prol do Apostolado da Oração já havia praticado e recomendado a oração de petição, assim, Arnaldo, como Superior Geral, quis que nas suas comunidades se rezasse, para que, mediante a oração, fossem imploradas as bênçãos divinas sobre as actividades e para a conservação do bom espírito na vida das comunidades. Assim, já nas primeiras edições do *Pequeno Manual de Oração*, intitulado *Vademecum*, se encontram belos textos de orações intercessórias, como por exemplo, “por todas as necessidades da Congregação e dos seus Superiores, especialmente pelo Superior Geral” (*Vademecum* de 1887); “por todos os missionários e pelos cristãos e catecúmenos das nossas missões”; “por todos os nossos confrades ausentes: ... abençoai-os, ó Senhor, nos seus trabalhos e protegei-os nas suas

viagens, em todos os lugares e em todas as vicissitudes da vida”; “pelos candidatos ao estado sacerdotal e religioso...” A grande comunidade de Steyl acompanhava com a sua oração, especialmente com frequentes adorações nocturnas do SS.mo Sacramento, a missão da China, tão afligida antes e por volta de 1900. Com os seus e com a sua oração pessoal, Arnaldo Janssen implorava a bênção do Altíssimo em favor do seu trabalho e do trabalho dos seus, também porque estava consciente da sua grande responsabilidade diante de Deus pela obra que lhe tinha sido confiada.

A inscrição da lápide sepulcral na capela do cemitério de Steyl e do sarcófago da igreja de baixo, onde actualmente repousam os seus restos mortais, expressam bem o que Arnaldo Janssen queria ser e realmente foi para os seus filhos e filhas espirituais: PATER – DUX – FUNDATOR (*Pai – Guia – Fundador*), quer dizer, um pai solícito pelo bem de cada um, um guia e condutor consciente da sua responsabilidade e missão, funções para que Deus o tinha chamado como fundador de três congregações religiosas missionárias.



6. HUMILDADE DE ARNALDO JANSSEN

Quando o pároco Dr. António Luís von Essen afirmou, no número de Agosto de 1875 da sua revista *St. Josephs-Bote (Mensageiro de S. José)*, que ainda faltava um homem de grande humildade para a direcção do projectado seminário das missões, estava de facto a negar tal condição a Arnaldo Janssen. E repetiu este reparo na Primavera de 1876 ao cortar relações com o Fundador e escrever que a fundação da casa missionária se realizou sem humildade¹²².

Essa afirmação confronta-se com a opinião de Arnaldo Janssen de que o P. Luís von Essen seria vaidoso. Com efeito, nas suas *Reminiscências* (1899), encontramos a seguinte observação ao referir-se ao seu encontro com Mons. Raimondi em Neuwerk: *Inter parietes* (literalmente, *entre quatro paredes*; o que certamente quer dizer “entre nós”). “Não quis associar-me ao Dr. von Essen. E disse-o abertamente. Ele insistiu comigo e quis saber a razão da minha recusa. Após alguma hesitação, disse-lhe: “Quero dizer-lhe a verdade: o senhor é vaidoso”. O Dr. von Essen era prelado doméstico de sua Santidade e todos percebiam bem quanto se esmerava por fazer valer tal prerrogativa em toda a parte”¹²³.

Vamos tentar compreender um pouco melhor estas duas personalidades, cujos juízos a respeito um do outro acabámos de ouvir, para depois apreciar o modo como Arnaldo Janssen praticou a virtude cristã da humildade.

Personalidades diferentes que se não entendiam

Quando Arnaldo Janssen se encontrou com Mons. Raimondi na residência do pároco von Essen, conheceram-se estes dois homens, que iniciaram ali uma colaboração de quase dois anos, de Maio de 1874 a Março de 1876. Difícil desde o começo, essa colaboração desfez-se pouco depois, devido às grandes diferenças entre duas meritórias personalidades que não conseguiram entender-se.

O Dr. António Luís von Essen, nascido em Krefeld a 3 de Novembro de 1830, fora ordenado sacerdote em Colónia em 1854 e dedicou-se inicialmente ao ensino. Depois trabalhou dois anos em Roma como educador numa família de príncipes. Em seguida foi pároco em Afden (1864-1868) e em Malmedy (1868-1871). Foi então que decidiu “retirar-se do mundo e entrar num mosteiro”. Ingressou nos Premonstratenses de Tongerlo (Bélgica), onde iniciou o postulante, e, um mês depois, o noviciado, em 11 de Julho de 1871. Mas, passado outro mês, saiu do mosteiro.

Em Janeiro de 1872, assumiu a paróquia de Neuwerk, trabalho que desempenhou, segundo muitas testemunhas, com grande zelo, até ao dia da sua morte em 6 de Janeiro de 1886. Pouco antes, tinha solicitado ao seu arcebispo que o dispensasse do encargo paroquial, a fim de entrar novamente num mosteiro. Consta que não foi só um pároco zeloso mas também um sacerdote exemplar. Confirmam-no, entre outros aspectos, a sua vida desapegada e simples que lhe permitiu ser muito generoso com os pobres. “Quase não havia uma casa na extensa paróquia – disse uma testemunha – em que não entrasse sem sair como amigo paternal e desinteressado benfeitor”¹²⁴. Além dos seus esforços e interesse pela fundação de uma casa missionária alemã, conforme sabemos da história da Fundação de Steyl e da vida de Arnaldo Janssen, prestou ajuda e conselho na fundação das Salvatorianas da B. Maria dos Apóstolos (Teresa von Wüllenweber).

Torna-se mais fácil compreender o carácter e a atitude do

pároco von Essen, se se considerar que era um homem muito capaz, doutor em teologia, prelado doméstico papal e cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro. Pessoa muito viajada e dominando vários idiomas, escrevia ao Abade de Tongerlo, antes do seu ingresso naquele mosteiro premonstratense em 1871, algo que caracterizava o seu modo de ser: “Mais tarde lhe poderei contar tudo o que tenho visto. Estive três vezes na Inglaterra, três vezes na Áustria e viajei três vezes por toda a França. Em 1861 estive na Espanha. Conheço a Itália, inclusive todos os seus dialectos. Fui à Grécia, Turquia, Palestina, África, etc. Domino bastante bem 12 idiomas, a saber, além da minha língua materna, o francês, italiano, inglês, latim, grego, hebraico, sírio e árabe. Sei alguma coisa de castelhano, polaco e holandês”¹²⁵.

Não é, pois, de estranhar que, uma pessoa tão bem dotada, com vivências tão variadas, se tenha contagiado de certa vaidade que von Essen demonstrava visivelmente. Mas, designá-lo por isso de orgulhoso, rejeitá-lo por isso e excluí-lo seria errado e injusto. E isso Arnaldo Janssen também não fez. Podemos compreender que a atitude do pároco, já no primeiro encontro, não lhe tenha agradado. É certo que tão pouco chegou a conhecer-lhe bem todas as facetas para poder emitir um juízo mais positivo sobre a sua pessoa. O Dr. von Essen não se enquadrava com ele, o matemático totalmente diferente. Além disso, a sua vaidade era particularmente antipática ao Fundador de Steyl.

Seria errado julgar von Essen só pela negativa devido ao facto de o conhecermos quase exclusivamente através das suas dificuldades com Arnaldo Janssen. Por isso é louvável que já o P. Germano Fischer, na sua biografia de Arnaldo Janssen ressalte, de forma muito positiva, os méritos do pároco¹²⁶. Isso é ainda mais evidente na exposição que o P. Frederico Bornemann faz da sua vida e obra na publicação *Der Pfarrer von Neuwerk Dr. Ludwig von Essen (+ 1886) und seine Missionspläne (O pároco de Neuwerk Dr. Luís von Essen e os seus projectos missionários)*¹²⁷. Também não seria justo formar uma ideia desajustada de von Essen pela apresentação

um tanto unilateral do filme *Das Wagnis des Arnaldo Janssen (A aventura de Arnaldo Janssen)*.

Arnaldo Janssen, inimigo da vaidade

Aquilo que Arnaldo Janssen reprovava no pároco von Essen, a vaidade, era algo que o contrariava realmente. Dado que não possuía os brilhantes dotes nem os conhecimentos e experiências impressionantes do pároco, não trouxera da sua família condicionamentos nem tentação para a vaidade, também, ao experimentar grandes sucessos na sua obra, não procurava reconhecimento nem louvores. Pelo contrário, se alguém começava a salientar os seus méritos, rejeitava isso com veemência. O P. José Büttgens, com a memória ainda bem viva (tinha sido secretário de Arnaldo Janssen entre 1905 e 1907), escreveu pouco depois da morte do Fundador: “Eu gozava cada vez que lhe tributavam algum elogio. Divertia-me vendo como se lhe enrugava a testa, como se sentia incomodado e se movia de um para outro lado e o rejeitava com as mãos, enquanto repetia uma e outra vez: ‘Ah!, não, não. Está a exagerar’, e como se esforçava por mudar de assunto”¹²⁸.

Em certa ocasião, um advogado holandês quis arrancar-lhe uma resposta afirmativa num assunto jurídico, resposta essa que o superior não estava disposto a dar. O advogado continuou a insistir, apelando a uma sedutora possibilidade de obter-lhe um honroso título de prelado graças às suas boas relações com o internúncio em Haia. O superior não respondeu palavra, pôs-se de pé e, em seguida, despediu-se. Pois bem, senhor advogado – disse sorrindo o P. Blum, Procurador Geral que acompanhava o Fundador – as negociações chegaram ao fim. Já não há mais nada a fazer”¹²⁹.

Tão pouco desejava Arnaldo Janssen que a sua fundação buscasse elogios públicos. Dirigindo-se, em 1907, aos estudantes de teologia e aos sacerdotes jovens da casa de Roma, disse-lhes: “Nunca

tolerei que a minha pessoa ou a jovem congregação fossem nomeadas publicamente de forma insistente como se pretendêssemos desempenhar um grande papel. A simplicidade e a humildade nos obterão as bênçãos de Deus para as nossas actividades”¹³⁰. O fundador da Congregação do Verbo Divino e das Missionárias Servas do Espírito Santo foi-se retirando à medida que estas se tornavam mais e melhor conhecidas através dos seus padres, irmãos e irmãs. O P. Hilger disse numa conferência: “Sabia como ninguém colocar-se inteiramente à sombra da sua obra. Quantas vezes pudemos comprovar durante a vida dele que até sacerdotes de dioceses muito relacionados com a nossa Congregação desconheciam o nome do nosso Fundador”¹³¹.

Reconhecimento e aceitação das próprias limitações

Arnaldo Janssen conservou-se muito consciente das suas limitações. Diversas manifestações suas fazem-nos sentir a autêntica sinceridade e convicção nas anotações pessoais do ano de 1906: “Não mereço ser estimado nem honrado, porquanto tenho cumprido tão mal a vontade divina em certos pontos”¹³². Frequentemente rogava nas suas cartas aos confrades que tivessem paciência com ele. Assim, por exemplo, dizia: “Não sou como devia ser”¹³³. “Outros têm que praticar a paciência comigo”¹³⁴. Alegrava-se com a celebração do ‘*capítulo de culpas*’, porque, então dizia, “tenho oportunidade de expressar bem as minhas culpas”¹³⁵. Numa circular, após a celebração do seu septuagésimo aniversário, pediu a todos os confrades que rezassem “por um reconhecimento sempre maior do meu próprio nada e das minhas incapacidades e para agradecer as grandes graças que o Senhor me concedeu, sem mérito meu, neste período de 70 anos”¹³⁶. Aos seus confrades da China, escrevera em 1901:

“Nas vossas orações, lembrem-se de vez em quando de mim que já tenho 63 anos e me aproximo cada vez mais da sepultura e do Juiz Eterno”¹³⁷.

Consciente das suas limitações, não se envergonhava de também “pedir conselho a pessoas menos instruídas”, segundo declaração do bispo Germano Schoppelrey, que como jovem teólogo passou por esta experiência. Quando, já nos primeiros anos de vida de Steyl, se começaram a realizar cada vez mais cursos de retiros não somente para o pessoal da casa, mas também para pessoas de fora, Arnaldo Janssen deu-se conta de que não tinha aprendido a dar retiros. Não hesitou em aprender com outros, como foi o caso, já mencionado, do P. Inácio Jeiler, OFM. Contudo, sucedeu-lhe o seguinte: pessoas que ouviam as suas práticas, havendo entre elas pessoas importantes e alguns grandes benfeitores da Congregação, fizeram-lhe saber delicadamente que não estavam satisfeitas com as suas palavras. Ele aceitou a desagradável exortação. E mais, o Ir. Christophorus informa que o Fundador agradeceu este reparo atencioso. A seguir esforçou--se tanto por se corrigir que as suas conferências efectivamente melhoraram e os ilustres senhores lhe agradeceram pessoalmente o belo retiro¹³⁸.

Apreciamos essa mesma atitude quando aceitou de bom grado a advertência que o P. Medits lhe fizera em 1886 e 1888 acerca de exigências excessivas para a comunidade local, ainda tão pequena, bem como a respeito de aspectos negativos da sua orientação como reitor da comunidade. Não foram poucas as melhoras verificadas a partir daí¹³⁹. Citamos outro exemplo: em certa ocasião, perguntou o Superior Geral ao missionário do Togo, P. Francisco Müller, mais tarde Superior no Paraguai, porque é que os padres, ao voltarem do Togo, não se sentiam à vontade em Steyl. Diante dessa pergunta franca, o P. Müller achou que devia responder também com franqueza e disse: “Um dos motivos, P. Geral, é o senhor. Os missionários não se podem restabelecer bem. Mal se sentem um pouco melhor, têm logo que cumprir todo o horário da casa e o

senhor dá-lhes a entender que deveriam ir pensando em voltar para a missão”. O Superior Geral aceitou a resposta de bom grado e disse: “não sabia isso”. Ainda no mesmo dia informou-se como estava a passar cada um, perguntou-lhes pelos seus desejos e procurou atendê-los¹⁴⁰. Arnaldo Janssen não esqueceu aquela resposta. Escreveu com efeito ao P. Bodems em 1901: “Vejo-me muitas vezes na necessidade de pedir a Deus e aos homens que me perdoem por não conseguir cumprir com tudo como gostaria”¹⁴¹.

O Superior Geral não receava pedir desculpa e compreensão quando falhava nalguma coisa. Vários irmãos testemunham sobre casos semelhantes. Em certa ocasião tinha censurado um irmão que fazia trabalhos de medição em St. Wendel. Ao entardecer, pediu-lhe perdão por esta admoestação. Algo de parecido se passou com o irmão sacristão da igreja superior de Steyl. O Superior censurou-o por não terem esperado o tempo suficiente por ele antes de começar a missa solene. Quando, depois, descobriu que o seu relógio estava a funcionar mal e marcava a hora errada, Arnaldo Janssen ajoelhou-se com ambos os joelhos, assim relata o P. Germano auf der Heide, diante do jovem irmão dizendo: “perdoa-me por ter sido tão exigente”¹⁴². Noutra ocasião, escrevendo ao P. José Freinademetz, Provincial na China, a quem, na sua correspondência anterior, tinha feito uma censura que logo se verificou ser injusta, disse-lhe: “Rogo-lhe muito sinceramente que me perdoe por tê-lo afligido numa das minhas últimas cartas”¹⁴³. Outro caso semelhante se deu numa carta ao P. Guilherme Ricken, neo-sacerdote do ano 1905: “Além disso, pesa-me muito ter-lhe causado aflição. Peça perdão tanto a Deus Nosso Senhor como a si se me excedi em qualquer ponto”¹⁴⁴.

Era sempre de novo impressionante o momento em que o Superior Geral se ajoelhava diante dos jovens sacerdotes recém-ordenados para lhes pedir a bênção. Fez o mesmo com o bispo Agostinho Henninghaus, que tinha sido seu aluno em Steyl. Ao encontrar-se com ele em Roma, durante a sua primeira viagem à Europa em 1907, quis ajoelhar-se diante do bispo, mas este não lho

permitiu e ajoelhou-se ele diante do Superior Geral¹⁴⁵. Também diante do bispo Anzer, o Superior Geral se ajoelhou precisamente num período de grandes tensões, como testemunha o P. Pierlo, irmão do P. Germano auf der Heide, que pôde observar a cena¹⁴⁶.

Mérito atribuído ao Senhor

A autêntica humildade sabe e reconhece que Deus, autor de todo o Bem, nos concede as capacidades e possibilidades para realizar todas as nossas tarefas. Arnaldo Janssen tinha essa profunda convicção e reconhecia-o sempre de novo. Repetia que o que tinha conseguido fazer, toda a obra missionária, fundada e desenvolvida por ele, tinham o seu mérito em Deus. Tudo foi obra de Deus. No dia da fundação da casa missionária, quando havia indícios de sobra para duvidar de qualquer resultado positivo, tinha dito: “Não sabemos ainda o que será desta casa... O que, sim, sabemos bem é que apenas com o nosso pessoal actual, não podemos realizar o trabalho. Confiamos, contudo, que o Senhor, na Sua bondade, nos fará chegar os reforços necessários... Se esta obra tiver algum resultado positivo, agradeceremos humildemente à graça divina... Se dela não resultar nada, bateremos no peito com humildade e reconheceremos: não fomos dignos dessa graça”¹⁴⁷.

Com o passar dos anos e verificando que tinha recebido “todo o necessário”, tornando possível o feliz desenvolvimento de sua obra, permanecia muito consciente de que Deus lhe tinha dado tanto e tinha tornado possível tudo que ele realizara. Muitas vezes o exprimia dizendo: “Não é obra minha, mas de Deus”. Sublinhou isso de modo belo e pormenorizado numa carta do ano de 1889 aos confrades da China: “Foi a mão do Senhor que plantou e cuidou desta vinha, a nossa congregação com todos os campos de trabalho a ela confiados. Ele enviou-lhe a luz do sol, a chuva e o crescimento. Eu, em troca, não pude entregar-lhe nada, a não ser uma débil colabo-

ração, na base das minhas forças. Não nasceu de mim a ideia da fundação; não saiu de mim a adesão perseverante à mesma no meio de grandes dificuldades, nem saiu de mim a poderosa ajuda manifesta no desenvolvimento da obra, nem tão pouco o apoio recebido no meio da desconfiança generalizada. Não fui eu mas o Senhor quem despertou as vocações e quem incentivou cada um a manter-se fiel aos propósitos tomados. Porque, se não tivesse sido o Senhor, quem nos teria enviado o apoio financeiro necessário, e isso no meio de tantas necessidades que foram crescendo de dia para dia? Não resta dúvida. Temos que estar firmemente convencidos de que a fundação, conservação e desenvolvimento da nossa congregação não têm outro autor senão Aquele que mora no céu e dirige tudo o que há na terra”¹⁴⁸.

Por ocasião da celebração jubilar de 1900, 25º aniversário da SVD, o P. Francisco Dold ressaltou, numa alocução durante o almoço, os méritos do Superior Geral na fundação. Este, porém, rejeitou-os, assegurando que ele somente tinha servido de “cesta do Semeador”, que qualquer outro teria feito o trabalho igual a ele e, talvez, ainda melhor¹⁴⁹. Quanto mais Arnaldo Janssen avançava em anos, mais recalçava esta convicção como que dando a impressão de que se preocupava em não esquecer que só a Deus, o Senhor, cabem os méritos da fundação e do seu desenvolvimento. Durante a homilia do seu septuagésimo aniversário, orou: “Eu completei agora 70 anos... Senhor, ajuda-me, antes de tudo, a não atribuir a mim a tua Obra. Os homens dizem que foi obra minha; porém, eu afirmo: Senhor, foi obra Tua”¹⁵⁰.

Poucos são os grandes homens, assegurou o P. Hilger em certa ocasião, “que tão perseverantemente tenham desdenhado atribuir a si a glória da sua obra como o nosso Fundador”¹⁵¹. O bispo Henninghaus testemunhou: “apesar de todos os grandes sucessos, Arnaldo Janssen permaneceu um sacerdote humilde, modesto e simples”¹⁵².



Arnaldo Janssen e José Freinademetz

Provado por muitas humilhações

O Fundador e Superior desta grande obra missionária não escapou a suspeitas e humilhações que puseram à prova a sua virtude e deram crédito à sua humildade.

Basta imaginar a sua situação, pouco antes de inaugurar a casa das missões, quando o P. Luís von Essen escreve na sua revista que Arnaldo Janssen não era o homem indicado, dado que lhe faltavam humildade, experiência do mundo e aceitação por parte dos seus pares entre o clero. No entanto, não conhecemos nenhuma reacção do visado a esta declaração de von Essen. Pelo contrário, o Fundador convidou-o para presidir à solene missa festiva de 8 de Dezembro de 1875, na sua qualidade de prelado doméstico pontifício.

O Superior Geral Janssen, pouco dotado para contactos sociais e de apresentação pouco atraente, experimentou, muitas vezes, a incompreensão e juízos errados sobre a sua pessoa. O P. José Büttgens testemunha: “Possuía uma humildade muito além do normal que se comprovava particularmente no seu modo de suportar grandes humilhações. Poderia citar diversas situações que submeteram a sua humildade a duras provas”¹⁵³.

Viveu várias experiências humilhantes nas suas negociações com a cúria romana. Já constituía uma verdadeira humilhação para ele ser obrigado a ir repetidas vezes a alguma autoridade ou ter que esperar longamente antes de lhe darem a oportunidade de uma entrevista. E quão pouca compreensão recebiam muitas vezes as suas ideias e desejos! Sucedeu-lhe isso de modo particular em 1905, quando as Constituições de 1898, apresentadas para aprovação antes de 1900, foram devolvidas para uma reelaboração e só aprovadas em 1905! A sua surpresa foi ainda maior quando verificou que várias partes da Regra, de grande importância para ele, tinham sido riscadas ou significativamente modificadas.

Num primeiro momento, não sabia o que fazer. Depois decidiu-se a questionar pessoalmente em Roma algumas alterações que

lhe pareciam relevantes. Teve que deslocar-se a Roma, com muitas idas e vindas à cúria romana, com escritos e audiências que felizmente foram, em grande parte, bem sucedidos.

O delicado assunto da divisão da Congregação em províncias ainda não tinha sido resolvido e exigiu uma nova viagem do Superior Geral a Roma em 1907. Encontrou aí pouco acolhimento. O cardeal Satolli, o mesmo que em 1900 tinha posto objecções ao nome da Congregação, era agora prefeito da Comissão das Regras. Quando o Superior Geral lhe expôs o pedido de uma nova audiência, mostrou-se intransigente, proferindo estas palavras enérgicas: “Não se permitem modificações”! E não tornou a dirigir-se ao Superior Geral, falando ao Procurador Geral, P. Frederico, que o acompanhava. O Superior entendeu a penosa situação e, no final da audiência, levantou-se, pediu a bênção e despediu-se. Lá fora, disse ao P. Frederico: “Estou acostumado a estas coisas. Já tive que suportar piores... *Fiat voluntas Dei*”! No regresso a casa mal pronunciou uma palavra¹⁵⁴.

Dias depois, teve notícia do veredicto positivo de uma comissão, o que lhe devolveu a esperança de obter uma solução mais favorável. Quando, porém, acreditava ter chegado à meta, o cardeal Satolli rejeitou a apreciação da comissão. O P. Frederico foi testemunha das lágrimas que subiram aos olhos do Fundador, ao saber da notícia, e ficou muito surpreendido, pois sempre conhecera o Superior como um homem forte¹⁵⁵.

O propósito anotado por Arnaldo Janssen num livrinho de apontamentos: “Quero amar a Deus com a simplicidade e humildade de uma criança”¹⁵⁶, significava para ele a disposição de seguir unido ao Senhor no amor, também quando lhe fossem exigidas duras provas de humildade. Por certo, não lhe faltou autêntica humildade cristã.

7. PRUDÊNCIA E SABEDORIA NA ACÇÃO

Assim como foi de todo surpreendente a grandeza da obra fundada e desenvolvida por Arnaldo Janssen também surpreendeu o estilo aplicado para gerir, na qualidade de Fundador e Superior Geral, as numerosas tarefas e desafios que se lhe apresentavam passo a passo. De facto, deu provas de uma prudência e visão de conjunto que ninguém esperava dele.

Prudência aprendida

Recordemos: quando, em fins de 1874, na região da Baixa Renânia se espalhou a notícia de que Arnaldo Janssen, o capelão das Ursulinas de Kempen, queria fundar um seminário das missões, a opinião geral, sobretudo entre o clero, era esta: esse homem não é indicado para isso! Era conhecido como um sacerdote piedoso no seu trabalho, mas de vistas curtas, daí a observação bem-humorada do seu amigo, Augusto Fugmann, capelão de Kempen: “Podes fazê-lo! És... bem pouco prático”. Mais significativo ainda foi o juízo emitido pelo reitor do seminário menor de Gäsdonk, Clemente Perger, que conhecia Arnaldo desde o tempo dos seus estudos liceais, dizendo que ele não tinha capacidade para tal obra, dado que era desordenado, e desprovido de talento organizativo... ou também, segundo Bill, o seu próprio bispo, Bernardo Brinkmann, dissera a Arnaldo: “Se deseja lançar esse projecto, rodeie-se de conselheiros inteligentes, de contrário, fará asneiras”. As dificulda-

des de Janssen com os seus primeiros colaboradores, nos inícios de Steyl, pareciam realmente confirmar os juízos negativos sobre a sua pessoa no que dizia respeito à sua falta de prudência.

De um modo geral, como realça Frederico Bormann, principal biógrafo do Fundador de Steyl¹⁵⁷, acreditava-se muito pouco que Arnaldo Janssen pudesse crescer com a sua obra, mas de facto cresceu. Durante esse desenvolvimento, mesmo que os seus talentos não fossem brilhantes, foram-se manifestando nele capacidades muito maiores do que se poderia suspeitar.

Assim, pode-se afirmar retrospectivamente que, consciente ou inconscientemente, foi uma atitude prudente o seu rompimento com os primeiros colaboradores, incluindo o pároco von Essen, quando sentiu e se convenceu que eles não sintonizavam com ele. É bem provável que, com isso, tenha evitado dificuldades posteriores como as que costumam aparecer frequentemente mais tarde em fundações de ordens religiosas. Sob a sua direcção exclusiva, apesar de todas as carências, deu-se um desenvolvimento nunca imaginado da sua obra. Se bem que, como disse mais tarde, não quisesse associar-se com o pároco von Essen, procurou com verdadeira prudência fazer em comum com ele o que parecia ser útil no interesse da obra incipiente. Daí, ter escrito juntamente com o pároco, uma carta ao arcebispo Paulo Melcher de Colónia bem como outras semelhantes a outros bispos e ainda dirigir convite ao pároco e prelado doméstico von Essen para presidir à solene missa da inauguração da casa em 8 de Setembro de 1875. Desde o início, porém, reservou para si a necessária autonomia e independência na orientação e progressiva expansão da casa missionária.

Negociações com diversas autoridades

Quanta prudência e previsão não exigiram de Arnaldo Janssen o desenvolvimento e a expansão da sua obra missionária! Para conse-

guir a fundação de novas casas, especialmente as de São Gabriel, em Viena, e Santa Cruz, na Silésia, foram necessárias longas e penosas negociações com funcionários do governo e autoridade locais. A situação política da Alemanha, em que vigoravam ainda as leis do *Kulturkampf*, e as diferenças religiosas continuavam a exigir muita diplomacia e tacto. Arnaldo Janssen via a sua Fundação como instituto religioso. Sabia, porém, que tal instituição não podia abrir casas em território prussiano. Por isso, determinou nas constituições que os seus confrades emitissem votos não públicos, segundo o direito canónico. Portanto, não seriam formalmente religiosos¹⁵⁸.

Também a aceitação de novos territórios missionários e de outras actividades era geralmente mais difícil do que se poderia pensar. No caso de Shantung Sul, foi preciso resolver algumas questões delicadas com os franciscanos. Mais delicada ainda foi a situação que surgiu posteriormente na China com a mudança do protectorado francês para o alemão, por estarem lado a lado os missionários com os funcionários coloniais no território de Kiauochow-Tsingtau. Havia ainda dificuldades maiores e mais desagradáveis no Togo. Durante anos houve controvérsias, incluindo processos e discussões públicas e até debates no parlamento alemão.

Arnaldo Janssen acompanhava tudo com grande participação pessoal em favor dos seus. Escrevia frequentemente aos missionários e, em particular, ao prefeito apostólico Germano Bücking a fim de animá-los e dar-lhes valiosos conselhos. Simultaneamente, mantinha contactos com políticos, especialmente com o partido do Centro e com funcionários da administração colonial em Berlim. Não só devemos ressaltar a vigorosa e admirável actuação pessoal do Superior Geral em todos esses casos, mas também a coragem e a prudência que revelava. Em carta ao P. Bücking, por exemplo, deu conselhos muito concretos. Escrevia-lhe ele: “Quando visitar a Europa, empenhe-se em obter uma audiência com o imperador. Uma vez na presença de Sua Majestade, cuide de lhe comunicar em primeiro lugar assuntos agradáveis, por exemplo, sobre a promoção da po-

lítica colonial, para, em seguida, lhe poder expor, com tanto maior clareza, os abusos que se dão na colónia”¹⁵⁹.

Noutra carta, dirigida ao vigário de Trier (Tréveris) e político Jorge Friedrich Dasbach, assinala Arnaldo Janssen, entre outras coisas, algo que quase soa estranho, sendo, contudo, digno de atenção: “Se eu fosse a autoridade máxima do departamento de colónias, diria aos meus subalternos o seguinte: “Senhores, sei que é difícil levar por diante uma boa política colonial. Os meus esforços, portanto, são dirigidos no sentido de obter bons e fiáveis funcionários para as colónias e manter afastados os que não merecem confiança”. A seguir, propõe medidas muito concretas para impedir “a decadência espiritual e material das colónias e igualmente proteger e consolidar os valores morais e religiosos”¹⁶⁰.

O resultado final da prolongada contenda foi, contudo, menos feliz para a missão. O prefeito apostólico teve que se retirar. Mesmo assim, foram relevantes as conquistas dos missionários bem como do Superior Geral, pelo que os naturais do Togo passaram a receber mais protecção jurídica e melhor trato que os de outras colónias alemãs¹⁶¹, realidade que é reconhecida ainda hoje em dia.

Digno de consideração é o juízo do historiador suíço Viktor Conzemius sobre Arnaldo Janssen: “Extremamente agudo foi o seu tino no trato com as autoridades administrativas, como por exemplo, com o departamento de colónias alemãs e com o Rei Leopoldo II da Bélgica¹⁶². Apesar de todos os seus esforços para conseguir condições o mais favoráveis possível para as suas missões, nunca perdia de vista a independência do seu pessoal nem caiu jamais no servilismo”¹⁶³.

Em se tratando de projectos novos, tais como a aceitação e o desenvolvimento de paróquias, tarefas em novos territórios, instalação de colégios, etc., o Superior Geral procurava informar-se meticulosamente sobre a população, os aspectos relativos à língua, religião, clima, potencialidades económicas, etc. Solicitava com insistência os melhores mapas de uma cidade ou região como também

material escrito que lhe possibilitassem ampliar os seus conhecimentos.

Precisou também de muita paciência nas negociações com as instâncias eclesiásticas sobretudo em Roma. E, a fim de poder negociar com maior êxito no interesse da Congregação e das actividades desta, o Fundador preocupou-se muito em estabelecer bons contactos com pessoas que conheciam tanto a Congregação e as suas missões como também as normas válidas para Roma e as pessoas que tinham poder de decisão. Tais pessoas de contacto em Roma foram por exemplo, o cardeal André Steinhuber, S. J. (1825-1907) e mons. João Montel (1831-1910).

O passar do tempo veio ratificar a posição de Arnaldo Jansen sobre o seu critério referente a aspectos das Constituições SVD e, concretamente, da estruturação de províncias nas missões, embora de imediato não conseguisse êxito. Pois, no espírito do Concílio Vaticano II, foram recomendadas regras religiosas que não fossem apenas textos jurídicos, mas pudessem servir simultaneamente de manuais de espiritualidade para os religiosos¹⁶⁴.

Visão e prudência na expansão crescente da sua obra

Grande prudência demonstrou o Fundador de Steyl nas múltiplas tarefas requeridas para a organização e direcção da sua congregação religiosa-missionária. De especial relevância para tal empreendimento foi um sólido fundamento económico. Obrigações a uma escala de âmbito quase mundial assim o exigiram: a formação, nos países de base, de centenas de jovens, em grande parte provenientes de camadas sociais pobres, que só podiam pagar uma pequena parte dos seus gastos; depois o apetrechamento dos novos missionários; os gastos com as viagens para as missões e os custos, frequentemente muito altos, das actividades missionárias. Requeria-se muita prudência para assegurar todos os recursos necessários em ordem

ao futuro. Como bom matemático que era, teve tanto êxito que bem se pode afirmar que o vigoroso desenvolvimento da sua obra missionária foi também influenciado por um sólido alicerce económico.

A imprensa constituiu durante decénios a principal fonte de recursos para a obra missionária. Arnaldo Janssen fundou-a e pô-la a funcionar com o seu próprio pessoal. Aí se ocupavam os padres na redacção, os irmãos na tipografia e na difusão externa como irmãos viajantes, acrescentando-se a colaboração gratuita de numerosos promotores leigos. Quando, aí pelo ano de 1900, o sistema de promoção itinerante (*Kolportage*), quer dizer, a difusão das revistas mediante promotores locais foi posta em sério perigo, mesmo por algumas instâncias eclesiásticas, Arnaldo Janssen pensou – segundo testemunham cartas para a América do Sul – que talvez tivesse que dar uma nova base económica à sua obra na América Latina, mediante explorações agrícolas¹⁶⁵.

Fora dos colaboradores regulares para o apostolado da imprensa, conquistou muitos outros benfeitores, principalmente através das revistas e entre os numerosos participantes em retiros. Arnaldo Janssen preocupou-se muito em atender pessoalmente esses benfeitores. E não se esqueça que a sua obra missionária contou, desde cedo, com um número tão elevado de Irmãos missionários – o seu número superou durante muitos anos o dos padres – que as diversas casas podiam manter-se com os seus próprios recursos.

Da maior importância para o espírito das congregações religiosas-missionárias de Steyl, que cresceram tão rapidamente, foi o cuidado posto na admissão de novos membros tanto à entrada como à profissão dos votos. É certo que, nos primeiros anos, o Fundador aplicou um critério mais amplo na admissão de alunos e, sobretudo de candidatos a Irmãos, deixando a selecção para mais tarde, na casa missionária, mediante a demissão dos menos idóneos. Com o decorrer do tempo, foi adoptando critérios cada vez mais cuidadosos e restritivos na admissão dos jovens ao sacerdócio. Semelhante critério aplicou desde o começo no caso das religiosas. Examinava

bem os certificados de admissão e insistia com todos os responsáveis, a quem competia decidir, que fossem muito cuidadosos e considerassem bem as candidatas. Normas semelhantes, em parte ainda mais rigorosas, constituíam o seu critério de selecção para a admissão ao noviciado e aos votos. “Não é fácil – escrevia em certa ocasião – manter elevado o espírito de uma casa religiosa. Isto não se dará sem rigor na promoção ao noviciado, aos votos e às ordens sagradas”¹⁶⁶. Preocupava-se também muito em demitir das casas de formação os professores que, de algum modo, pudessem ter influência negativa sobre os alunos. Também procedia com prudência e, se necessário, com toda a firmeza, na remoção de irregularidades que ocorressem em tais estabelecimentos.

Será oportuno mencionar, uma vez mais, a responsabilidade e esmero postos por Arnaldo Janssen nos destinos missionários e na selecção para cada campo de trabalho. Este cuidado era um sinal claro da sua prudente visão de conjunto. Considerava da maior importância que cada cargo e trabalho contassem com pessoal competente de maneira que as capacidades de cada um se pudessem desenvolver em tarefas apropriadas nos campos de trabalho confiados à Congregação.

Mestre do agir prudente

Arnaldo Janssen quis legar, para o bem dos seus, princípios de actuação prudente baseados na sua própria experiência. Por isso, continuou na tarefa de professor, função que tinha exercido como actividade principal nos seus primeiros 12 anos de sacerdote. Iniciou, pela primeira vez em 1894, e pouco depois, a partir de 1901, uma série regular de conferências aos neo-sacerdotes em São Gabriel, ciclo a que chamou *collegium practicum*. Tópicos de ordem prática formavam a temática destas palestras, dirigidas aos jovens confrades que, na maioria, partiriam em breve para os diversos ter-

ritórios missionários. Assim, por exemplo, referia-se à primeira missa que celebrariam na sua terra natal e à atitude mais correcta no tratamento com os parentes, clero e benfeitores. Falava sobre viagens, didáctica, estipêndios de missas e donativos, confissões e outras actividades pastorais; sobre construção, compras e vendas, relatórios financeiros, outros assuntos económicos e muitas outras matérias. Na verdade, os conselhos, incluindo os de carácter religioso, dados nestas conferências, completados com numerosos extractos das suas cartas e outros escritos constituiriam um valioso manual de prudente actuação, particularmente útil para sacerdotes e religiosos ou para superiores e superiores. Apresentamos, a seguir, somente alguns destas centenas de textos relacionados com o agir prudente. Já aludimos aos estatutos de 1876 onde diz que o superior não deve ter a ousadia de pensar que cada ordem sua corresponda necessariamente à vontade divina. Com isso, Arnaldo Janssen já dizia muito claramente o que hoje se acentua, em geral: o superior prudente, antes de dar uma ordem, deve esforçar-se por chegar primeiro a um bom discernimento. Repetidamente, Arnaldo Janssen advertia contra o agir apressado e por isso mesmo imprudente. “O senhor deve ter por norma desconfiar de uma ideia que queira impor com certa veemência. Procure primeiramente – como se costuma dizer – estar de cabeça fria. E comprove se o impulso interior persiste”¹⁶⁷. Com frequência aconselhava que se não reagisse face a uma situação, senão depois de ter “consultado o travesseiro”. Neste contexto, acentuava muitas vezes: “Muito cuidado quando o amor próprio entra em jogo. Nestes casos, é indispensável não agir de imediato, mas adiar a decisão até ter recuperado a calma”¹⁶⁸.

Aqui vão outras ideias e conselhos: “Mesmo reflectindo bem, podem-se cometer erros. Se, porém, não se reflecte bem, os erros são inevitáveis”¹⁶⁹. “Se não podes erguer uma pedra sozinho, deixa-a no seu lugar até que consigas ajuda”¹⁷⁰. “Toda a virtude precisa de prudência para não deixar de ser virtude”¹⁷¹. “Ninguém pode voar mais alto do que lhe permitem as suas asas. Por isso, uma coisa

depois da outra”¹⁷². E para superiores em particular, vale o seguinte: “Ponha cautela nas suas palavras. Seja severo, se a necessidade o impuser, porém, não ofenda nunca. A severidade perdoa-se; as ofensas, não”¹⁷³. Como superior, mesmo vendo algumas coisas – caso não se trate de coisa grave – deve fazer como se não tivesse visto. E depois, com grande paciência e prudência, espere o momento oportuno para dizer alguma coisa sobre o sucedido¹⁷⁴. Este conselho aparece com frequência na sua correspondência com diversos superiores.

Genuína prudência gera magnanimidade

Arnaldo Janssen, considerado a princípio mais como homem de vistas curtas (e parece que realmente o era) tornou-se, graças à prudência, magnânimo em não poucas das suas decisões como Fundador e Superior Geral. Isto já tinha saltado à vista no planeamento da complexa obra em Steyl cujas construções começaram em Agosto de 1876, pouco depois de despedir Pedro Bill e Francisco Reichert, no início de Abril. Ano após ano, foram sendo acrescentados novos edifícios previstos no planeamento. Também se mostrou liberal e prudente no planeamento da dupla igreja, embora, ao iniciar as obras em 1881, a casa missionária contasse apenas com uns 100 moradores. O superior, porém, previu o rápido crescimento da comunidade. Esta, de facto, ascendeu em 1900 a seiscentas pessoas.

Da mesma forma, Arnaldo Janssen foi providente ao iniciar o seu trabalho no campo gráfico, apesar dos humildes começos em 1876. Cresceu enormemente com a edição da revista *Stadt Gottes*, em 1878. Anos mais tarde, em 1906, vemo-lo dando generoso apoio ao instituto *Anthropos* do P. Guilherme Schmidt. Também demonstrou sabedoria prudente, quando, já naquele tempo, mandou estudar obstetrícia às irmãs que deviam trabalhar nas missões como

parteiras¹⁷⁵. Proporcionava às irmãs formação em variados serviços. Demonstrou genuína prudência humana ao fazer colocar pára-raios nos edifícios ao passo que o P. Wegner opinava que se devia confiar na Providência Divina e desistir daquela prevenção. Antes de levantar novas construções sugeria, muitas vezes, a aquisição de bastante terreno. A valorização, pela construção de escolas ou igrejas, permitiria depois vender vantajosamente parte daqueles terrenos. Também aconselhava reforçar os fundamentos das construções para, mais tarde, se fosse necessário, se poder construir mais um piso.

Comprovamos assim, com surpresa e admiração, que Arnaldo Janssen, que, no início, parecia ser pouco prudente e alheado do mundo e era por muitos considerado homem de pouca iniciativa, se tornou, precisamente pela sua prudente largueza de vistas, em vários sentidos, um pioneiro da ação missionária da Igreja¹⁷⁶, mostrando-se aberto às necessidades e exigências do seu tempo¹⁷⁷.

Prudência, uma vez reconhecida, aumenta a sua autoridade

É compreensível que a sua maneira prudente e providente na orientação da crescente obra missionária tivesse sido considerada, também pelos de fora, como base do seu êxito. No âmbito interno das suas congregações, gozava de uma autoridade cada vez maior, como disse em determinada ocasião o P. Henrique Stolte, secretário do Fundador durante os últimos anos da sua vida: “Gostaria de saber se há quem se possa igualar ao nosso P. Arnaldo em prudência e critério”¹⁷⁸. O bispo José Hubert Drechmann de Roermond aconselhou aos jesuítas holandeses, mestres em matéria de pregar retiros (como ainda hoje o são), que, antes de abrir uma casa de retiros, se informassem com o P. Arnaldo. “Ele tem experiência. Poderá aconselhá-los bem”¹⁷⁹.

O P. Maximiliano Kassiepe, missionário popular oblato, muito estimado e conhecido depois da Primeira Guerra Mundial, que se tinha encontrado algumas vezes com Arnaldo Janssen, disse dele: “Impressionou-me profundamente a sua circunspecção prudente e toda a sua maneira de ser que respirava calma e recolhimento interior... Sobretudo, admirei a sua prudência enraizada em princípios sobrenaturais e a sua interioridade”.

Não custa muito compreender que a prudência, adquirida em tão grande medida por Arnaldo Janssen com o crescimento da sua obra, tenha sido o fruto da sua oração e da consciência da sua responsabilidade diante de Deus. Basta recordar o grande recolhimento com que, todos os quartos de hora, implorava as luzes do Espírito Santo: “Enviai-nos do Pai o Espírito Santo. Concedei-nos que reconhecamos claramente as Suas santas inspirações e as sigamos com perseverança”. Do mesmo modo, celebrava todos os anos uma santa missa na igreja do Espírito Santo em São Gabriel, pedindo especialmente a Sabedoria. E, nos seus últimos anos, cada vez mais frequentemente, segundo nos informam, os seus lábios murmuravam os versos da sequência de Pentecostes: *Veni Sancte Spiritus (Vem, Espírito Santo)* com a repetida petição da luz divina para a sua vida e actividades.

8. VERACIDADE E FRANQUEZA CORAJOSA

O P. Germano Fischer, um dos melhores conhecedores do Fundador, escreveu nos seus últimos anos de vida o livro *Gedanken über die Aszeze unseres seligen Vaters Arnoldus (Pensamentos sobre a ascese do nosso Bem-aventurado Pai Arnaldo Janssen)*. Estes pensamentos foram primeiro policopiados para serem distribuídos e, depois, incluídos na publicação interna da SVD *Nova et Vetera (Coisas Novas e Velhas)*¹⁸⁰. Nestes “Pensamentos”, encontra-se este testemunho notável:

“Li cuidadosamente duas mil cartas e outros escritos do nosso bem-aventurado Pai... Declaro diante de Deus que não encontrei neles nenhuma falta de sinceridade, nenhuma restrição mental, nada de evasivas astutas ou reticências dissimuladas. Por maior que fosse uma dificuldade ou apuro, nunca se deixou induzir a desviar-se uma única linha da verdade”¹⁸¹.

Em termos semelhantes se tinha exprimido a mesma testemunha no processo de beatificação em 1935: “Em Arnaldo Janssen venero, de forma muito especial, o seu amor à verdade, a sua honradez, a sua rectidão e a sinceridade dos seus sentimentos. Tudo isto num grau que raramente se encontra, mesmo entre pessoas muito piedosas, com tal pureza e fidelidade. Creio que Arnaldo Janssen foi incapaz de servir-se de uma restrição mental por melhor que fosse o objectivo visado”¹⁸². A veracidade, expressão da virtude cardeal da justiça, sobressaía tanto nele e foi testemunhada por tanta gente que, realmente, vale a pena aprofundar o conhecimento desta característica do fundador dos missionários do Verbo Divino, da missionárias Servas do Espírito Santo e da Adoração Perpétua.

Recto e íntegro desde a juventude

O Ir. Junípero (Guilherme), irmão de Arnaldo, testemunha acerca do pai de ambos, Geraldo Janssen: “O nosso pai era severo em matéria de honestidade. Nos seus frequentes negócios fronteiriços, nunca praticou o contrabando, coisa que muitos outros faziam. Acontecia-lhe, frequentemente, transportar mercadoria valiosa. Assim, por exemplo, quando trazia uma carga de café da Holanda, tinha que pagar, na época, mais de 100 marcos (cerca de 5 euros) de imposto alfandegário. Pois bem, declarava sempre o total da carga e inculcava essa honestidade na consciência do empregado, e na nossa, seus filhos, quando fazíamos a viagem com ele”¹⁸³.

Tal atitude transmitiu-se claramente a Arnaldo. Como jovem sacerdote, em Bocholt, embora não fosse um professor brilhante, sempre foi muito consciencioso e justo. Naquela época (1863), escreveu ao seu pai em termos muito eloquentes, cumprimentando-o pelo aniversário natalício, em 27 de Dezembro: “Tenho uma veneração particular pelo santo deste dia, o apóstolo e evangelista São João, porque da sua alma transpareciam tanta simplicidade, verdade e virtude e porque odiava a mentira e o engano por causa dos quais tanta gente se perde”¹⁸⁴.

Verdadeiro e justo como superior

O amor de Arnaldo Janssen pela verdade e veracidade devia comprovar-se, antes de tudo, ao tornar-se superior de tanta gente. As suas congregações contavam, no ano de 1900, com quase 1000 sacerdotes, Irmãos, clérigos e Irmãs religiosas, sem contar os seminaristas menores, as postulantes e candidatas. Por ocasião da morte do fundador, em 1909, já eram mais de 1500 a trabalhar em todos os continentes. Quantas vezes, a direcção de uma comunidade tão numerosa oferecia ensejo, ou até tentação, de ser menos aberto

e verdadeiro ao dizer aquilo que parecia ser necessário! Mas, para Arnaldo Janssen, valia o que está documentado nas actas da sua beatificação: “Por amor à justiça cristã, o servo de Deus sentia aversão a toda a duplicidade”¹⁸⁵.

O P. Augusto Arand (1868-1955), em Steyl desde 1885, escreve: “O P. Arnaldo não tinha na sua pessoa nada de actor. Jamais quis impressionar. Foi sério e simples, sem fingimentos nem exageros”¹⁸⁶. Em termos parecidos se expressou o Ir. Ludgerus, Henrique Mollmeier (1870-1949): “O P. Arnaldo Janssen era simples e recto nos seus sentimentos. Citava muitas vezes as palavras de Jesus: ‘Sede simples como as pombas e prudentes como as serpentes’. Tive sempre a impressão de que se sentia atraído pelas pessoas simples. Ele advertia os seus face aos fingimentos”¹⁸⁷. O mesmo afirma Jorge Fröwis (1865- 1934), missionário por muitos anos na China: “Agradavam-lhe as atitudes francas e simples, ao passo que repelia toda a simulação. Aborrecia toda a postura artificial”¹⁸⁸.

Compreendemos assim que não quisesse elogios à sua pessoa. Estes pareciam-lhe adulações demasiado baratas. O P. João Kronemeyer (1870-1953) conta-nos quão vigorosamente reagiu o P. Arnaldo ao ser apontado por um estudante de teologia, na celebração do seu onomástico, como luminoso modelo. ‘Que Deus me livre – disse agitado – de crer numa única das palavras pronunciadas por este jovem’¹⁸⁹.

O que o Superior Geral considerava necessário comunicar a outrem, dizia-o sem reservas, clara e francamente, porém com amabilidade. Tratando-se de queixas ou reclamações que lhe tinham chegado ao conhecimento, advertia sempre acerca do *audiatur et altera pars* (*ouça-se também o acusado*).

Em certa ocasião, escreveu a um padre de grandes méritos na congregação sobre o qual lhe fora relatado algo de lamentável: “O mais acertado será que o senhor se expresse francamente sobre tais coisas... É sumamente doloroso para mim ter de lhe falar nelas, pois

estimo-o por mais de um motivo. Pode ser que se trate de mais um sofrimento que Deus, na Sua bondade, lhe envia. E isto constitui o melhor e mais seguro caminho para o céu. Talvez haja também algo de verdade, algo que exija correção. Nesse caso, aqueles que nos dizem coisas desagradáveis são os nossos melhores amigos”¹⁹⁰.

Idêntica preocupação pela verdade encontramos-la numa carta dirigida a um padre a quem tinha previsto para pároco de uma paróquia recentemente aceite: “Pensei de imediato em si, dado que o aprecio pelas suas virtudes, como também pelo seu zelo religioso e porque o considero um filho fiel da congregação... Como este assunto é de grande importância, informei-me com outras pessoas. Uns expressaram o seu apoio à minha ideia, porém outros não. Entre as opiniões desfavoráveis estão as seguintes: ... (cita juízos negativos)... Que pensa o Senhor sobre o exposto?... Rogo-lhe que não se expresse de forma demasiado humilde sobre a sua pessoa, mas com toda a franqueza, e que se defenda na medida em que julgar seu dever fazê-lo”¹⁹¹. Em repetidas ocasiões, fazia exortações parecidas. Numa carta ao P. Conrado Säger do Chile: “É justo que me escreva com toda a franqueza, pois é isso que eu espero”¹⁹². O Superior Geral exigia franqueza, por isso escrevia expressamente que, sobre os casos propostos, ia colher informações também de outras pessoas. Neste sentido, escreveu aos padres na América Latina: “Quando me escreverem, devo responder sempre: *Audiat et altera pars*”¹⁹³. A um jovem sacerdote, já no Brasil, escreveu acerca das queixas de alguns párocos: “Ouvi dizer que alguns párocos tinham pedido que o senhor não lhes tornasse a ser enviado... Certamente estes comentários vão desgostá-lo. Mas você deve sabê-lo para reconhecer a necessidade de corrigir-se em alguns aspectos, a fim de tornar-se útil na vida... Estimado Padre Baur: “Por favor, atenda-me! O senhor deseja ser feliz e, como é ainda jovem, tem presumivelmente uma vida longa pela frente”¹⁹⁴. O P. Baur estivera anteriormente em St. Wendel; trabalhou no Brasil quase mais vinte anos.

Os irmãos sentiam que, nas suas conferências, o seu Superior

era franco e autêntico também nas suas exigências. O Ir. Cyriacus, Teodoro Lobeck (1873-1947), escreve nas suas *Recordações*: “O Fundador não possuía talento de orador. Notava-se, porém, que o que dizia lhe vinha do coração. As suas palavras irradiavam solicitude paternal e convenciam. Por isso, os Irmãos diziam depois da conferência: “Na verdade, tira-se proveito das suas palavras”¹⁹⁵.

Franco e corajoso em defesa da verdade

Arnaldo Janssen defendia o que lhe parecia verdadeiro e correcto, mesmo diante de estranhos, de autoridades eclesiásticas ou governamentais. Isto aconteceu repetidamente diante de algumas autoridades que dificultaram a distribuição das suas revistas através dos irmãos viajantes. Em cartas muito francas, expressou objectivamente os devidos reparos, escrevendo à redacção da revista *Die Katholischen Missionen (As Missões Católicas)* que, sendo a revista missionária da Igreja alemã, não fizera qualquer referência à existência da primeira casa alemã das missões. Extractos destas cartas demonstram a franqueza e sincera transparência do Fundador.

Depois de ter enviado à redacção da revista, no início de 1876, uma informação referente à inauguração da casa das missões, em 8 de Setembro de 1875, dirigiu-se novamente à mesma, em fins de 1876, nos seguintes termos: “Dado que o artigo enviado no começo do ano não apareceu em *Die Katholischen Missionen*, tomo a liberdade de perguntar se, porventura, o não receberam ou qual a razão que os levou a não publicá-lo. Do mesmo modo, o que os terá impedido de informar todos os amigos da causa missionária, na Alemanha, acerca da fundação da nossa casa, notícia que se publicou tanto na revista *Missions Catholiques* como no *Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*, que lhes tem sido enviado regularmente? Lamentei muito em ambos os casos, tanto no nosso como no vosso interesse, e ouvi queixas de outros no mesmo sen-

tido. Daí ser meu desejo, através da presente, dar mais um passo para um melhor relacionamento recíproco entre nós e solicitar que nos proporcionem a alegria de receber a sua cordial resposta... Considerando que, no passado, os ciúmes só prejudicaram as missões, até mais que qualquer perseguição de tiranos, peço a Vossa Reverência que se adiante a nós, tomando como lema as virtudes opostas de forma muito clara e precisa”¹⁹⁶. Passaram, porém, 1877 e 1878 sem que a revista tivesse incluído qualquer notícia sobre o seminário das missões de Steyl. Quando, a 2 de Março de 1879, se pôde realizar o envio para a China dos primeiros missionários do Verbo Divino, João Baptista Anzer e José Freinademetz, o Fundador dirigiu-se novamente à revista *Die Katholischen Missionen*, escrevendo entre outras coisas: “Juntamente com a notícia do envio dos dois missionários, quisera fazer a V. Reverência o pedido de sair da sua reserva em relação a nós, demonstrando que não merece as censuras que lhe são feitas, pela sua atitude em relação a nós... Além do mais, em matéria de honras diante dos homens, de bom grado, passaremos por ser os últimos, não, porém quanto ao zelo. Diante do muito que têm prejudicado o Reino de Deus as mentalidades e comportamentos que fazem lembrar demasiadamente a concorrência ciumenta, desejo de todo o coração que todos os sacerdotes e religiosos se compenetrem daquele espírito de amor fraterno, livre de ciúmes, que apoia de bom grado o trabalho dos outros”¹⁹⁷.

No número de Agosto daquele mesmo ano de 1879, apareceu efectivamente na revista a primeira menção do seminário missionário. Começava com as palavras: “Um seminário das missões já era há tempos o desejo mais ardente de todos os católicos alemães”. O artigo informa a seguir sobre o envio dos primeiros missionários de Steyl e expressa os seus parabéns pela fundação e desenvolvimento do seminário. “Este teve naturalmente que superar inúmeras dificuldades, porém a bênção de Deus acompanhou a obra”¹⁹⁸.

O procedimento de Arnaldo Janssen durante este período, para ele tão doloroso, é não só um exemplo da sua corajosa fran-

queza, mas também de que de modo nenhum pretendia criticar os jesuítas em geral, nem lhes tinha nenhuma aversão. Pelo contrário, já a partir de 1877/1878, convidou, repetidas vezes, jesuítas para darem retiros em Steyl. Contudo, expressou francamente aquilo que, em honra da verdade, achava que devia dizer.

Idêntica atitude prudente, decidida e franca, também face a autoridades eclesiásticas, aparece numa das suas cartas ao P. Francisco Töllinger, vice-superior do Brasil, quando um dos bispos fez acusações injustas e causou dificuldades aos nossos. “Se nos retirássemos de todos aqueles lugares onde o bispo local não é como deve ser, não realizaríamos o nosso trabalho. Por um lado, tentaremos exercer influência sobre os senhores bispos com uma atitude firme e decidida e, por outro, deveremos suportar algumas coisas com paciência, até que chegue o momento de poder falar, ou até que Deus produza uma melhoria da situação”¹⁹⁹.

Com semelhante franqueza agiu face ao cardeal Kopp que, aquando da fundação de Santa Cruz, adoptou uma atitude estranha e dificilmente compreensível para com Steyl e o Fundador²⁰⁰. De modo parecido, em 1904, após a morte do bispo Anzer, o cardeal comunicou ao Superior Geral que a indicação dos padres José Freinademetz e Rodolfo Pieper para a sucessão era escusada, porque o governo de Berlim os rejeitava, o P. Arnaldo respondeu-lhe que, para ele, apenas valiam as prescrições de Roma relativas aos candidatos a apresentar²⁰¹.

No seu relacionamento com a Santa Sé, quer dizer, nas negociações orais e escritas, apesar do respeito e obediência devidos às autoridades da cúria romana, Arnaldo Janssen exprimia a sua opinião de forma franca e, quando necessário, decidida. Agia assim, particularmente, ao tratar-se de defender os seus confrades face a críticas infundadas ou suspeitas falsas. Quando o cardeal Ledochowski, prefeito da *Propaganda Fide* e, depois do Papa, superior máximo dos Missionários do Verbo Divino, lhe escreveu que as queixas e acusações relativas ao bispo João Baptista Anzer careciam de todo

o fundamento, o Superior Geral não ficou de braços cruzados diante das acusações atribuídas aos seus missionários, considerados como mentirosos e malvados caluniadores. Pelo contrário, decidiu apresentar de novo o caso com as provas correspondentes. Isto foi-lhe facilitado pela súbita morte do cardeal Ledochówski²⁰².

Já alguns anos antes, perante o mesmo cardeal, Arnaldo Janssen se tinha visto obrigado a defender o seu próprio irmão João. Segundo o comunicado do cardeal ao Superior Geral, este tinha-se comportado de modo inconveniente e proferido heresias sobre uma pretensa encarnação do Espírito Santo, numa audiência com o papa Leão XIII. Em consequência disso, o seu irmão João Janssen, segundo o cardeal, devia ser removido da reitoria de São Gabriel e afastado da comunidade. Arnaldo respondeu ao cardeal em duas ocasiões. Defendeu com decisão o seu irmão e pediu ao cardeal que esclarecesse primeiro o que se tinha passado na audiência. Entre outras coisas, escreveu: “Ninguém, e muito menos uma pessoa tão meritória, deve ser condenada ou castigada sem ser ouvida antes”. Também o cardeal deveria respeitar o “*audiatur et altera pars*”, coisa que este fez logo a seguir²⁰³.

O mesmo ânimo decidido em prol da verdade e de tratamento justo impeliu o Superior Geral em 1907 a escrever ao cardeal Gotti, então prefeito da Congregação da *Propaganda Fide*, que tinha solicitado providências para a retirada do P. Germano Bücking, prefeito apostólico do Togo. Tal medida pareceu injusta ao Fundador. “Os católicos da Alemanha – disse – estão a lutar pela liberdade da Igreja. Mas, que sucede em Roma?”²⁰⁴ O cardeal não levou a mal estas palavras, declarou até numa carta ao P. Bücking em tom quase de desculpa: “Sinto que é meu dever comunicar-lhe que o motivo deste proceder da Congregação não se encontra em nenhuma culpa, descuido ou incapacidade da sua parte, mas foi ditado única e exclusivamente por outra instância para o bem da Missão”²⁰⁵. A “outra instância” era evidentemente Berlim: o governo ou até o imperador!

Uma prova da corajosa franqueza de Arnaldo foi também a sua entrevista com o Imperador Francisco José ditada pelo interesse da Igreja na Áustria e que nos é relatada pelo P. Fernando Medits nas suas *Aufzeichnungen (Apontamentos)*, de 25.03.1909: “A sua fé era tão firme que, quando se tratava das coisas de Deus e da santa Igreja, o venerável Superior Geral passava por cima de todas as considerações humanas. Ele mesmo me contou que uma vez se sentiu muito impelido interiormente a pedir a Sua Majestade, o Imperador Francisco José, que nomeasse bons bispos para a Áustria e a Hungria. Não duvidava que Deus mesmo lhe tinha inspirado essa advertência. Pediu uma audiência que lhe foi concedida. Ele próprio me referiu o que se passara então: “quando me apresentei diante de Sua Majestade, disse sem medo e com firmeza: ‘Majestade, a Igreja de Deus é o seu mais firme apoio. Na medida em que Vossa Majestade proteger a Igreja de Deus e lhe proporcionar, na Áustria e na Hungria, bons bispos, o seu trono estará firme. Por isso, em nome de Deus lhe peço: Majestade, dê à Igreja da Áustria-Hungria bons bispos!’” O Imperador não ficou aborrecido por isso. Pelo contrário, foram nomeados para o episcopado daqueles países homens que se distinguiram pela sua ciência e virtude. De facto, Sua Majestade visitou uma vez (03.10.1894) o ainda jovem seminário das missões de São Gabriel, em Viena, para conhecer o lugar onde vivia aquele homem que tão corajosamente lhe tinha apresentado a sua petição. Também a autorização para a entrada da Congregação do Verbo Divino na Áustria foi dada prontamente após aquela audiência em 14.10.1888”²⁰⁶.

9. FORTALEZA E PACIÊNCIA NO SOFRIMENTO

No decurso da sua vida, Arnaldo Janssen experimentou muito mais sofrimentos do que, em geral, se sabe ou supõe. Suportou-os em silêncio. Nas suas cartas e conferências aludia com frequência à entrega a Deus, à bênção inerente ao sacrifício, à cruz e à dor. Isto motivou a edição de uma novena ao S. Arnaldo, para os enfermos e outras pessoas provadas pelo sofrimento, com o título: *Unidos ao Senhor no sofrimento*. Nela se utilizam textos do Bem-aventurado que são instrutivos e reconfortantes. Exemplificam a paciência do Fundador e a sua entrega ao Senhor²⁰⁷.

O decreto de beatificação de Arnaldo Janssen de 19 de Outubro de 1975 ressalta apropriadamente essa atitude de alma do Fundador de Steyl com estas palavras: “Mediante a fortaleza da sua fé, suportou dificuldades, humilhações e revezes e não se deixou acabrunhar por desilusões”. Em termos semelhantes já se tinha expressado o decreto *Lamentabilis Vox* para a abertura do processo apostólico relativo à beatificação (1942): “Nestes seus empreendimentos encontrou inúmeras dificuldades, tendo que sofrer muito. Ele, porém, tudo suportou e venceu com inquebrantável fortaleza e inabalável confiança em Deus, que precisamente, por meio destas tribulações, purificou a sua virtude, como o ouro é provado pelo fogo, e abençoou copiosa e admiravelmente a sua obra²⁰⁹”.

Problemas e dificuldades na fundação da obra missionária

Já antes de poder abrir a casa missionária, para Arnaldo Janssen, deve ter sido uma grande decepção e dura prova o facto de que

outros, sobretudo quase a totalidade do clero, julgassem tão negativamente a sua pessoa. Não recebeu propriamente encorajamento de nenhum lado, se prescindirmos das opiniões dos bispos que acolheram com benevolência a fundação de um seminário das missões. Como deviam desiludir e doer no mais íntimo do seu ser as palavras do seu irmão Guilherme (Ir. Junípero): “Todos acham que não és apto para isto. Certamente é uma ideia descabida. Por isso, desiste dos teus planos”! Reconheceu, porém, que se tratava da vontade de Deus e era seu dever corresponder e isto deu-lhe forças para prosseguir. E não capitulou. Ficou-lhe a convicção de que, se Deus desejava realmente aquela obra, teria que superar muitos obstáculos ainda.

Já próximo da inauguração da casa missionária, em Agosto de 1875, atingiu-o novo e doloroso golpe quando o pároco Luís von Essen lhe mandou uma mensagem pública na sua revista, afirmando: “você não é o homem indicado, não pode pôr-se à frente de um tal empreendimento, pois faltam-lhe humildade, experiência e conhecimento do mundo, além de não ser bem aceite”. É de admirar como Arnaldo Janssen suportou tudo isso. Fazia-o com a disposição muito consciente de sofrer, entregue à vontade de Deus. De modo semelhante era decepcionante e doloroso que os redactores da revista *Die Katolischen Missionen* o ignorassem, durante anos, como inexperiente e incapaz.

Uma vez fundada a casa missionária, ainda mais do que as condições de pobreza exigidas aos jovens que tinha admitido, atormentavam-no as dificuldades com os primeiros colaboradores a quem chamou co-fundadores. Deviam penalizá-lo duplamente as suas desinteligências com eles, por sentir que ele próprio não encontrava o caminho certo para um entendimento no meio da diversidade de opiniões. Além disso, essas diferenças doíam ainda mais porque ocorrências humanas desagradáveis reforçavam as dificuldades. O pároco Pedro Bill, em cujo nome registou a propriedade da casa, porque tinha nele plena confiança, utilizou essa vantagem contra o Fundador.

O jovem clérigo Reichart, por quem sentia sincera simpatia, deixou-se influenciar contra ele, mostrou especial incompreensão e saiu. Mais tarde, passadas algumas décadas (1903), escreveu a Arnaldo Janssen que sentia profunda vergonha, arrependimento e dor ao lembrar-se do seu comportamento de anos atrás. Na sua cegueira juvenil, tinha servido como que de instrumento ao demônio face ao superior²¹⁰. Expressão da dor que afligia o Fundador naquela época, são as palavras ditas ao seu irmão Junípero: “Ó meu irmão, é como se me arrastassem através de uma sebe de espinheiros”, e logo, segundo consta, rompeu em lágrimas²¹¹.

Volvendo o olhar para essa época, disse Arnaldo Janssen em 1889, ao ditar as suas recordações: “É fácil imaginar quanto sofri naquelas circunstâncias. Quantas vezes suspirei: ‘Meu Senhor e meu Deus, como pode ainda resultar alguma coisa disto?’ Esta situação deixou-me tremendamente oprimido e não admira que tenha ficado mais doente do que já estava. Emagreci visivelmente”²¹². A incapacidade pessoal, ou digamos, também a sua parte de culpa na origem das dificuldades, não é de excluir em todo esse processo. Resumindo, tudo isto constituiu uma grande cruz para o Fundador.

Após a feliz superação das dificuldades iniciais em Steyl, surgiram as grandes preocupações relativas ao rápido crescimento do número de habitantes da casa, especialmente das centenas de jovens em formação, aos quais tinha de garantir o pão de cada dia e muitas outras coisas. Em seguida, exigia-se do Superior Geral uma medida cheia de constância e paciência nas muitas adversidades a que se viram expostas as suas novas fundações e a aceitação de territórios missionários²¹³: Foi especialmente doloroso para ele experimentar ou tomar conhecimento da resistência e outras dificuldades postas por algumas instâncias eclesásticas, por exemplo, à construção da igreja de São Gabriel ou à fundação do seminário de Santa Cruz, na Silésia. Apercebeu-se igualmente que a oposição ao tão necessário alargamento da missão de Shantung Sul, com regiões onde havia cristãos antigos, era devido mais a atitudes pouco amáveis e até

hostis de outros missionários do que a razões objectivas²¹⁴.

Para além das preocupações vindas de fora, pesava sobre os ombros do Superior Geral a grande responsabilidade do cuidado e formação dos numerosos moradores da casa-mãe, como também a necessária ampliação dos edifícios, da tipografia e dos terrenos.

Paciência e sofrimentos como superior

A responsabilidade de Arnaldo Janssen como superior de centenas de padres, irmãos e irmãs a trabalhar em terras longínquas, e cujo número foi aumentando progressivamente, exigia dele muita paciência e consideração. Ele não era naturalmente dotado daquela jovialidade e amabilidade que facilita o trato com as pessoas. O P. Germano Fischer dá a entender quantas preocupações e contrariedades a direcção de toda a Congregação trazia ao Superior Geral, quando escreve: “É preciso considerar quão intranquila, preocupada e assediada pelo sofrimento deve ter sido a sua vida como Superior Geral de congregações religiosas tão numerosas. Eram encaminhadas para ele todas as questões e, em primeiro lugar, as coisas desagradáveis, esperando-se dele remédio para tudo. Diariamente chegavam dezenas de cartas de todos os continentes. Todas continham desejos e pedidos, muitas também relatavam problemas, aborrecimentos, queixas e desilusões, frequentemente também notícias muito dolorosas de doenças e mortes de filhos e filhas espirituais. E, no meio dessas comunicações, quantas mesquinhezes e misérias humanas! Quantos desgostos e preocupações, desnecessários em si, que tão facilmente lhe poderiam ter sido poupados”²¹⁵.

A esta carga diária juntaram-se, não poucas vezes, problemas muito complicados de carácter pessoal, bem como ofensas, afrontas e acusações provenientes mesmo de altas instâncias. Pensemos, por exemplo, na “cruz” de tantos anos que significou para ele o trágico desenvolvimento do “caso Anzer”. O bispo era, para o exterior, uma

personagem mais celebrada do que qualquer outro dos seus confrades. E ele, o Superior Maior, sabia de aspectos negativos graves e de misérias humanas, mas tinha que calar! Em certa ocasião, em que a imprensa adversa falou de novo negativamente sobre o bispo, Arnaldo Janssen viu-se obrigado a escrever a um jornal católico que não lhe pedissem um desmentido do caso, porque, de acordo com as suas informações, os factos eram tais quais os apresentava essa imprensa. É compreensível a penosa dor subjacente a este pedido e o silêncio frequentemente exigido do Superior.

Noutra ocasião foram os professores do seu grande instituto filosófico-teológico de S. Gabriel, em Viena, que, na sua pretensa superioridade intelectual, chegaram a pretender a demissão do Superior Geral. Muito dolorosas foram para ele também as queixas e acusações sobre a comunidade de Steyl e a sua orientação, emanadas de um grupo de irmãos descontentes e levadas para a imprensa e até para Roma. Acerca da conduta de Arnaldo Janssen face a estas acusações, escreve o P. Germano auf der Heide, muito tempo íntimo colaborador do Fundador e, nos últimos anos, seu confessor: “O nosso venerando Fundador praticou a paciência heróica nas contrariedades que lhe foram causadas por ofensas e atitudes hostis que teve de tolerar. Em tais ocasiões não ouvi jamais queixas ou palavras acaloradas. Não pronunciou nunca uma palavra ofensiva contra os seus adversários”²¹⁶.

Também causaram grandes sofrimentos ao Superior Geral perdas dolorosas e dificilmente reparáveis. O caso mais duro foi talvez a morte dos três primeiros reitores do seminário maior de São Gabriel (Viena). Ele precisava de reitores particularmente competentes para aquela casa, que era o seu único instituto teológico com noviciado de clérigos agregado. O primeiro reitor, o seu irmão João, faleceu com apenas 44 anos, em 1898. O sucessor deste, P. Eikenbrock, faleceu em 1901, aos 47 anos. Em Janeiro de 1902, sucedeu-lhe no cargo o P. Breidenbach, que faleceu oito meses depois, aos 44 anos. Apenas um par de anos mais tarde, em Abril,

faleceu outro confrade, da época dos seus colaboradores mais íntimos e difícil de substituir, o conselheiro geral e mestre de irmãos noviços, o P. João Holthausen, com 53 anos.

Os seus secretários relatam-nos quanto Arnaldo Janssen sofreu com estas perdas e experiências e com que admirável paciência as suportou. Só eles se aperceberam de muitos aspectos desconhecidos, dado que o Fundador suportou muitos golpes em total silêncio. Conta o P. Hilger: “Quando lhe chegavam notícias tristes, costumava dizer: “Já estou acostumado a tais golpes. Não deixe de rezar para que disto brotem bênçãos”²¹⁷. Informa o P. José Büttgens, secretário do Superior Geral, juntamente com o P. Hilger, entre 1905 e 1907: “Muitas vezes me admirei e ainda me admiro ao recordar o silêncio e a calma com que ‘engolia pílulas amargas’... A sua confiança em Deus era a rocha em que se apoiava confiadamente no meio dos tormentos e provações”²¹⁸.

“Na mais profunda dor, mantinha-se sereno, como nos conta o já mencionado P. Germano auf der Heide, de modo que exteriormente se mantinha impassível, por exemplo, aquando da morte do seu irmão João e da sua mãe”. E prossegue o P. Germano: “Em certa ocasião fui vê-lo, já tarde. Estava a ler uma longa carta que lhe proporcionou uma das piores humilhações da sua vida. Em poucas palavras informou-me do que se tratava e acrescentou sério, mas com um sorriso: ‘Isto é algo que contribui para a santa humildade. Que Deus me dê a graça de reconhecer os meus defeitos. Vou reflectir se não devo deixar o meu cargo de Superior Geral’. Já antes da oração da manhã do dia seguinte, procurou-me para me dizer: ‘Não fale sobre este assunto. Já o superei’. E, no entanto, tratava-se de uma desilusão muito dolorosa para ele”. Podemos acrescentar que esta desilusão lhe foi causada por um padre ainda jovem em quem ele tinha depositado grande confiança e a quem ainda depois, apesar do ocorrido, entregou cargos de responsabilidade e consultava com frequência²¹⁹.

Merece menção aqui ainda um outro traço da personalidade

de Arnaldo Janssen. Era muito paciente com as pessoas que ele considerava idóneas e competentes, mas que, pelo seu carácter difícil, não se entrosavam bem com os seus colaboradores. Penso, de modo particular, no P. Eberardo Limbrock (1859-1931) e no P. Francisco Tollinger (1867-1963).

Reconhecendo os seus méritos, recomendava repetidamente a outros que tivessem paciência com eles. Exortava-os, porém, que se corrigissem nos pontos censurados. Não perdia facilmente a paciência com eles, ao passo que o P. Nicolau Blum, seu sucessor, mostrou ser menos tolerante. É possível que, às vezes, o P. Arnaldo tenha sido excessivamente indulgente e paciente com o P. Tollinger como superior. No entanto, pela sua paciência, impediu várias vezes que membros competentes e de valor se perdessem desnecessariamente ou cedo demais para as tarefas missionárias.

Conselheiro experimentado na virtude da paciência

A sua experiência permitia a Arnaldo Janssen aconselhar, com grande compreensão, a paciência a outros quando se lhe dirigiam com os seus problemas, preocupações, temores e dificuldades. Fazia-o, amiúde, aproveitando para lhes lembrar o que ele próprio tinha experimentado.

Assim, escreveu ao P. Becher que o tinha informado sobre alguns obstáculos iniciais na sua actividade na Argentina: “Deus quer que pratique a resignação e a paciência. Quantas vezes me detive a reflectir durante os primeiros dez anos em Steyl, suspirando por colaboradores idóneos, porém, nem por isso, eles apareciam. Todo o começo se fundamenta sobre a cruz para poder crescer em altura com a bênção dela²²⁰. Ao P. Frederico Vormann, na Nova Guiné, escreveu em 1903: “Eu também tenho sofrimentos e muitas vezes maiores que o senhor possa imaginar. Procuo, porém, diariamente oferecer-me em sacrifício ao Pai celestial, em união com o nosso

bom Salvador, durante o Santo Sacrifício. Por isso, quando chegam os sacrifícios, abraço-os, beijo-os e dou graças a Deus”²²¹. E ao P. Ricken, reitor de São Ruperto, na Áustria, que o tinha informado de problemas da casa, aconselha: “Fundar obras de Deus é muito penoso e tanto mais difícil quanto maiores forem as bênçãos que delas hão--de brotar. Sinto isso em todas as fundações que me toca fazer, porém, não me queixo e até agradeço a Deus Nosso Senhor pela parte de cruz que me envia”²²². Outras expressões muito semelhantes se encontram em muitas das suas cartas. Gosta de chamar aos sofrimentos e provações “partículas da Cruz de Cristo” ou cita as palavras *Per aspera ad astra* (*é duro o caminho para as alturas*), ou *Per cruce[m] ad lucem* (*pela cruz se vai à luz*).

Para Arnaldo Janssen, um motivo forte para a sua paciência e resignação no sofrimento, foi a consciência de que “Deus o quer”! “Agrada ao Senhor”! “Não desanime jamais face aos sofrimentos e às tribulações – exortava a um superior das missões –, mas agradeça ao Senhor!” Agrada-Lhe provar os Seus servidores para comprovar se confiam n’Ele”²²³. Numa conferência do ano 1902, disse: “Sem dor e sofrimento não se pode amar de verdade a Deus, aqui na terra”²²⁴. E ao P. Conrado Söger do Chile escreveu: “Deus, Nosso Senhor, manda os seus escolhidos à escola do sofrimento”²²⁵. Assim se entendem melhor as palavras que dirigia aos ordenandos durante os exercícios espirituais: “O bonito não é levar uma vida livre de preocupações e sofrimentos, mas sim suportar dificuldades e realizar coisas difíceis pela virtude do Espírito Santo e em união com Jesus”²²⁶.

Diante de alguma cruz, vivia convencido de que Deus concede a Sua fortaleza no sofrimento a quem está disposto a fazer sacrifícios. E é precisamente essa existência da graça divina que nos capacita para realizarmos grandes coisas pelo Senhor e em benefício do Seu Reino. “Os sofrimentos que Deus manda”, disse às irmãs, “não ultrapassarão as forças humanas. Se Deus envia sofrimentos, também concede a fortaleza e a capacidade para suportá-los”²²⁷. Entretanto, é neces-

sária uma atitude de vida perseverante e decidida. “Chega-se a ser homem, não só aprendendo a trabalhar, mas também também aprendendo a sofrer”, escrevia o Superior Geral ao P. António Lux, de São Gabriel²²⁸. Antes já tinha expressado a sua convicção de forma muito decidida no seu *Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*: “Quem é tão covarde que evita a cruz, pois que viva tranquilo a sua vida. Será incapaz de fazer qualquer coisa de grande por Deus e pela Sua Igreja”²²⁹.

Chama a atenção a frequência com que o Superior Geral infunde ânimo mediante a sua própria experiência. Os sofrimentos e provações são precursores e fontes de alegrias e êxitos futuros. Muitas vezes expressava essas ideias com as palavras: “Dos sofrimentos brotam rosas”²³⁰. Escreveu numa carta de 1904: “O caminho para a alegria e a consolação passa pela cruz. Não desanimes, pois, por ora, tens que ser bom carregador da cruz”²³¹. Ao P. Henrique Neuenhofen que, no Equador, passava por momentos de sofrimento e perigo em 1894, escreveu: “Todos os sofrimentos que Deus manda são graças, que sempre nos proporcionam bens mais excelsos; isto já me aconteceu muitas vezes e você também o experimentarás. Por isso, ânimo! Os sofrimentos também nos preparam para alegrias maiores”²³².

Numa conferência de 1886 disse: “Após os esforços, sofrimentos e trabalhos virá a hora da alegria e do prémio”²³³. E aconselhou o P. José Reinke, gravemente enfermo e cuja morte significou para ele uma grande perda, com estas palavras: “somos peregrinos a caminho de uma pátria melhor e não nos podemos queixar dos incômodos da viagem. Sim, temos que nos alegrar, pois nos garantem que, em breve, estaremos diante do trono celestial”²³⁴.

Arnaldo Janssen tornara-se mais maduro, passando através do crisol de muito sofrimento, o que enchia a sua alma de alegre esperança numa pátria eterna melhor.

10. PAI DOS SEUS: ESFORÇO PARA SER AMÁVEL

Nos *Apontamentos Pessoais* de 1906, também chamados o seu *Testamento Espiritual*, escreve Arnaldo Janssen: “Com frequência me propus e me esforcei por ser para todos os meus súbditos um pai bom e sábio e uma mãe afectuosa. No entanto, Deus Nosso Senhor sabe como tenho desempenhado mal este propósito maternal e paternal”²³⁵. Com estas palavras, diz claramente que estava consciente da sua natural falta de amabilidade. Outros também lhe confirmaram essa carência no relacionamento com as pessoas. Estava certo, porém, que Deus o incumbira da fundação e do crescimento da obra missionária iniciada em Steyl, chegando a tornar-se pai espiritual de um grande número de padres, irmãos e irmãs. Por conseguinte, devia esforçar-se por adquirir esse amor paternal e a amabilidade que o testemunhasse. Nisto se empenhou honrada e corajosamente. Essa luta por conquistar um amor compreensivo e uma cordialidade afável talvez seja o traço mais belo do seu esforço para adquirir a virtude.

O P. Hilger até acentua, o que à primeira vista poderia surpreender, que o carácter do Fundador era marcado inicialmente pela dureza. Disse textualmente numa conferência de 1925: “Devo falar ainda do amor praticado pelo P. Arnaldo? Pois bem, salta aos olhos que, amando a Deus com afecto íntimo e profundo, também devia alcançar um grande amor ao próximo pela simples razão de que o primeiro acarreta o segundo. Mas que teve de travar uma luta bastante árdua consigo mesmo, só o puderam suspeitar aqueles que,

estando em contacto estreito com ele, puderam observar, às vezes, os impulsos inatos da sua dureza e falta de consideração. A sua cordial afabilidade e delicada consideração para com todos, também para os que lhe tinham causado amargos sofrimentos, não eram dons naturais, mas virtudes superiores, adquiridas na dura luta da vida. E é por isso que o seu amor ao próximo é considerado heróico²³⁶. Vejamos como e com que sucesso Arnaldo Janssen se esforçou por conquistar uma amabilidade cordial.

Esforço apoiado na oração

Nos primeiros tempos e durante vários anos, na casa missionária por ele fundada, Arnaldo Janssen levou muito pouco em conta que os religiosos, como todas as pessoas requerem e esperam um bom trato humano na comunidade e, particularmente, da parte dos superiores. De facto, essa atmosfera de cordialidade e acolhimento deixava muito a desejar na jovem casa missionária, enquanto, por outro lado, se exigia e fomentava uma rigorosa observância religiosa e muitas práticas devocionais. Essa situação foi uma das causas que fizeram com que a diferença de caracteres e opiniões entre o Fundador e os seus primeiros colaboradores provocasse, na Primavera de 1876, choques e tensões tais que quase levaram à morte a obra recém-iniciada.

O P. Medits, lazarista de Viena, desde 1883 conselheiro e amigo de Arnaldo Janssen, ao visitar pela primeira vez Steyl para organizar o noviciado, viu e percebeu logo que certos rigores desnecessários do horário e também o carácter do reitor causavam descontentamentos. Como amigo que era, conversou francamente com ele, fazendo-lhe ver também certos aspectos da sua conduta pessoal.

Arnaldo Janssen aceitou essas observações com docilidade. Por ocasião da celebração dos seus vinte e cinco anos de sacerdó-

cio, em 15.08.1886, no final, dirigiu-se à comunidade, agradeceu as felicitações que lhe tinham expressado na sua qualidade de pai da casa e acrescentou textualmente: “Procurarei ser um pai sempre melhor. Perdoem-me que ainda o não seja bastante e rezem para que seja um pai cada vez melhor e suportem pacientemente os meus defeitos e falhas”²³⁷.

Por estas palavras vemos que, por muito que se esforçasse, naturalmente, não se transformou tão depressa. Em Maio de 1887, aludindo aos seus esforços, ainda não coroados de pleno êxito, escreveu ao P. Medits: “Rogue por mim, reverendo amigo, implorando o amor e a brandura do Espírito Santo que conquista os corações. Creio ter avançado um tanto neste aspecto, mas ainda me falta muitíssimo”²³⁸.

Medits voltou a Steyl no ano seguinte, 1888, por um período de quatro semanas com a finalidade de introduzir os sacerdotes no noviciado. Ali, ouviu justamente destes, várias queixas e críticas acerca do reitor. Também naquela oportunidade Janssen aceitou de bom grado o que Medits lhe disse, por exemplo: “Devo confessar-lhe que é minha convicção que o seu coração não é ainda o coração de uma mãe para os seus”²³⁹. O reitor prosseguiu então nos seus esforços. Entre outros pormenores, elaborou para si uma lista de todos os onomásticos a fim de felicitar cada um no dia do seu padroeiro e continuava a rezar e a mandar rezar para conseguir ser mais paternal. Das sete santas missas que, como já foi mencionado, queria celebrar todos os anos na igreja do Espírito Santo em São Gabriel por intenções especiais (pelo Santo Padre, os seus conselheiros, os bispos, etc), reservou para a sétima a seguinte intenção: “Por mim mesmo: a) para obter sabedoria, amor, mansidão e bondade como superior e pai dos meus subordinados; b) pela graça de não contristar jamais o Espírito Santo e de cumprir sempre fielmente a Sua vontade”. Juntou a este propósito a observação: “É proveitoso para mim rezar com frequência, especialmente após a santa missa: dá-me, Senhor, a graça do discernimento próprio de um pai sábio e o coração de

uma mãe carinhosa com os seus filhos. Desejo para todos os meus confrades amor e alegria no Espírito Santo”²⁴⁰.

Tal como tinha feito em Steyl, em 1886, também em São Gabriel pediu publicamente orações a fim de se tornar amável como um pai. Por ocasião do seu onomástico celebrado em 19 de Julho, festa de São Vicente, a quem venerava como seu patrono, disse aos estudantes que o felicitaram: “O que vocês expressaram nas felicitações recorda-me também o dever que tenho de amar de coração os meus súbditos. Rogo ao Coração de Jesus e peço ao amor eterno do Espírito Santo que me comuniquem cada vez mais esse amor. E se desejam prestar-me um serviço muito especial, ajudem-me a implorar algo da plenitude do amor divino para o meu frio coração. No entanto, neste momento, não tenho em vista em primeiro lugar o amor a Deus, mas o amor a todos vós. Como ficaria agradecido a Deus Nosso Senhor e a vós se me obtivessem esse amor”²⁴¹.

Parece-me que não se podem manifestar com maior clareza e força o desejo e os esforços de Arnaldo Janssen para adquirir bondade paternal para com os seus, através da sua própria oração e da oração de outros.

Correspondência de Arnaldo Janssen: testemunho de amor compreensivo

Além do desejo das orações para adquirir amabilidade, importa verificar se Arnaldo Janssen, com o tempo, se tomou realmente mais bondoso e amável, em comparação com os seus primeiros anos em Steyl. Talvez o testemunho mais impressionante não só dos seus esforços, mas da sua efectiva e afectuosa compreensão e do seu bondoso amor seja a sua abundante correspondência.

Já vimos a quantidade de cartas que ele, como Superior Geral, escreveu aos seus padres, irmãos e irmãs no mundo inteiro. Foi para

ele um trabalho penoso, realizado, depois dos primeiros dez a vinte anos, com a ajuda de um ou dois secretários. Vários deles testemunharam acerca da sua consciente oração e afã em escrever com afecto, compreensão e prudência, mas também com franqueza e verdade. Assim, as suas cartas, especialmente os rascunhos que guardou durante os primeiros dez anos ou mais, cheios de correcções e alterações, ditadas todas elas depois de muita oração ao Espírito Santo, constituem um testemunho singular do seu grande esforço para ser amável.

Na introdução da denominada *Inquisitio Historica*, isto é, das respostas às perguntas e dificuldades no processo da beatificação, encontramos esta característica da correspondência de Arnaldo Janssen: “Preocupava-se com todo o cuidado em não ser injusto com ninguém e não ferir o amor ao próximo de modo nenhum. Quando tinha que corrigir ou admoestar alguém, não o fazia nunca sem antes recorrer a uma introdução amiga e calorosa. Não lançava a reprimenda com irritação, antes com autodomínio, movido pela sua paternal solicitude de ajudar o confrade. Não se encontra na sua abundante correspondência nenhuma palavra áspera... Mesmo na repreensão, transparecia sempre o respeito pela pessoa do outro, como filho de Deus²⁴². Entre os testemunhos, que nos deixaram os secretários do P. Arnaldo acerca de estilo epistolar cuidadoso e amável, está o do P. Alberto Völlmecke, ordenado sacerdote em 1903 e ocasionalmente secretário do Fundador a partir de 1906: “Se, nos primeiros anos da sua fundação, o P. Arnaldo foi severo, até muito severo, tanto mais suave e bondoso se foi tornando com o passar dos anos e ao atingir a plena maturidade. Como seu secretário particular, tive que lidar, às vezes, com assuntos muito delicados, relacionados com o meu cargo. Acontecia, às vezes, que tinha que lhe ler alguma carta, redigida exactamente como ele a tinha ditado, e onde ele considerava alguma passagem demasiado brusca. Depois de longas correcções, optava finalmente pela expressão mais suave e encarregava-me de escrever de novo a carta e tornar a

apresentá-la. Mesmo assim, muitas vezes não a podia enviar, porque a sua formulação ainda lhe parecia muito dura, ou melhor, não suficientemente suave. O P. Arnaldo abanava a cabeça branca e opinava: “Temos que redigi-la de outra maneira”. Juntos procurávamos, então, uma formulação mais delicada ainda, até encontrá-la. E, só então, depois de escrever e ler a carta pela terceira vez, achava que estava boa”²⁴³.

Alguns exemplos extraídos das suas cartas ajudar-nos-ão a esclarecer o estilo afectuoso e prudente característico da sua correspondência. Vejamos como Janssen escreveu em 23.7.1904 ao P. Nicolau Blum, seu eficiente procurador, na altura reitor de Steyl e, mais tarde, seu próprio sucessor: “Durante a viagem de Bischofshofen para aqui, li o relatório que teve a gentileza de me enviar sobre os padres e irmãos de Steyl. Obrigado pela alegria que me causou. Reconheço no seu relato o reitor cumpridor do seu dever com quem estou totalmente satisfeito, ainda que ele não o esteja consigo próprio. Também isso é verdade: todo o ser humano está condicionado por imperfeições que lhe vêm da frente, de trás, da direita e da esquerda. Por isso, não desanime ao observar essas fraquezas... E, quando observar os defeitos dos seus súbditos, não subestime os seus dotes positivos nem deixe de confiar neles”²⁴⁴.

Ao P. Henrique Pöpping, professor do seminário de Nepi-Sutri, Itália, escreveu o Superior Geral: “Deus Nosso Senhor o abençoe, estimado P. Pöpping. Rogo-lhe que me escreva com franqueza como está a passar actualmente. Lembro-me sempre com alegria daquela vez que estive sentado durante duas horas a seu lado, na Villa Borghese (parque Pincio em Roma), onde conversámos sobre vários temas... Que o Espírito Santo o abençoe, estimado P. Pöpping, e o ajude a não perder a esperança e a confiança, mas a perseverar pacientemente, mesmo quando as coisas se tornam mais difíceis por algum tempo. Essa é a atitude de um verdadeiro apóstolo e suponho que o senhor a tem”²⁴⁵.

O P. Henrique Hahn durante algum tempo quis tornar-se

beneditino. Entretanto, permaneceu no Verbo Divino e foi reitor em St. Wendel, de 1906 a 1911. Naqueles momentos de crise vocacional escreveu-lhe o Superior Geral: “Se vê imperfeições na nossa Congregação, deveria sentir-se impelido tanto mais a ficar e a trabalhar com todas as suas forças contra essas falhas... O senhor não crê que a Congregação do Verbo Divino é obra de Deus? Porque deseja, então, retirar-se dela, se a ela deve o seu sacerdócio e a sua educação e já realizou tanto bem aqui? Que má e perturbadora impressão daria a tantos jovens, cujo afecto ganhou como educador e que ainda o estimam! É certo que eu não sou como deveria ser. Mas, por acaso, a congregação é obra minha? Não é ela obra de Deus? De resto, tenho procurado com toda a sinceridade cumprir sempre a santa vontade de Deus. E talvez Ele me ajude ainda a libertar-me cada vez mais daquilo que a outros não lhes parece bem na minha pessoa. Não é minha intenção deter-lhe os passos numa coisa que reconhece claramente como sendo a vontade de Deus. Eu sempre lhe dediquei afecto, mesmo nos sofrimentos que me causou e aos quais nunca me referi (penso em vários casos concretos dos últimos meses)... Pelo contrário, mantenho-lhe sempre o meu afecto e respeito e desagradar-me-ia vê-lo partir”²⁴⁶.

O P. Conrado Söger, professor do seminário de La Serena (Chile), de 1903 a 1909, tinha perdido o ânimo. O P. Arnaldo escreveu-lhe em 1904: “Preocupa-me muito a sua desconfortável situação. Não vejo, porém, outra coisa que o senhor queira ou possa fazer senão perseverar. Não foi ideia minha que o senhor começasse a leccionar tão cedo. Pensei que, antes, iria aperfeiçoar-se no estudo do espanhol... Se a sua situação actual é tão difícil e insuportável, rogo-lhe que delibere com o seu reitor, P. Grötter, sobre que decisão tomar. E depois pense no seguinte: Deus Nosso Senhor deixou-me chegar a esta situação, tão dura e amarga para o homem natural em mim, para o meu próprio bem. Talvez eu não seja ainda como Ele espera. Ele deseja purificar-me pelo fogo da tribulação para me fazer muito pequeno e modesto aos meus próprios

olhos. Neste caso, a casca seria dura e amarga, porém, o caroço doce e salutar.

Ajude, por favor, a Deus e procure tornar-se naquilo que Ele deseja de si. Ele abreviará, então, os dias de aflição... Oferecerei três santas missas por si para o encomendar à bondade do Espírito Santo e para Lhe solicitar, por um lado, força e fortaleza na dor e, por outro, o rápido fim desse sofrimento. Abençoo-o na Sua santa caridade e saúdo-o de coração, estimado, bom e sofrido P. Söger”²⁴⁷.

Na sua carta de 24.02.1902, ao P. Matias Willems do Brasil, encontramos um exemplo particularmente belo de como o P. Arnaldo procurava dar uma séria advertência em termos muito amáveis. O rascunho, conservado no arquivo geral, traz várias correções manuscritas do Fundador e mostra-nos a sua preocupação em escrever com clareza e seriedade mas, ao mesmo tempo, também com afabilidade. Eis o texto quase completo da carta:

“Estimado P. Willems!

Receba para o novo ano os meus mais cordiais desejos de felicidade e bênçãos divinas com o pedido ao bom Deus que o abençoe copiosamente, em corpo e alma... E como vai, querido e bom confrade? Desde que está na América já trabalhou com grande ardor e suportou muitos sofrimentos corporais e espirituais. Permita-me que lhe dirija algumas palavras bondosas e fraternais. Estimo-o de todo o coração, pois vejo que tem a melhor das intenções e procura agradar ao Senhor mediante um autêntico, sincero e grande amor ao sacrifício...

Deus Nosso Senhor também o ama muito. Prova disso são os dons e talentos sobremaneira valiosos que lhe concedeu. Já fez muito bem com eles. Entretanto, poderia ter feito muito mais se não fossem certas fraquezas que prejudicam a sua acção.

Permita-me, querido confrade, que lhe chame a atenção a esse respeito. O senhor poderia ocupar um lugar muito mais relevante na Congregação e na missão se essas fraquezas não estivessem

presentes na sua vida. Seria, além disso, motivo de maior agrado a Deus e maior simpatia das pessoas, o que redundaria num trabalho muito mais frutuoso. Permita-me dizer-lhe o que penso, estimado P. Willems. É dura esta obrigação própria de um Superior. Já sabe do que se trata? Tenho a impressão que lhe chamei a atenção para isto noutra oportunidade, aqui na Europa. Dado, porém, que o dito defeito voltou a reaparecer em Juiz de Fora, devo, embora a contragosto, lembrar-lho de novo. O senhor não poderia dominar-se um pouco mais e tornar-se melhor no trato com aquelas pessoas que não lhe agradam ou de quem recebeu alguma ofensa? Porque não falar mais com elas em vez de romper toda a relação com essas pessoas? Outros não fazem isso da mesma maneira e, por isso, quantos o notam, atribuem a culpa, não àqueles que o senhor trata assim, mas a si próprio. Certo é que Deus Nosso Senhor não aprova tal conduta e as pessoas também não. Todos pensam então: meu Deus, que homem estranho! O senhor perde, assim, muito do seu prestígio e, por conseguinte, em vez de ser um autêntico servo de Deus, neste mundo, está ainda longe disso. Portanto, deve abandonar essa peculiaridade, custe o que custar. Deve procurar superar-se neste ponto.

Certamente esta tarefa ser-lhe-á pesada. Mas, por favor, ponha mãos à obra com ânimo. Nesta mesma semana, celebrarei uma santa missa por si, a fim de que tenha êxito. Oferecerei igualmente a santa comunhão por si. E fique certo, estimado P. Willems, que lhe tenho profundo e grande afecto e que não lhe guardarei ressentimento enquanto trata de se corrigir.

Deus Espírito Santo o abençoe! Que Maria, nossa amada Mãe, a quem o senhor tanto venera, lhe transmita a sua amabilidade e amor aos seus semelhantes.

Saúda-o de todo coração, com todo afecto e estima, o seu afectuosíssimo pai espiritual no Senhor,

Arnaldo Janssen²⁴⁸.

A resposta do P. Willems de 30.4.1902 a esta objectiva e séria exortação do Superior Geral deve considerar-se como uma reacção à amável formulação dessa exortação que, ao mesmo tempo, se pode designar como uma oração atendida. Sabemos que o P. Janssen, antes de enviar uma carta deste teor, se punha de joelhos com os seus secretários para orar pelo destinatário a fim de que ele aceitasse a dita missiva com espírito adequado. O P. Willems agradeceu de coração essa carta e a exortação, pediu perdão com humildade e prometeu corrigir-se.

O Superior Geral promove o espírito comunitário

Os esforços despendidos pelo Fundador e Superior Geral para conseguir ser mais amável aparecem com o correr dos anos não só na sua correspondência, mas também num vigoroso e fraterno espírito de união que conseguiu imprimir na sua Congregação. Não foi só mérito seu, mas a sua contribuição foi grande.

Com o decorrer dos anos, Arnaldo Janssen tornou-se mesmo cada vez mais amável. Atestam-no muitos confrades e irmãs, particularmente os seus colaboradores mais chegados, que tiveram a oportunidade de o conhecer melhor. Precisamente o P. António Hilger, no mesmo discurso em que alude à dureza e severidade iniciais de Arnaldo Janssen expressa-se assim: “ele tornou-se uma pessoa sociável”²⁴⁹.

Digno de consideração é o juízo emitido pelo P. Guilherme Gier, de quem conservamos várias apreciações bastante críticas sobre o Fundador. Disse ele: “Se compararmos o P. Arnaldo dos anos oitenta e noventa com o da década de 1900, já não o reconhecemos na sua fisionomia caracteriológica”, e acrescentou, como também o sublinhou o P. Hilger: “Não teve predisposição natural para isso; foi pura virtude”.

Chama fortemente a atenção como os confrades e as irmãs, que tinham conhecido pessoalmente o Fundador, ressaltam nas suas lembranças precisamente a sua amabilidade. Conservamos esses testemunhos em três dossiers do Secretariado Arnaldo Janssen de Steyl. Como, porém, a amabilidade não foi um dom natural do Fundador, está claro que os ditos testemunhos são uma prova clara dos seus esforços para adquirir esta virtude²⁵⁰.

São muitos os que relatam que o Reitor e Superior Geral praticava e promovia, de forma crescente, a convivência fraterna. Durante anos, até que a comunidade, já muito numerosa, o tornou impraticável, convidava os padres e irmãos, inclusivamente os alunos, cujo onomástico tinha caído durante a semana em curso, a tomar café com ele no seu gabinete de trabalho. Mais tarde, foi introduzida a festa familiar para celebrarem em conjunto todos os onomásticos. Ao pequeno-almoço, gostava de prolongar um pouco a conversação com os seus colaboradores mais chegados e secretários particulares. Nessas ocasiões procurava motivos que permitissem o colóquio ou conversação, já que o pequeno-almoço era normalmente tomado em silêncio. Aproveitava, assim, para prolongar o estarem juntos conversando. Foram precisamente essas ocasiões as que, aparentemente, deixaram o P. Hilger com a impressão de que o Fundador se tinha tornado mais sociável. “A conversação na sua presença”, relata-nos o P. Hilger, “tinha sempre um carácter familiar, descontraído... Ele é dessas pessoas que sabem rir de coração”²⁵¹.

O Reitor manifestava um grande apreço e agradecimento pelo trabalho esforçado dos irmãos. Visitava, de preferência e com agrado, os irmãos da cozinha que, nos dias de festa, tinham mais trabalho. Por isso, celebrava com eles de modo muito especial a sua padroeira, Santa Marta. Passava esse dia com eles, como também outras ocasiões especiais na quinta de Sant’Ana²⁵².

Durante o recreio da noite gostava de se juntar a grupos de irmãos e jogar com eles, por exemplo, ao loto. O Ir. Martinho Jürgens, um dos mais antigos, conta-nos que, nestes momentos, havia

sempre muita descontração e alegria. O mesmo conta o Ir. Celestino Berginann em Steyl desde 1890. Escreve ele nas suas *Recordações*: “Quando o Fundador faltava a alguma festa, faltava também o brilho, o calor humano e o sol... A sua mera presença pessoal engalanava e enobrecia a celebração”²⁵³. O P. Augusto Arand completa: “O Fundador não sabia contar piadas, mas gostava muito de as ouvir contar aos outros, desde que não ofendessem. Por isso, nunca houve uma celebração onomástica com ele presente que não fosse ocasião de animada alegria”.

Vem ao caso o que escreveu o P. Frederico Rademacher nas suas *Recordações*: “Pouco antes de partir para as missões (Argentina, 1903), fiquei a conhecer o P. Arnaldo de um modo inesperado: ele sabia rir de coração. Fomos dar um passeio com o nosso Fundador, à quinta de Sant’Ana, o P. Söger, o P. Ludemann e eu. Evidentemente, queria proporcionar-nos alegria e unir-se mais aos jovens sacerdotes que iam partir para as missões. Estava risonho e de bom humor. O P. Söger, então, um homem alegre e entusiasta, transbordante de chistes e brincadeiras, conhecia pormenores engraçados relacionados com o Frater Henrique Wortel que, mais tarde, morreu na Nova Guiné. Entre outras coisas, contava que Wortel, à noite, ao despir-se, se pendurava apoiando-se na parte superior da parede da cela, deixando cair as calças curtas de couro, que ficavam de pé, esticadas. Na manhã seguinte, subia para a parte mais alta da cama e como um sapo saltava para dentro das calças. Então, o Fundador desatou a rir e finalmente não aguentando mais, exclamou: Chega! Agora vão-se embora”²⁵⁴.

O Superior Geral gostava de alegria e que a comunidade a manifestasse. Em São Gabriel disse uma vez ao Frater Riedel: “Ouvi dizer que você tem um coração alegre. Não permita que ninguém lho arrebate, nem mesmo o mestre de noviços”²⁵⁵. Encontramos entre os seus princípios um que reza: “Devemos esforçar-nos por conservar um espírito alegre no amor de Deus”²⁵⁶. Nesta linha, escreveu ao P. Löcken na Argentina: “Oxalá não o tenha abando-

nado ainda o seu bom humor e não deixe de contagiar com a sua alegria também os outros”²⁵⁷.

Afectuosamente preocupado com os doentes

Para ele, os doentes constituíam uma bênção divina especial e uma fonte de bênçãos para a Congregação e as missões. Os enfermos deviam ser bem atendidos. Gostava de os visitar. O P. Hilger opina que, possivelmente, nenhum Superior os visitou com tanta frequência como o Fundador²⁵⁸. Comenta o Ir. Agnus Miebach muitos anos enfermeiro de Steyl: “As visitas do P. Fundador ao entardecer eram realmente emocionantes. Ia de cama em cama, inclinava-se sobre os enfermos e informava-se com interesse da sua saúde. Rezava com eles, passava-lhes água benta pela testa e dava-lhes a bênção”²⁵⁹.

Na correspondência de Arnaldo Janssen, chama a atenção a frequência com que exorta cada um a preocupar-se com a saúde e a cuidar dentro do razoável do seu vigor corporal. Quando sabia da enfermidade de um confrade, informava-se sobre o seu estado de saúde, como por exemplo, se a tosse persistente tinha cedido²⁶⁰.

Um sinal muito notório de autêntico amor aos seus, foram as repetidas intervenções em favor deles, quando caíam sobre eles suspeitas, acusações ou condenações injustas. Defendia-os, então, sem olhar à sua própria pessoa e prestígio, sem poupar esforços nem temer incompreensões. Já mencionámos alguns casos da sua intervenção. Assim, por exemplo, em favor do seu irmão João, perante o cardeal prefeito da *Propaganda Fide* e a decisão com que defendeu a atitude dos missionários José Freinademetz, Agostinho Henninghaus e outros no caso Anzer. E quando o prefeito da *Propaganda Fide* lhe solicitou que pedisse ao prefeito apostólico do Togo, P. Bücking, que se retirasse do seu cargo, Arnaldo Janssen exigiu que ele esclarecesse que o prefeito do Togo que não tinha

incurrido em culpa ou incapacidade, mas que a moção provinha de “outra instância”, seguramente do governo alemão. De modo semelhante, defendeu Arnaldo Janssen os seus missionários, os distribuidores de revistas e os irmãos viajantes. Era pai dos seus e carinhoso na sua preocupação com eles, quer quando precisavam da sua ajuda quer em dias de celebração e festas comunitárias.

Atitude agradecida e carinhosa face a estranhos

Arnaldo Janssen demonstrava uma atitude carinhosa também com as pessoas de fora. Frequentemente recordava aos seus a gratidão devida aos benfeitores. Em consequência, procurava demonstrar o seu reconhecimento aos moradores de Steyl e Tegelen que se tinham mostrado tão solidários nos primeiros anos de grande pobreza e carência da casa das missões, ajudando-os generosamente. Para esse efeito fundou, entre os estudantes de teologia, que permaneceram em Steyl até 1889 e parcialmente até 1902, uma espécie de conferência de São Vicente de Paulo. Um grupo de clérigos devia procurar pessoas carenciadas em Steyl e Tegelen e ajudá-las com alimentos, vestuário, alojamento, etc. Chegaram a construir uma casa para uma família. A outros pobres levaram uma cama nova ou o mobiliário completo de um quarto ou aquilo de que necessitavam. O Superior queria ser informado regularmente sobre as actividades deste grupo²⁶¹.

Em favor dos outros numerosos benfeitores, particularmente dos promotores de revistas, o P. Arnaldo mandava rezar e oferecer santas missas sempre de novo. Quando visitavam o seminário, ocupava-se pessoalmente deles. Algumas cartas de agradecimento a benfeitores ou em favor deles são particularmente emocionantes. Neste sentido, escreveu várias vezes ao reitor do seminário de Santa Cruz em favor do senhor Ernesto Kolbe. Este tinha sugerido, antes de 1880, a publicação do *St. Michaelskalender*. Foi o seu primeiro

redactor e articulista por muitos anos. Depois, casou-se e passou necessidades em Berlim. O Superior Geral dirigiu-se, então, em 17 de Maio de 1904, ao P. José Weber, reitor de Santa Cruz em seu favor nos seguintes termos:

“Não tenho dúvida que este bom senhor tinha vocação para o sacerdócio. O erro maior que, então, cometeu – não sei por que circunstâncias – foi contrair matrimónio. Desde essa época, segundo me parece, a felicidade abandonou-o. Ele esforçou-se honradamente, mas não deixou de padecer grandes necessidades com certa frequência. Tive, pois, ocasião de ajudá-lo e retribuir-lhe assim, mais do que o suficiente, os artigos que nos tinha escrito, anos atrás. Estou certo que, com isso, porém, não termina a nossa dívida de gratidão. Devemos continuar a ajudar este pobre homem e agradecer a Deus Nosso Senhor, que nos dá a oportunidade de cumprir um dever de caridade em favor de uma pessoa de nobres sentimentos. O maior benefício que poderíamos fazer-lhe seria conseguir-lhe alojamento numa casa de saúde durante dois, três ou quatro meses. Ali poderia convalescer melhor do que em qualquer outro lugar. E, quem sabe, mudar-se de lá para Nysa, para poder ganhar algum dinheiro dando aulas particulares”²⁶².

No ano seguinte, o P. Arnaldo escreveu uma carta semelhante ao P. João Reidick, sucessor do P. Weber.

Em geral, o Fundador desejava que os pobres, que vinham à portaria das nossas casas, recebessem alimentação conveniente. A Ir. Gudula (Elisabete Reusch), Irmã da Divina Providência, que trabalhou em Steyl entre 1880 e 1887 aproximadamente e vários anos na cozinha, escreveu nas suas recordações daqueles anos: “Um dia, o Reitor chegou à cozinha e encomendou que cozinhássemos, daí por diante, sopa, carne e legumes para mais de 50 pobres de Tegelen. ‘Mas, senhor Reitor, disse eu, onde vamos conseguir as coisas?’ Eu pensava que iríamos à falência; porém, não aconteceu assim”²⁶³.

Segundo o testemunho do P. Hilger, ao sair de viagem, o Superior Geral lembrava sempre que devia levar moedas suficientes

para dar aos pedintes que encontrasse. Também era muito generoso em dar gorjetas. Depois de pagar a um cocheiro e acrescentar-lhe um marco de gorjeta, muito dinheiro para a época, confidenciou ao seu acompanhante, o P. Miguel Scholl: ‘Este tipo de esmola, muitas vezes, dá mais resultado do que um sermão’²⁶⁴. O Ir. Lanfrancus Reutler relata-nos outro caso que mostra a generosidade do Superior Geral: ‘Por motivo da morte do marido, a minha mãe foi conversar com ele, que lhe entregou 15 marcos, acrescentando que voltasse à casa de Santa Cruz, caso viesse a sofrer outras necessidades’²⁶⁵.

Um outro belo traço do Fundador de Steyl foi o manter boas relações com os que tinham saído ou tinham sido despedidos da Congregação do Verbo Divino. Através da correspondência e envio do *Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*, manteve informados sobre o seminário das missões e o seu desenvolvimento os dois “co-fundadores”, Pedro Bill e Francisco Reichart, que tinham iniciado a obra com ele, mas se tinham afastado pouco depois. Convidou-os várias vezes a visitar Steyl. O pároco Bill voltou efetivamente entre 8 e 12 de Fevereiro de 1883. Reichart, ordenado, entretanto, sacerdote em Salford (Inglaterra) visitou também Steyl, mas só depois de muitos anos, em 1902. Ficou, naturalmente, muito impressionado com tudo o que viu. Lamentavelmente, o P. Arnaldo não estava em casa, mas em São Gabriel. Reichart escreveu-lhe, depois, de Salford que ele, como já foi mencionado no seu diário de 1887, ficara sobremodo confuso e envergonhado. Ao saber que o P. Arnaldo respondera que já não devia ver as coisas nessa perspectiva, assegurou-se que o sucedido fora obra da divina Providência. Sem Bill, ele não teria podido iniciar a obra. De maneira que conservava os seus méritos, principalmente por lamentar, agora, a sua atitude indevida de então. Confiava que (escreve): “Se o senhor, assim o desejar de coração, também encontrará na eternidade um lugar entre nós”²⁶⁶.

É igualmente gratificante ler o que Bornemann escreveu acerca

das repetidas vezes que o Reitor readmitiu um dos primeiros alunos, José Hardes. Este tinha pintado uma grande imagem de Maria na parede da antiga pousada e primeira casa das missões que dá para o rio Mosa. Mas pouco depois saiu. Atendendo aos seus pedidos, o Fundador readmitiu-o. E, igualmente, uma segunda e terceira vez, quando tinha voltado a sair. Tem-se a impressão de que as readmissões se deviam à sua gratidão pela pintura de Maria que tanto alegrou os moradores da casa por muito tempo²⁶⁷.

Arnaldo Janssen, seguramente, não conseguiu modificar, de maneira essencial, o seu carácter nem o seu estilo marcadamente sóbrio e racional. Mas procurou honestamente ser bom e afectuoso a fim de ser um bom pai para os seus, e até, nas suas próprias palavras, uma mãe afectuosa. Praticou a virtude do amor ao próximo de modo exemplar.



Casa-mãe dos Missionários do Verbo Divino em Steyl (1975).

II

**ESPIRITUALIDADE
DE ARNALDO JANSSEN**

11. ENTREGUE AO SENHOR E CONDUZIDO PELO SEU ESPÍRITO

Disse o P. Hilger numa conferência de 1925 sobre o P. Arnaldo, repetidamente citada: “Se a santidade consiste propriamente no consciente e constante apoio em Deus Nosso Senhor, sustentado pelas virtudes praticadas em grau heróico, eu não saberia dizer que santo o possa ter superado nesse aspecto”²⁶⁸. O seu íntimo apoio em Deus levou-o a uma profunda reverência fundada numa fé inabalável diante de Deus Uno e Trino. O compromisso pessoal de se entregar totalmente à vontade divina resultou num esforço constante por uma vida virtuosa.

Arnaldo Janssen herdara dos seus pais uma profunda atitude religiosa que o impeliu nos seus primeiros anos de sacerdócio a assumir, paralelamente à sua actividade docente, outro trabalho apostólico no espírito do Apostolado da Oração. Levou-o, depois, após prolongada reflexão, a esta certeza: “Deus quer que eu funde o seminário das missões”.

Esta convicção orientou toda a sua vida e acção dali por diante, tal como as conhecemos. Armou-o de uma grande confiança e da consciência de sentir-se enviado e responsável pela Obra; movia-o a esforçar-se incansavelmente pelo desenvolvimento e direcção das suas congregações religiosas-missionárias; capacitou-o para um desempenho inteligente e de vistas largas, nunca antes imaginadas; fortaleceu-o nas múltiplas provas e obstáculos a que não foi poupado. Animado

por esta profunda atitude religiosa, tornou-se, cada vez mais, um homem – segundo a expressão do P. Hilger – “que estava mergulhado, com mãos e pés, nas misérias temporais deste mundo, enquanto os seus pensamentos moravam, de forma permanente, na esfera sobrenatural”²⁶⁹.

Que características assumiam a vida de oração, a piedade e a espiritualidade do P. Arnaldo? Quais foram os princípios da sua acção tão fecunda?

Oração..., muita oração

Desde a infância, Arnaldo Janssen tinha aprendido a rezar muito e a ocupar-se de Deus. Que ele foi pela vida fora uma grande alma orante, aperceberam-se todos os que viviam na sua proximidade. Verificaram-no os alunos e mais algumas pessoas em Bocholt. Também as religiosas em Kempen, para cujo convento se mudou em 1874. Sabiam-no igualmente os seus colegas, sacerdotes diocesanos, que de resto se impressionaram pouco com as suas capacidades e o criticaram quando lhes falou dos seus planos em favor de um seminário missionário.

Na casa missionária de Steyl, as práticas de oração do Fundador e Superior tornaram-se, naturalmente, a medida do que se devia fazer na comunidade. A breve trecho, porém, verificou-se que os seus hábitos de piedade ultrapassavam muito as expectativas e capacidade dos jovens. Quando se apercebeu dessa situação, o Superior diminuiu o número e a duração dos exercícios de piedade, deixando, porém, ainda uma boa medida que, muitas vezes, aumentava em momentos de necessidade das missões, organizando-se, então, adorações diurnas e noturnas.

Um traço muito característico da preocupação de Arnaldo Janssen em praticar e promover um estreito contacto com Deus foi a instituição da denominada *Oração dos Quartos de Hora*, rezada em todas as comunidades. Trata-se de invocações breves, recitadas

individual ou alternadamente em comunidade. As três primeiras invocações, que P. Arnaldo gostava de chamar “actos das virtudes santíssimas”, são pedidos breves das virtudes teologais da fé, esperança e caridade. Já as tinha recomendado na *Oração da Noite* composta para uso dos seus familiares nos anos da sua juventude. Aparecem com um complemento de actos de humildade e arrependimento e uma comunhão espiritual no pequeno manual de admissão ao *Apostolado da Oração*, de 1866, e no *Pequeno Manual para a Oração Comunitária*, de 1871²⁷⁰.

Por sugestão do P. Medits, lazarista, acrescentou-se em 1884, uma súplica ao Espírito Santo de maneira que, em vida do P. Arnaldo, a oração tinha o seguinte teor:

- V. Senhor, pela veracidade das Tuas palavras,
 R. Creio em Ti, meu Deus.
 V. Pela fidelidade das Tuas promessas,
 R. Espero em Ti, meu Deus.
 V. Pela Tua imensa bondade,
 R. Amo-Te, meu Deus.
 V. Pela minha mísera condição de pecador,
 R. Humilho-me diante de Ti, meu Deus.
 V. Pelo ardente amor do meu Salvador no SS.mo Sacramento,
 R. Desejo-Te, amado Jesus.
 V. Rogo-Te que me dê
 R. As águas vivas da Tua graça.
 V. E envia-nos do Pai
 R. O Espírito Santo.
 V. Que Ele nos conceda reconhecer claramente
 as Suas santas inspirações
 R. E segui-las com perseverança. Amén²⁷¹.

É provável que o costume de praticar estes actos de virtude todos os quartos de hora tenha sido introduzido em Steyl em mea-

dos de 1876 por sugestão de João Baptista Anzer, que conhecia uma prática semelhante dos quartos de hora, mencionada na biografia do bispo Jorge Wittmann (1760-1833), escrita em 1859²⁷². Em todo o caso, essa prática um tanto incomum manteve-se em uso durante dezenas de anos nas comunidades de Steyl. E, mesmo hoje, *A Oração dos Quartos de Hora* não está esquecida, embora as suas invocações tenham sido um pouco modificadas através dos anos²⁷³.

Arnaldo Janssen praticou com grande fidelidade e recolhimento a *Oração dos Quartos de Hora* como atestam os seus secretários. O excesso de trabalho, que pesava sobre os seus ombros devido à rápida expansão da sua obra, não lhe permitia dedicar mais horas extra à oração. E tinha ainda a obrigação de rezar o *breviário* (liturgia das horas) que, então, era bastante extenso. Além disso, participava regularmente nas numerosas orações comunitárias. De madrugada, era o primeiro a aparecer na igreja e rezava a via-sacra ainda antes da oração da manhã. E quando o oprimiam problemas graves, gostava de ir alta noite ou de madrugada à igreja, onde rezava, prostrado diante do tabernáculo. Assim foi surpreendido com frequência tanto em Steyl como em São Gabriel²⁷⁴.

Oração de fiel entrega a Deus

As numerosas orações particulares e comunitárias e os exercícios de piedade introduzidos pelo P. Arnaldo Janssen parecem--nos hoje um tanto exagerados na sua abundância. E, na sua formulação de então, acreditamos que não sejam praticáveis hoje. Para o Fundador, contudo, foram oportunidade e meio para perseverar com grande constância na atitude religiosa fundamental da sua vida.

É evidente que as preces do Fundador e Superior Geral tinham, com frequência, como objectivo elevar a Deus súplicas ardentes pelo fiel cumprimento das suas tarefas que eram de grande res-

ponsabilidade. Quando rezava de noite, prostrado diante do tabernáculo, recomendava a Deus intenções de especial importância. Quando, antes da santa missa, colocava debaixo do corporal uma carta ou um texto preparado da regra que o preocupava naqueles instantes, desejava pedir a Deus, naquela celebração, a solução de um problema difícil ou a versão adequada de algum texto importante.

Quando o preocupavam grandes problemas, orava longamente, logo após a santa missa, pois esses instantes lhe pareciam especialmente propícios para obter graças. Informa-nos o P. Medits: “Fervorosíssimas eram as suas preces, especialmente após a santa missa, para mover Deus a tornar realidade a fundação na Áustria. Quantas vezes tive que esperar meia hora e mais até poder levá-lo a tomar o seu primeiro café. Sabia que não havia tempo melhor para obter graças especiais como depois da santa missa”²⁷⁵.

Chama a atenção a ênfase posta por Arnaldo Janssen em recomendar a oração de intercessão, por exemplo, na sua oração vespertina juvenil e nos escritos relativos ao Apostolado da Oração. Na casa missionária gostava de rezar em companhia dos seus confrades por diversas intenções e por variados grupos de pessoas. Fazia-o regularmente na oração diária da noite que, então, já trazia intercessões muito semelhantes às do *Vademecum* de 1912 e às de quase todos os manuais de oração de Steyl das décadas seguintes. Aos exemplos já dados anteriormente, juntamos aqui só duas orações de intercessão muito apropriadas, de fácil memorização, incluídas na *Oração da Noite* da época e segundo o espírito de Arnaldo Janssen. “Oremos pelos nossos enfermos: Pai celestial, olhai com olhos de misericórdia a enfermidade dos vossos filhos e socorrei-os com a força do Vosso braço onnipotente! Ó Maria, saúde dos enfermos, rogai por eles!” “Rezemos por todos os que pertencem ou aspiram ao sacerdócio ou ao estado religioso: Ó Espírito Santo, preservai-os de todos os perigos do corpo e da alma. Iluminai o seu entendimento para que Vos conheçam como Pai do amor e da luz e afastai deles o príncipe das trevas e da perdição. Dai-lhes um

coração puro e forte e infundi-lhes o espírito de humildade e sacrifício”²⁷⁶.

Em quase todas as cartas do Superior Geral aparece a sua promessa de oração ao respectivo destinatário, especialmente quando precisava de tratar de um assunto mais sério com o confrade. Fazia-o também durante as suas permanências em Roma, por exemplo, em todas as cartas ao seu irmão João, que então se encontrava em Steyl: “Quando mo permite o tempo, passo por São Pedro ou junto do túmulo dos santos Apóstolos, donde sempre vos ofereço a todos vós e vossas intenções ao Senhor, implorando d’Ele que vos conceda a todos um autêntico espírito apostólico e a graça de uma verdadeira contrição do coração. E, nestes instantes, volto em espírito a Steyl e vejo que é bastante comprida a lista daqueles por quem devo rezar e, porque me agrada recordar-me de cada um, seja sacerdote, aluno, postulante ou trabalhador (ainda não havia irmãos em Steyl em 1881), resulta que tenho assunto suficiente pelo qual deva rezar”²⁷⁷.

Uns vinte e cinco anos mais tarde escreveu aos irmãos de Steyl igualmente de Roma: “Recordo-me muito de todos vós nos santos lugares de Roma, especialmente em São Pedro, onde se encontram os sepulcros de três padroeiros nossos, S. Pedro, S. Paulo e S. Gregório, e onde se encontra também a cabeça de Santo André. Fiquei de joelhos bastante tempo diante dos seus túmulos e procurei rezar por todas as intenções e pessoas pelas quais devo rezar”²⁷⁸.

Arnaldo Janssen era um homem eminentemente racional de modo que foram poucas as ocasiões em que transpareceu nele alguma emoção especial durante a oração. E, no entanto, podia-se observar, às vezes, quanto estava possuído de Deus na sua união de oração com Ele. Isto vale muito especialmente para as celebrações natalícias da meia-noite introduzidas por ele. Então as preces de rogação, que ele mesmo tinha composto sobre o mistério da Encarnação do Verbo, rezadas diante da imagem do Menino Jesus, no salão de festas, transbordavam de uma impressionante união filial. E,

ainda, o modo como colocava com profundo respeito a imagem do Menino Jesus no andor processional para fazer outro tanto na igreja e recliná-lo no presépio. Tudo isso manifestava directamente emoção e reverência místicas diante do grande mistério. O P. Germano Fischer, testemunha e participante, durante anos, dessas celebrações que narra na biografia do P. Arnaldo, conclui a sua descrição com as palavras:

“Quem observasse, naqueles momentos, o sacerdote ancião ajoelhado no pavimento, diante do Menino Jesus e escutasse as suas fervorosas orações, enquanto o seu rosto se transfigurava pela devoção e santa alegria interior, nunca mais podia esquecer a profunda impressão sentida. Durante o dia, seguramente, o piedoso sacerdote voltava ao tema da noite anterior, ocasião em que os seus olhos fulguravam com um brilho sobrenatural que irradiava a sua íntima felicidade”²⁷⁹.

Pôde-se presenciar a mesma fé profunda, acompanhada do abandono à vontade de Deus, ao encontrar-se o Fundador junto à urna do P. Jorge Breidenbach, falecido em 1902, quando era o terceiro reitor do seminário de São Gabriel. O Ir. Gentianus (1875-1962), que pôde contemplar essa cena inesperada e totalmente despercebida, conta-nos a sua experiência: “O Fundador, ajoelhado junto do caixão, manteve, por muito tempo, uma espécie de diálogo com o falecido. Posso apenas repetir as palavras pelo contexto da conversa. Primeiro, desejou expressamente ao falecido felicidade para o regresso ao Pai: ‘De facto, P. Reitor, disse-lhe, sorrindo, esta foi uma partida difícil! Foram dias duros. Mas agora já tudo passou, já acabou toda a dor. Que bom é o Senhor! Ele faz tudo bem’.”

E acariciou a cabeça do sacerdote falecido com o carinho próprio de uma mãe para com o seu filho. Parecia concentrar-se em si mesmo como que para recordar a sua própria situação. Pronunciou palavras de entrega à vontade divina, de total reconhecimento e conformidade com Deus, ora muito sério e suspirando, ora alegre e sorrindo. Uma oração, entre sorrisos e lágrimas, de total submis-

são, entrega e confiança”²⁸⁰.

Que Arnaldo Janssen praticou a oração muito conscientemente como contacto permanente com Deus, evidencia-o um propósito anotado entre os *Pia Proposita (Propósitos Piedosos)* do seu diário de viagem: “Pensa nos olhos de Deus que te contemplam e não os entristeças”. É fácil entender que o P. Hilger tenha resumido as suas reminiscências acerca do Superior Geral, no centenário do seu nascimento, nas palavras: “A coisa mais admirável no nosso Pai Arnaldo é que ele vivia totalmente imerso em Deus e pensava em categorias divinas... que estava sempre na presença de Deus e queria agir somente conforme a vontade divina”.

Esse “viver e pensar em Deus” e “desejar somente agir em conformidade com a vontade de Deus” foram sinal do seu autêntico abandono ao Senhor e, ao mesmo tempo, cerne daquilo a que hoje se prefere chamar espiritualidade. Porque *espiritualidade* compreende “a relação pessoal do ser humano com Deus” ou “a atitude vivencial de entrega a Deus e à sua causa”. Manifesta-se não somente na oração e no culto (quer dizer, como honrar e adorar a Deus), mas também no serviço à Igreja e à humanidade”²⁸³. O carácter distintivo da espiritualidade ou piedade depende essencialmente do modo como o crente vê e adora Deus. Arnaldo Janssen via Deus sob três aspectos, dos quais resultou o seu serviço aos homens: 1º – Deus Trino no Seu conjunto; 2º – O Verbo de Deus Eterno e Encarnado; 3º – O Espírito Santo.

A Deus Uno e Trino, toda a glória!

A importância central da Santíssima Trindade na espiritualidade de Arnaldo Janssen transparece de tal maneira em numerosos escritos seus (regras, prescrições, orações, conferências e cartas), que é de admirar que, no passado, nem todos tenham visto aí um dos traços característicos da sua espiritualidade. Face à real

multiplicidade das suas práticas de oração e formas de piedade (alguns denominaram-no simplesmente asceta eclético), passaram por cima da centralidade e acentuação do mistério trinitário na vida e oração de Arnaldo Janssen. Aqueles, porém, que aprofundaram o tema, sublinharam com toda a clareza que a Santíssima Trindade impregna efectivamente toda a vida espiritual do Fundador.

Assim já escreveu o P. Germano Fischer no seu livro *Tempel Gottes seid ihr (Vós sois Templo de Deus)*: “No centro da piedade de Arnaldo Janssen ergue-se, em forma mística e dominante, o culto ao mistério trinitário do qual todas as suas práticas de piedade derivam, sublimidade, beleza e fecundidade”²⁸⁴. E o P. Pedro McHugh salienta: “A Santíssima Trindade constitui o autêntico fundamento de toda a espiritualidade de Arnaldo Janssen”²⁸⁵. Em termos semelhantes se expressa o P. Pedro Sessolo em *La Spiritualità di P. Arnaldo Janssen (A espiritualidade do P. Arnaldo Janssen)*²⁸⁶. É notável, também, que um estranho, o bispo Nicolau Hemmerle de Aachen (Alemanha), tenha dito numa conferência, durante um capítulo provincial SVD em Santo Agostinho, Alemanha, em 1986: “Estou fascinado pela medida com que Arnaldo Janssen insiste sempre de novo na Trindade”²⁸⁷.

Esta veneração tão acentuada da Santíssima Trindade em Arnaldo Janssen teve as suas raízes, como já se disse, na casa paterna e levou-a ele para a vida, como já o demonstrou na *Oração da Noite* da sua juventude, composta para os seus familiares. O estudo de teologia segundo São Tomás de Aquino e, mais ainda, o livro de Scheeben *Os mistérios do Cristianismo* fortaleceram-no, quando ainda jovem sacerdote, na contemplação e culto de Deus Uno e Trino.

Na sua qualidade de Fundador e Superior Geral, acentuou, sempre de novo, a total orientação do orar e agir para Deus Uno e Trino. Em todas as constituições, aparece a festa da Santíssima Trindade como festa principal das suas três congregações: Congregação do Verbo Divino, Missionárias Servas do Espírito Santo e

Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua. As primeiras Constituições SVD, de 1891, e igualmente as das Irmãs, de 1892, continham uma regra própria “sobre a veneração da Santíssima Trindade”²⁸⁸.

O próprio Fundador foi autor de muitas orações particularmente belas à Santíssima Trindade. Fazia com que se recitassem sempre de novo tanto os textos das orações diárias da manhã e da noite, como também orações específicas, por exemplo, o início da oração indulgenciada, tão recomendada: “Seja conhecido, amado e glorificado por todos os homens Deus Uno e Trino, a Omnipotência do Pai, a Sabedoria do Filho e o Amor do Espírito Santo”, ou a saudação: “Viva Deus Uno e Trino nos nossos corações” no cabeçalho das cartas para uso interno dos membros das suas congregações.

Também outras orações da sua autoria são fortemente orientadas para a Santíssima Trindade, por exemplo, as súplicas diante do presépio, no Natal, as “orações para as sextas-feiras”, denominadas também “oferecimento de Jesus crucificado”. Gostava também de considerar, noutras devoções, a sua relação com a Santíssima Trindade. Assim, na Sagrada Eucaristia e, de modo singular, no Sacratíssimo Coração de Jesus, via o trono da Santíssima Trindade, que o Verbo Encarnado, como eterna Palavra de Deus, intimamente ligada ao Pai e ao Espírito Santo, mora em Jesus Cristo. Gostava de contemplar a alma em estado de graça, como o templo do Espírito Santo ou de toda a Trindade. Nas devoções aos anjos e santos que muito cultivava e recomendava, acentuava com frequência e insistência a primazia do culto de Deus Uno e Trino.

A Trindade e Maria

Arnaldo colocou singular cuidado e carinho na veneração da Mãe de Deus. Assim, escolheu, premeditadamente, festas de Maria

para a fundação das suas congregações: a Natividade de Maria (8 de Setembro) para a Casa Missionária de Steyl e os Missionários do Verbo Divino; e a Imaculada Conceição (8 de Dezembro) para as Irmãs Missionárias e Adoradoras. Desejava que o dia de trabalho dos seus fosse enquadrado pelo *Angelus*, com a *Avé Maria*, de manhã, e com a antífona mariana correspondente e o *Nos cum prole pia – benedicat Virgo Maria (com o seu Filho bendito abençoe-nos a Virgem Maria)*, à noite.

Nas suas casas, igrejas e capelas, e nos jardins com grutas, podiam-se apreciar numerosas imagens da Mãe de Deus. Recomendava sempre de novo a veneração de Maria. Promovia o rosário, já antes em Bocholt, em forma de rosário vivo e distribuía milhares de terços aos hóspedes e especialmente aos participantes de retiros, em Steyl. Nas igrejas de Steyl e de São Gabriel, introduziu a confraria do rosário. Com particular agrado, considerava Maria como a Filha do Pai Celeste, Mãe do Divino Filho e, sobretudo, como Esposa do Espírito Santo.

A Trindade e os Anjos e Santos

Sinais da sua grande veneração aos anjos são os nomes que deu às suas primeiras casas: São Miguel, em Steyl (Holanda), São Gabriel, em Mödling (Viena) e o colégio de São Rafael, em Roma. Em grau crescente, a igreja superior de Steyl, totalmente decorada segundo a vontade e as disposições de Arnaldo Janssen, constitui um monumento à grande veneração tributada pelo Fundador de Steyl aos anjos²⁸⁹. Gostava de contemplar os anjos na sua qualidade de adoradores e servidores de Deus Uno e Trino diante do Seu trono. No seu culto aos santos, praticado e promovido com a mesma afeição, é interessante observar que as orações que compôs aos santos, especialmente aos padroeiros da Congregação, se dirigem sempre na primeira parte a Deus Uno e Trino ou ao Espírito Santo, para Lhe

agradecer e O louvar pela Sua acção nos santos e através deles. Na segunda parte a oração dirige-se, então, propriamente aos santos.

A Trindade: primeiro e sempre

Apesar do seu acentuado culto à Mãe de Deus, aos anjos e aos santos, o P. Arnaldo realçou, como já se expôs, a adoração directa a Deus. A veneração dos santos é conscientemente um culto indirecto a Deus. Fez uma ampla exposição destes pensamentos numa conferência aos seus sacerdotes de São Gabriel²⁹⁰. Nos seus apontamentos de 1906, denominados *Testamento Espiritual*, tornou a versar o tema que, evidentemente, lhe era muito caro. Disse ali: “A veneração dos santos é católica porque Deus quer que os Seus amigos sejam amados e venerados e que possam ser invocados como intercessores... A veneração dos santos é um culto indirecto a Deus. Ele deseja-o, mas de tal maneira que Ele próprio seja invocado, adorado e venerado de forma imediata e primacial. Também não leva a mal que alguma mulher simples, pouco instruída, ao entrar numa igreja, para ali apresentar os seus pedidos, não procure de imediato o sacrário mas se dirija à Virgem. De uma pessoa instruída, porém, espera-se outra atitude”. O sacerdote deve entender e considerar, continua Arnaldo Janssen, que muitos fiéis se sentem mais atraídos pela nossa carinhosa Mãe Maria. “Os nossos confrades, porém, devem procurar cultivar principalmente a adoração e o louvor de Deus e das três Santíssimas Pessoas de forma directa e imediata”²⁹¹.

A Ir. Maria Renata Heine, SSpS, escreve sobre a importância do culto da Trindade na vida de Arnaldo Janssen: “O Deus do Amor insondável é a fonte, o foco e a meta da espiritualidade verbita. Este mistério da nossa fé cristã constituiu a força dominante na vida e obra de Arnaldo Janssen. A certeza de estar cativado pelo mistério de Deus Uno e Trino não foi para ele um mero conceito teológico

mas uma íntima relação vivida conscientemente com o Pai, o Filho e o Espírito Santo”²⁹².

O facto de Arnaldo Janssen adorar Deus na Sua Unidade e Trindade, sobretudo como um excelso e incompreensível Senhor e Criador de todos os seres, fundamentou a sua própria e profunda reverência e entrega a Deus. Mas a glória de Deus Uno e Trino haveria de servir de meta final para toda a actividade missionária que o Fundador apontou como tarefa específica dos seus institutos religiosos. Por isso, escreveu nas Constituições de 1891: “Dado que Deus é Trino nas Suas Pessoas, a glorificação da Santíssima Trindade é a nossa primeira e última meta, e a nossa Congregação honrará todas as Pessoas da Santíssima Trindade do melhor modo possível”²⁹³. E acrescenta mais adiante: “Consideramos como fim específico da nossa Congregação a propagação da fé e a conversão dos pagãos... porque quão infelizes são já nesta vida e quão infelizes serão na eternidade se não se converterem nem reconhecerem, mediante o Espírito Santo, o Pai e Jesus Cristo a quem Ele enviou”²⁹⁴.

Pensamento essencialmente idêntico encontramos-lo nas novas constituições SVD de 1983, em redacção mais precisa e adequada à concepção teológica e missiológica de hoje. Reza assim: “A festa da Santíssima Trindade é a festa principal da Congregação. Nela celebramos o mistério do envio do Verbo Eterno e do Espírito Santo, raiz da nossa própria vocação missionária. Com efeito, somos enviados a proclamar a glória e o amor de Deus Uno e Trino e a convidar aos homens a entrar, pelo baptismo em Seu nome, na plenitude da vida divina”²⁹⁵.

Comprometido com o envio do Verbo Eterno

Dentre as Pessoas Divinas, Arnaldo Janssen adorava preferencialmente o Verbo Eterno e Encarnado e também o Coração de

Jesus, sede do Verbo Encarnado. Como em tantas outras coisas, também aqui descobrimos a herança familiar. Como não se haveria de gravar no seu espírito o início do evangelho de São João: “No princípio era o Verbo...”, que tantas vezes era lido em forma de oração no seu lar? E a eloquência com que o pai se referia à grandeza sublime do Verbo Divino? Por isso, pareceu muito apropriado e compreensível que Arnaldo, quando fundou a casa missionária, depois instituto, a denominasse Congregação do Verbo Divino. No entanto, esperava-se antes que lhe desse o nome do Sagrado Coração de Jesus de acordo com o título da sua revista missionária de 1874, *O Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*.

É verdade que, como jovem sacerdote em Bocholt, e sobretudo desde que começou o trabalho para o Apostolado da Oração em honra do Sagrado Coração, o culto do Coração de Jesus ocupou o primeiro lugar nas suas devoções. Era a época do Papa Pio IX, durante a qual essa devoção foi largamente promovida e difundida. É inegável que Arnaldo Janssen chegou a orar, pensar e agir na linha apostólico-missionária através do culto do Sagrado Coração de Jesus. Mandava rezar com frequência e ele próprio rezava pelas “grandes intenções do Sagrado Coração de Jesus”, como gostava de se expressar. Estas compreendiam principalmente o retorno da fé à Alemanha e, quando, devido ao *Kulturkampf*, desapareceram as expectativas de um retorno, incluiu, de forma muito marcante, a conversão dos pagãos mediante a acção missionária. No novo seminário das missões de Steyl, empregava-se uma saudação, introduzida pelo Fundador, que frequentemente recordava o Sagrado Coração de Jesus e a Sua tarefa missionária a quantos moravam na casa: “Viva o Coração de Jesus nos corações dos homens”. Arnaldo Janssen, ao anunciar a abertura da casa das missões, no número de Maio de 1875, no seu *Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*, encerrava a comunicação com as seguintes palavras: “Assista-nos o Verbo Divino que mora no Sagrado Coração de Jesus!”²⁹⁶

Nos estatutos, elaborados com João Baptista Anzer em Maio/

Junho de 1876, o Fundador estabeleceu o nome da sua comunidade como “Congregação do Verbo Divino em honra do Rei e da Rainha dos Anjos” ou, mais brevemente, “Congregação do Verbo Divino”²⁹⁷. As constituições de 1885, 1891, 1898 que se seguiram, explicam o nome da seguinte maneira: “O Verbo (Palavra) de Deus é, a saber:

- a) a Palavra do Pai que é o Filho;
- b) a Palavra do Filho Encarnado que é o Evangelho de Jesus Cristo;
- c) a Palavra do Espírito Santo que abrange toda a Sagrada Escritura e as palavras dos profetas, apóstolos e sacerdotes, na medida em que falam movidos pelo Espírito Santo”²⁹⁸.

Mais tarde, deixou-se cair esta explicação de modo que ressaltasse com maior clareza: “o titular da Congregação é a Pessoa do Verbo Divino Encarnado”. Sobre o Verbo de Deus dizem as Constituições de 1891: “Adoraremos, amaremos e seguiremos Jesus Cristo, o Verbo de Deus Encarnado, como o nosso mais excelso modelo, pois Ele próprio é o nosso caminho, verdade e vida. E em honra do Verbo Encarnado, traremos sobre o peito a medalha do Sagrado Coração de Jesus com o símbolo do Espírito Santo, e todas as vezes que pronunciarmos as palavras “e o Verbo se fez Carne”, faremos uma reverência ou genuflexão”²⁹⁹. Estas últimas palavras referem-se à medalha da Congregação do Verbo Divino que se entregava aos confrades aquando da primeira profissão de votos para que a trouxessem ao pescoço, sobre o peito. Além da representação do Coração de Jesus, encimado pelo Espírito Santo, havia as palavras: *Et Verbum Caro factum est (E o Verbo Divino encarnou)*. O Fundador mandou-a multiplicar em forma de escultura policromada de gesso em relevo e difundiu-a largamente.

As constituições, posteriormente aprovadas pela Santa Sé,

anteriores ao Concílio Vaticano II, apenas indicavam o nome da Congregação com a breve observação de que o Verbo Divino “é o modelo de toda santidade a quem se deve honrar de maneira especial”. Depois do Concílio (1962-1965), as constituições religiosas já podiam e até deviam conter reflexões ascéticas, como era o caso das constituições elaboradas por Arnaldo Janssen. Foi assim que as novas constituições SVD de 1983 incluíram numerosas motivações sobre o sentido e o significado do nome do Verbo Divino para os membros desta congregação missionária³⁰⁰.

Nas suas constituições, que bem poderiam denominar-se a “oração-programa” dos Missionários do Verbo Divino, Arnaldo Janssen ensinava os seus a honrar o Verbo de Deus, recordando-lhes diariamente o seu titular e, ao mesmo tempo, a sua missão apostólica de continuar o envio do Verbo Encarnado. As orações comunitárias, rezadas várias vezes ao dia, terminavam com estas palavras: “Diante da Luz do Verbo e do Espírito da Graça, afastem-se as trevas do pecado e a noite do paganismo”. Mais tarde, acrescentou-se uma segunda parte, em resposta comunitária: “E viva o Coração de Jesus nos corações dos homens”. Este texto, tantas vezes escutado e recitado, ia-se fixando na mente e no coração dos confrades e dos jovens aspirantes das comunidades de Steyl e motivava-os a reflectir sobre a sublime beleza do seu nome e a sua tão significativa missão de vida.

Mais ainda, o P. Arnaldo procurou realçar o titular da sua Congregação e propô-lo como modelo permanente, prescrevendo o canto solene do prólogo do evangelho de São João aquando da tomada de hábito e profissão de votos e no início de capítulos gerais e provinciais.

O modo e o fervor com que Arnaldo Janssen contemplava pessoalmente o mistério da Encarnação do Verbo Divino ficaram demonstrados não só na procissão da noite de Natal, mas também na sua alta estima pelo prólogo joanino e pelo *Angelus*. Em várias orações, uniu a veneração do Verbo Divino com a do Sagrado

Coração de Jesus, contemplando o Coração de Jesus como morada do Verbo Divino feito homem. Na mesma linha, relacionava estreitamente o Verbo Encarnado com a Palavra Eterna de Deus e o Espírito Santo; portanto, com toda a Santíssima Trindade. Gostava, especialmente, de unir no mesmo culto o Coração de Jesus e o Espírito Santo que tinha santificado e enviado o Verbo Divino ou, por outras palavras, o Coração de Jesus para salvar a humanidade. Esta reflexão leva-nos ao terceiro elemento da espiritualidade de Arnaldo Janssen: o culto ao Espírito Santo.

Guiado e santificado pelo Espírito Santo

O culto ao Espírito Santo marcou a vida de Arnaldo Janssen e das suas congregações mais fortemente do que o culto à Santíssima Trindade. Também isto se fundamenta na espiritualidade aprendida no seio da família. Do seu próprio testemunho consta que, já antes da sua ordenação, se tinha proposto celebrar, sem estipêndio, às segundas-feiras, a santa missa em honra do Espírito Santo, bem como a missa dominical em honra da Santíssima Trindade. Nisso, seguiu o costume do seu pai que participava, aos domingos, numa segunda missa em honra de Deus Uno e Trino e, à segunda-feira, voltava a participar numa missa em honra do Espírito Santo.

Quando fundou a casa das missões, Arnaldo Janssen cultivava em primeiro lugar o culto ao Sagrado Coração de Jesus. Contudo, desde o primeiro dia, mandou rezar ou cantar, pela manhã, na sua comunidade, o hino ao Espírito Santo *Veni Creator (Vem, Espírito Criador)*. Essa prática introduziu-a em todas as suas comunidades. Sabemos que essa devoção ao Espírito Santo recebeu uma motivação nova e muito vigorosa da parte do sacerdote vicentino, P. Fernando Medits, que conheceu em Viena em 1882 e logo se tornou seu amigo e conselheiro. O P. Medits, por sua vez, era influenciado por Madalena Leitner (1840-1911) que promovia o culto ao Espírito

Santo, baseada supostamente numa revelação³⁰¹. Recordemos que foi Medits, quem, numa carta de 1883, levou o Fundador a acrescentar uma invocação ao Espírito Santo à sua *Oração dos Quartos de Hora*³⁰².

Mas a devoção ao Espírito Santo na casa missionária intensificou-se desde o início de muitas outras maneiras. Daí em diante, começou-se a celebrar a festa de Pentecostes de modo soleníssimo com adoração durante três dias. João Janssen, irmão do Fundador, animado e apoiado por este, publicou vários livros sobre o Espírito Santo. O próprio Arnaldo deu início, a partir de 1887, a um suplemento de quatro páginas intitulado *Descei, Espírito Santo* no seu *Pequeno Mensageiro do Coração de Jesus*, denominado *Mensageiro Missionário de Steyl* depois de 1900. Até 1907 foram quarenta e quatro os suplementos que a revista publicou escritos ou sugeridos por Arnaldo Janssen. Além disso, no capítulo geral de 1884-1886, foi decidido fundar, oportunamente, uma congregação religiosa feminina que levaria o nome de “Filhas do Espírito Santo”. O projecto tornou-se realidade em 1889 com o nome de *Servas do Espírito Santo*.

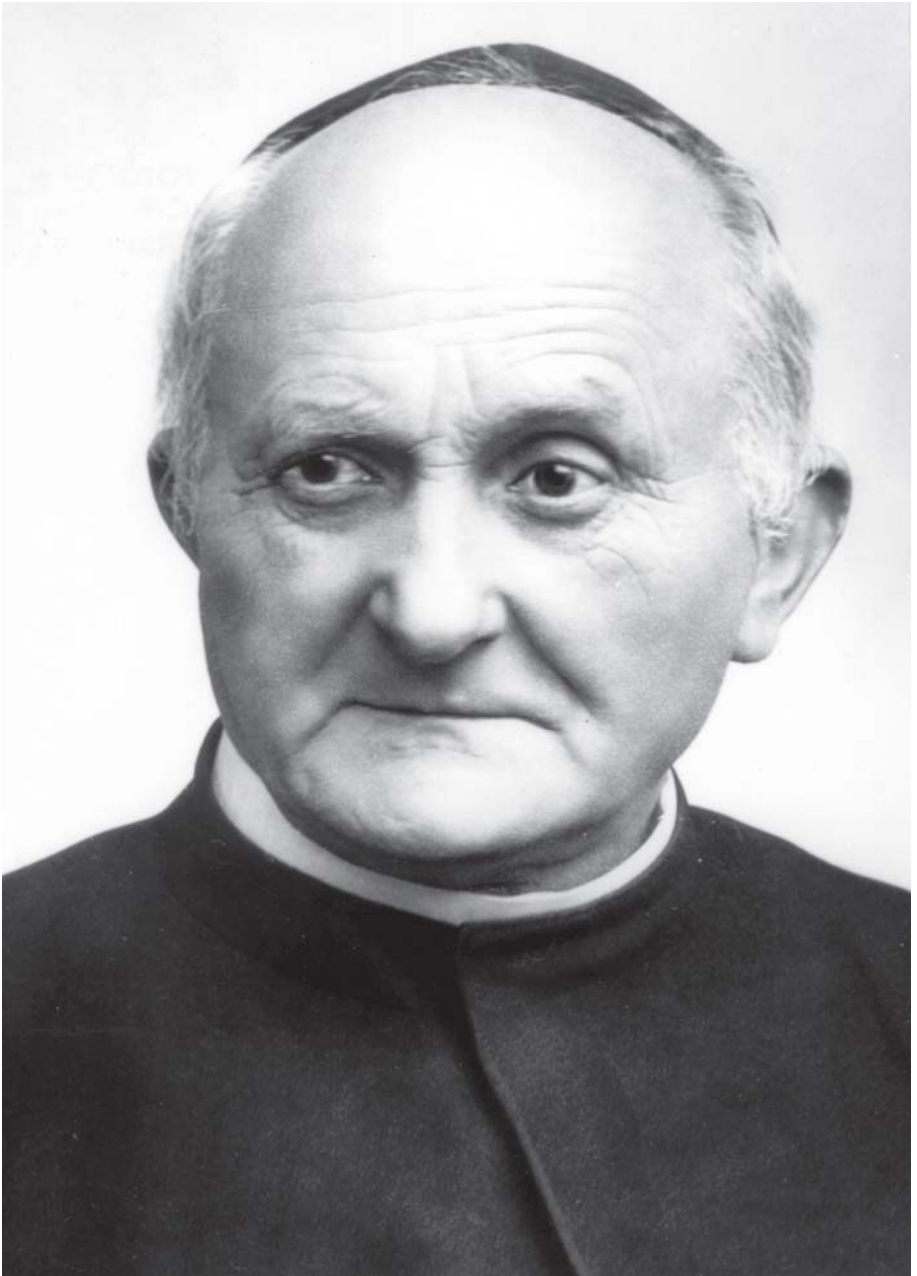
Já antes da fundação, Arnaldo Janssen tinha escrito sobre a relação entre o culto ao Coração de Jesus e o Espírito Santo. Por sugestão do arcebispo de Colónia, Paulo Melchers, enviou-lhe um *Memorial referente à consagração da Alemanha ao Divino Coração de Jesus* (1872). Aí expunha alguns pensamentos pouco comuns: “O Coração de Jesus”, repleto das graças do Espírito Santo, é destinado a salvar e santificar o mundo inteiro. “Por isso, continua ele, a devoção ao Coração de Jesus é ao mesmo tempo uma veneração das graças do Espírito Santo que Jesus mereceu por Sua obediência até à morte na cruz”³⁰³.

Além disso, escreveu em 1874 um artigo no *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus* sobre as “Riquezas do Divino Coração de Jesus”, onde se lê: “Dado que o coração é a sede da alma e porque a divindade de Jesus estava unida à Sua

humanidade, mediante a Sua alma, assim o Coração de Jesus é também a morada da Segunda Pessoa da Divindade. Mas, não só da Segunda Pessoa, dado que ainda mais estreita do que a relação entre a divindade e a humanidade de Jesus é a relação das Pessoas da Santíssima Trindade entre si... Portanto, toda a Santa Trindade mora no Coração de Jesus: a onnipotência do Pai Eterno, a beleza e a sabedoria do Verbo Eterno e o amor e as riquezas do Espírito Santo”³⁰⁴.

Arnaldo Janssen sintonizava principalmente com o sentido das palavras da Sagrada Escritura: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois o Senhor me ungiu para levar a Boa Nova aos pobres”³⁰⁵. E, como Jesus atribuía a Si mesmo estas palavras do profeta Isaías, pode-se dizer com razão: Deus Espírito Santo ungiu e enviou Jesus, o Verbo Encarnado, para anunciar e fazer chegar à humanidade a boa nova da Redenção. Este pensamento encontra a sua mais bela expressão, da parte de Arnaldo Janssen, na devoção do mês de Junho, que ele próprio introduziu, simultaneamente, como devoção ao Coração de Jesus e ao Espírito Santo. Já a encontramos na primeira edição do livrinho de orações de Steyl, chamado *Vademecum* do ano de 1887. Estas orações, compostas por Arnaldo para o mês de Junho, mantiveram-se quase inalteradas até às últimas edições. No essencial, têm o seguinte teor: “E Tu, Espírito Santo, que és o próprio Amor e por amor formaste o Coração de Jesus e O enche-te dos Teus sete dons, derrama os dons deste Divino Coração nos nossos corações, a fim de que, n’Ele e com Ele, te honremos, glorifiquemos e amemos a ti e ao Verbo Encarnado. Unidos a Ti e ao Coração de Jesus amaremos e honraremos o Pai com amor filial para nos tornarmos dignos de permanecer Seus amados filhos por toda a eternidade. Amen”³⁰⁶.

Devemos acrescentar as preces que iniciam esta devoção do mês de Junho. Pedimos nelas que Jesus nos envie do Pai o Espírito Santo com os Seus sete dons, de modo que nos transforme em conformidade com as virtudes do Divino Coração de Jesus, isto é,



Arnaldo Janssen (1907)

pedimos humildade, caridade para com o próximo, mansidão, zelo, espírito de sacrifício, temperança, continência e pureza. Assim, a devoção de Junho constituía uma fervorosa petição para sermos transformados, mediante o Espírito Divino e segundo o modelo do Coração de Jesus, para podermos continuar eficazmente, no mundo, o envio do Verbo Encarnado.

Fiel a esta linha de pensamento, Arnaldo Janssen colocou-se muito conscientemente sob a direcção do Espírito Santo, para que Ele o tornasse capaz de cumprir as tarefas que Deus lhe designara. Em 3 de Outubro de 1887, precisamente na época das suas repetidas negociações em Viena para obter a autorização para fundar o seminário de São Gabriel, consagrou-se ao Espírito Santo, na igreja dos lazaristas, onde residia o P. Medits. A este respeito, escreve nos seus *Apontamentos* de 1906: “Consagrei-me ao Espírito Santo, em sacrifício total de corpo e alma (Viena, igreja dos lazaristas, Kaiserstrasse, segunda-feira, 3.10.87) e pedi-lhe a graça de reconhecer a grandeza do Seu amor e de viver e morrer unicamente para Ele. Que Ele me ajude a caminhar por esta vida, limpo de pecados, e a corresponder perfeitamente em tudo à santa vontade de Deus”³⁰⁷.

Nos dois decénios que se seguiram, marcados por uma fecunda e crescente actividade, o Fundador e Superior Geral viveu cada vez mais conscientemente sob a moção do Espírito Santo. Na *Oração dos Quartos de Hora* implorava sempre de novo: “Enviai-me do Pai o Espírito Santo. Concedei-me reconhecer claramente as Suas santas inspirações e segui-las com perseverança”. Ocupado com a sua correspondência, interrompia com frequência o ditado e orava ao Espírito Santo a fim de encontrar os termos adequados. Como já dissemos, celebrava anualmente, em São Gabriel, sete missas “em honra do Espírito Santo” por diversas intenções; a sétima missa “por mim mesmo, para impetrar sabedoria, caridade, mansidão e bondade... e a graça de não contristar jamais o Espírito Santo e de cumprir sempre fielmente a Sua santa vontade”. Gostava em especial de rezar, durante a jornada diária, os versos da sequência

de Pentecostes *Veni Sancte Spiritus* em que implorava luz e consolação, pureza e ardor nas coisas de Deus e todos os dons do Espírito, a fim de poder cumprir, o melhor possível, as suas obrigações. Sente-se quão conscientemente se deixou conduzir e santificar pelo Espírito Divino.

Quando, em 1908, o agravamento progressivo da diabetes lhe foi anunciando mais claramente a proximidade do fim da sua caminhada terrena, Arnaldo Janssen foi forçado a retirar-se para São Ruperto e St. Wendel para um descanso prolongado. Aí compôs uma espécie de *Cancioneiro de despedida desta vida terrena* em três partes. São versos singelos que nos interessam não pelo seu valor poético, mas por serem a expressão das ideias e sentimentos que então o moviam. O primeiro dos três *cantos*, “em honra do Pai Celestial”, tem sete estrofes de quatro versos. O segundo, “em honra do Santo Filho de Deus”, dez estrofes. O terceiro *canto* de despedida, “em honra do grande Pai do amor, o Espírito Santo”, é significativamente, o mais extenso com vinte e quatro estrofes. O que o movia a pensar no Espírito Santo, a quem se tinha consagrado de modo muito especial, está patente em quatro estrofes deste *canto*:

“No entardecer dos meus dias terrenos,
Venho a Ti, Espírito Santo,
A quem a minha alma bendiz,
Agradecer-Te de coração e louvar-Te.

Jamais poderei, Deus do amor formoso,
Suficiente louvor e gratidão tributar-Te.
O que tenho na terra, Tu mo deste.
Também Te agradeço de corpo e alma.

Por isso, Espírito do Amor eterno,
Te sejam dados amor e gratidão.
Perdoa o meu fraco amor.

Perdoa o pouco que por Ti tenho feito.
Contudo, ao chegar ao fim desta vida,
Concede-me, meu amadíssimo Consolador,
que chegue ao encontro contigo
E entre no Teu repouso”³⁰⁸.

Após o ataque de apoplexia, com a conseqüente paralisia que sofreu em 8 de Outubro de 1908, o Superior Geral, em seu leito de enfermo, permaneceu unido ao Espírito Santo em oração. O Ir. Alfredo Möller (1877-1942) informa a este respeito: “Sendo, então, enfermeiro, tive a oportunidade de observar o Bem-aventurado Arnaldo Janssen durante a sua última enfermidade. Não houve ocasião, enquanto estive com ele em que não estivesse rezando permanentemente a Deus Espírito Santo”³⁰⁹.

De modo semelhante, sabemos de outras fontes, que até aos seus últimos dias, como p. ex., em 12 de Janeiro, o enfermo rezava muitas vezes a sequênciã *Veni Sancte Spiritus*, repetindo várias vezes o verso: *Da perene gaudium (Dá-me o gozo eterno)*³¹⁰.

Foi o Espírito Santo, por cuja devoção se tinha esforçado com tanto fervor, que ele escolheu para guia e lhe deu força para cumprir a missão da sua vida. Podia, com razão e total confiança, esperar d’Ele o gozo eterno.

12. ARNALDO JANSSEN: UM MODELO PARA NÓS E PARA O NOSSO TEMPO

Em 15 de Janeiro de 1909, Arnaldo Janssen terminou a sua caminhada terrena. Tinha 71 anos e dois meses. Centenas de mensagens de condolências de altas personalidades chegaram à direcção geral da Congregação. E foram também muito numerosas as personalidades eclesiásticas e civis presentes nas exéquias do dia 19. Sobretudo, foram mais de 1000 os filhos e filhas espirituais que o acompanharam à sua última morada. E outros tantos nas outras casas e missões puseram luto pelo seu Fundador e Pai. Era evidente para todos que este homem, que, 33 anos antes, de todos incompreendido, tinha fundado a casa missionária, em precárias condições, se tornara uma personalidade importante.

Uma vida que nos serve de exemplo

Decerto todos os que, naquela ocasião, puderam contemplar a incrível transformação operada em Steyl, entre 1875 e 1909, se devem ter perguntado: Como pôde aquele Arnaldo Janssen criar uma obra desta envergadura e dirigi-la pessoalmente quase até ao fim da sua vida?...

A muitos, a obra de Steyl deve-os ter emocionado de modo semelhante ao que aconteceu a um senhor idoso de Steyl, por ocasião das bodas de ouro da Congregação, em 1925. O relato é do

Ir. Geminianus: “Por ocasião do cinquentenário de Steyl, em 1925, servi de guia a muitos visitantes. Numa tarde, coube-me atender uma família da Holanda: um casal, vários filhos adultos e um senhor idoso de mais de 70 anos. Este acompanhou-nos por toda a parte, sacudindo constantemente a cabeça. Deixava sem resposta todas as perguntas dos seus companheiros e apenas abanava a cabeça. Quando, finalmente, no cemitério, chegámos ao túmulo do nosso Fundador, após demorado silêncio, disse: “Agora, jazes aqui e descansas, tu, que, das áridas colinas arenosas de Steyl fizeste tudo isto. No entanto, quando começaste a tua obra, nós julgámos-te louco. Então, ajoelhou-se e rezou longamente em silêncio, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces”³¹¹.

Alguns que tinham conhecido bem o Fundador, já se referiam naquele tempo ao mistério do sucesso que o falecido tinha alcançado. Assim escreveu o P. Medits, vicentino, na sua carta de condolências dirigida ao administrador geral da Congregação, P. Nicolau Blum: “Poucos conheceram o venerando Superior Geral tão bem como eu. Éramos como irmãos um para o outro. Eu sei que cada fibra do seu coração, zeloso pela salvação das almas e compenetrado de uma fé viva de criança, pertenceu inteiramente à sua Congregação. E a morte não cortou esse laço”³¹².

O Bispo Bernardo Döbbing, OFM, de Nepi Sutri, que tinha recebido de Arnaldo Janssen muita ajuda para o desenvolvimento da sua diocese na Itália, expressou-se de modo semelhante em 16 de Janeiro de 1909: “Era preciso conhecer Arnaldo Janssen de perto para o poder julgar correctamente... Admirei sempre nele uma simplicidade de criança que tinha as suas raízes numa fé profunda e piedade autêntica. A intenção em todos os passos do P. Arnaldo Janssen era muito pura: considerava unicamente a causa de Deus e não o seu próprio interesse”³¹³.

Logo após o falecimento do Fundador, apareceram as suas primeiras biografias principalmente em revistas do Verbo Divino. Limitaram-se quase exclusivamente aos aspectos externos da sua

vida e obra³¹⁴. Só na primeira biografia de maior fôlego do P. Germano Fischer (1919), é que aparecem os resultados de uma investigação mais aturada da sua personalidade e do seu fecundo labor. Com o decorrer do tempo, o reconhecimento crescente das razões e profundas atitudes espirituais do Fundador como causa da grande expansão da sua obra esteve na base da resolução do VI capítulo geral de 1932 de iniciar o processo de beatificação de Arnaldo Janssen, cuja abertura teve lugar em Steyl em 1932 e culminou na solene beatificação em 19 de Outubro de 1975.

Ao beatificá-lo, a Igreja propõe aos fiéis Arnaldo Janssen como modelo de vida cristã. Diz, com efeito, a constituição do Concílio Vaticano II sobre a Liturgia: “Na comemoração da morte dos santos, a Igreja propõe o seu exemplo aos fiéis”³¹⁵. Com maior clareza ainda diz-nos a constituição conciliar sobre a Igreja *Lumen Gentium*: “Ao contemplar a vida dos que seguiram fielmente a Cristo, sentimo-nos animados, por novos motivos, a procurar a cidade futura. Ao mesmo tempo, é-nos apontado um caminho seguro que nos levará à santidade através dos revezes da vida terrena e pela união perfeita com Cristo, segundo o estado e condição de vida de cada um”³¹⁶.

Para os religiosos vale, além disso, o que pedem o Concílio e os documentos pós-conciliares: “que se renovem segundo o espírito e o carisma dos seus fundadores”. “Sejam, pois, fielmente conhecidos e observados o espírito e as intenções específicas dos fundadores, como também as sãs tradições”³¹⁷. O Papa Paulo VI, na sua exortação apostólica de 29/06/1971, anima os religiosos ao fervor “segundo o carisma dos vossos fundadores que Deus chamou na Sua Igreja” e, de acordo com as exigências do Concílio, exorta-os a “observar com fidelidade o espírito do fundador, as suas exortações e exemplos de santidade”³¹⁸.

Limitações de um homem do seu tempo

Qual será o espírito de Arnaldo Janssen segundo o qual ele deve ser modelo especialmente para os seus filhos e filhas espirituais?

Muitas vezes recorreu-se, injustificadamente, ao “espírito do Fundador” para fundamentar ou acentuar determinadas opiniões e exigências. Tal modo de proceder foi recusado, e com razão. O motivo é este: “o espírito do Fundador” não pode significar agir simplesmente como ele agiu ou presumivelmente agiria. Nem tudo o que ele fez foi acertado ou digno de admiração. Arnaldo Janssen foi, como todos os santos, um ser humano com limitações, fraquezas e também erros. Foi, como diz o texto conciliar já citado: ‘companheiro de infortúnio da nossa condição humana’ (L.G. 50). Além disso, foi um homem do seu tempo. Há aspectos no seu modo de viver, nas suas apreciações e práticas de piedade que correspondem à maneira de pensar e agir próprias da sua época e que, por isso mesmo, não têm validade nem significado universais. Devemos, por isso, estar dispostos a reconhecer em Arnaldo Janssen possíveis limitações, fraquezas e erros. Torna-se necessário discernir o que correspondeu ao tempo e espaço de então mas já não corresponde ao modo de pensar actual.

Sabemos, por exemplo, que Arnaldo Janssen era bastante meticoloso e, em certas coisas, exageradamente minucioso. Esta atitude chegou a exasperar várias pessoas. Outros consideraram-no teimoso, dado que não abandonava facilmente uma opinião formada. Isto provinha, na maioria dos casos, da sua convicção (assim o expressou várias vezes), de que agia conforme a reconhecida vontade de Deus, à qual se sentia vinculado. Mas também se podia tratar de uma infundada teimosia, segundo dizem, típica dos seus conterrâneos da Baixa Renânia. E se, às vezes, foi muito impetuoso, como qualquer ser humano na sua primeira reacção, não precisamos de aprovar esse agir, mas sim de o compreender. É muito mais decisivo o seu modo de reagir após calma reflexão. Do mesmo

modo, o grande rigor, vigente na ainda pequena comunidade da casa missionária, devido ao estilo e exigência do reitor, não era necessário nem bom. Entretanto, deve-se levar em conta que, depois de lhe terem feito ver a sua excessiva severidade e deficiente bondade e paternidade, aceitou esses reparos e esforçou-se honestamente por se corrigir e melhorar.

Particularmente nas suas práticas religiosas, Arnaldo Janssen foi bem um homem do seu tempo. Alguns aspectos, até dignos de admiração, não é necessário imitá-los. Por exemplo, o seu grande esforço e a recomendação para ganhar o maior número possível de indulgências em sufrágio dos falecidos. Ou a sua profunda veneração das relíquias, baseada no respeito pelos corpos dos santos, por terem sido templos do Espírito Santo. Compreende-se facilmente que a explicação da Sagrada Escritura e o modo de a aplicar na pregação e na ascese tinham que seguir os conhecimentos próprios da época.

Cabe aqui também recordar a atitude de Arnaldo Janssen em relação aos irmãos, chamados em geral *irmãos leigos*.

É um facto inegável que, para ele, os irmãos pertenciam a uma classe social diferente da dos sacerdotes. Isso correspondia ao modo de pensar reinante na sua época mesmo nas comunidades religiosas. Como consequência disso, praticaram-se determinadas discriminações muito “naturais” para aquele tempo. Hoje rejeitamo-las a partir de uma óptica, segundo a qual, os sacerdotes não devem reclamar quaisquer privilégios sociais, em discriminação dos irmãos, dentro do seu próprio instituto religioso. Um coisa porém, é certa: Arnaldo Janssen elevou de modo significativo a situação do irmão religioso em comparação com muitas outras comunidades e institutos religiosos. Para ele, os irmãos não representavam somente forças de trabalho insubstituíveis. Valorizou-os e proporcionou-lhes formação como profissionais da imprensa, agricultura e outras artes manuais, a que se juntaram, naturalmente, outras especializações.

Além disso, inicialmente, quis conferir aos irmãos, pelo menos o direito de voto activo, isto é, de participar na escolha ou indicação

dos superiores³¹⁹. Mas o P. Medits advertiu-o da impossibilidade dessa medida e avisou-o de que, com toda a certeza, não conseguiria que uma resolução nesse sentido, proposta pelo capítulo geral (1884-1886), fosse aprovada por Roma. Foram muito grandes a estima e o afecto paterno do Superior Geral para com os irmãos. A posição profissional que lhes concedeu e o respeito de que gozavam na comunidade foram alguns dos motivos principais para a entrada de grande número de irmãos na sua casa missionária. Durante décadas, com efeito, os missionários do Verbo Divino contaram com mais irmãos do que sacerdotes. Valeria também a pena compilar todas as exortações de Arnaldo Janssen em que estimulava os padres a tratarem os irmãos com afecto e compreensão.

Traços fundamentais de uma santidade exemplar

Sem pretender imitar o Bem-aventurado Arnaldo em tudo, sem negar ou calar as suas limitações e fraquezas, sem esquecer que foi homem do seu tempo, fica todavia de pé que Arnaldo Janssen é um impressionante modelo de santidade cristã, particularmente para homens e mulheres dedicados à causa religiosa-missionária.

Foi um homem de Deus, um homem de oração no melhor sentido da palavra. Com uma fé inquebrantável, viveu muito conscientemente a presença divina na sua vida de total compromisso com o Senhor. A sua fecunda vida de oração e piedade orientou--se inteiramente para Deus Uno e Trino, principalmente para o eterno Verbo de Deus Encarnado a quem gostava de honrar devotamente como Coração de Jesus, e para o Espírito Santo por quem se deixou conduzir e santificar. Simultaneamente, venerou, com amorosa solicitude, os “amigos de Deus”: os anjos e os santos, mas especialmente Maria, a Mãe de Deus e Imaculada Esposa do Espírito Santo”.

Foi um homem de acção consagrada a Deus no cumprimento

da sua missão de vida.

Procurava reconhecer a vontade divina nos acontecimentos do mundo, nas circunstâncias, necessidades e nas possibilidades que se lhe abriam.

A sua confiança em Deus fundava-se na vontade divina discernida e ligava-se com a entrega de todas as suas forças.

O seu compromisso com a missão da sua vida, assinalada pelo Senhor, impeliu-o para uma acção incansável, ensinou-lhe uma prudência e sabedoria insuspeitadas, deu-lhe coragem, fortaleza e constância.

Unido intimamente a Deus no dia-a-dia e comprometido no seu íntimo apenas com Ele, demonstrou uma rara integridade e autenticidade.

Consciente das suas limitações humanas, manteve-se humilde e imune a todo o acesso de vaidade perante os êxitos alcançados, que atribuía unicamente ao autor de todos os bens.

Animado de tais princípios e virtudes, conseguiu realizar obras de muito maior envergadura, do que seria razoável esperar apenas das suas capacidades e qualidades naturais.

Deveríamos tomá-lo por modelo não tanto nos traços isolados do seu agir, mas nos princípios e virtudes que determinaram a sua actividade e fundamentaram os seus êxitos. Foram, antes de mais, a fé, a piedade, a confiança em Deus, o zelo pela glória de Deus e a salvação dos homens, a prudência, a integridade e veracidade e a humildade e fortaleza.

Quem chega a conhecer mais profundamente a personalidade de Arnaldo Janssen, admira cada vez mais a acção da graça num ser humano concreto e o modo como este reconheceu a grandeza de Deus e se colocou, tal como era, totalmente à Sua disposição. Arnaldo Janssen, que experimentou este facto como graça e fonte de felicidade, exprimiu-o muito acertadamente aos 65 anos de idade, traçando assim, em poucas palavras, como que a trajectória da sua vida: “Feliz o homem a quem Deus abre os olhos do espírito para

reconhecer: tenho um Senhor superior a mim e a Ele devo servir! E acrescenta: A Ele eu quero servir! E orienta a sua vida de acordo com isso”³²⁰. Foi o que Arnaldo fez e nos ensina através do seu exemplo.

Na sua fundação, a Congregação do Verbo Divino, aponta-se, a partir do VIII capítulo geral, o *êxodo pascal* como elemento nuclear da sua espiritualidade. Isto corresponde à sua finalidade missionária, que é a de continuar o envio do Verbo Encarnado ao mundo. Deve-se, contudo, ter presente que este *êxodo* não abrange toda a sua espiritualidade, mas exprime sobretudo a dimensão horizontal da mesma. Esta brota da sua dimensão vertical, o culto de Deus Uno e Trino, e, em particular, do Verbo Divino. Comprometidos, de um modo especial, com o Verbo Divino enviado ao mundo, realizamos o nosso *êxodo* das maneiras mais diversas, saindo de nós mesmos e do nosso meio ambiente e indo ao encontro dos homens e mulheres carecidos de redenção, particularmente os pobres no seu mundo, a fim de lhes levar a Luz do Verbo e o Espírito da Graça para a sua salvação. Foi para isso que Deus chamou o Bem-aventurado Arnaldo Janssen. É para isso que Deus chama hoje, de modo especial, os membros das suas três congregações religiosas-missionárias: os Missionários do Verbo Divino, as Missionárias Servas do Espírito Santo e as Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua.

NOTAS

¹ Annaclleta SVD-68 – *Os escritos sobre Arnaldo Janssen e José Freinademetz*, Roma, 1990, pp. 13-26

² Hermann Fischer, *Arnaldo Janssen, Fundador da Obra Missionária de Steyl*, 1919, 493 pp

³ Fritz Bornemann, *Arnaldo Janssen, o Fundador da Obra Missionária de Steyl*, Roma, 1969 e Steyl, 1969, 532 pp

⁴ *Inquisitio historica quibusdam animaversionibus in Servi Dei (Arnoldi Janssen) vitam*, Romae, 1971, XXX, 508 pp

⁵ *Arnaldo Janssen, Grundzüge seines Werdens und Wickens*, Steyl, 1990, 24 pp. *Rasgos fundamentales de su vida y obra*, Ibid. 1992, 24 pp

⁶ *Künder des Wortes*, 1980/I e II. 1982 a 1992, 3 edições por ano

⁷ Josef Alt (editor), *Arnaldo Janssen, Cartas para América Latina* (Analecta SVD - 65): I, 1890-1899, Roma 1989, LX e 448 pp.; II, 1900-1902. Roma 1991, 531 pp.; III, 1903-1904, Roma 1992, 518 pp.; IV 1905-1908, Roma 1993

⁸ As cartas de P. Röser no Secretariado Arnaldo Janssen, Steyl

⁹ Carta 02.06.1903/AG Tr XXVI, p. 34

¹⁰ Documento “Lumen Gentium, nº 50

¹¹ Reinke /AG 3328 e 3329

¹² Nota do P. J. Koch 18.11.1902 /AG 1160

¹³ Fischer, p. 381

¹⁴ João Rzitka: *Arnold Janssen: “ein Mann der glaubte und wagte”*, München, 1969 e (abreviado) 1981. Udo Haltermann: *“Ein Glaubender geht seinen Weg”*, Nettetal, 1984, 83 pp

¹⁵ Crónica de Steyl IX (Agosto 1927), p. 48

¹⁶ Memórias, 19 e 16

¹⁷ Reinke /AG 3325

¹⁸ Memórias, 27

¹⁹ Idem, 28 e 24

²⁰ Fischer, p. 14

²¹ K. Rahner, *“Frömmigkeit früher und heute” (Religiosidade ontem e hoje)*, Theologie VII - Einsiedeln 1966, p. 19 ss

²² Reinke /AG 3324

- ²³ Fischer, p. 10
- ²⁴ Memórias, 18
- ²⁵ Reinke / AG 3324
- ²⁶ Memórias, 12
- ²⁷ Analecta 56, 23
- ²⁸ Hermann Fischer, *Tempel Gottes seid Ihr!*, Steyl, 1932, p. 26 e 27
- ²⁹ Verbum 82, pp. 55s (*Inquisitio historica*, p.240)
- ³⁰ Manual, p. 25
- ³¹ Bornemann, “*Der Pfarrer von Neuwerk*”, St. Augustin, 1967, 232 pp
- ³² Reinke / AG 3336
- ³³ Collegium practicum 2,114 / AG 50054, p. 114
- ³⁴ Sermão de 07.01.1906 / Analecta 31, 546
- ³⁵ Carta de 26.02.1903 / Analecta 65, III, 93
- ³⁶ Carta de 04.03.1903 / Analecta 65, III, 83
- ³⁷ Estatutos de 1876, 13 / Fontes 1, 32
- ³⁸ Carta de 23.06.1904 / Analecta 65, III, 351
- ³⁹ Carta de 13.01.1901 / Analecta 65, II, 143
- ⁴⁰ Collegium practicum (seg. Sandkamp) / “*Stadt Gottes*”, 1948/49, 109
- ⁴¹ Carta de 04.09.1895 / Analecta 65, I, 148
- ⁴² Carta de 22.05.1876 / Bornemann, *Arnaldo Janssen, o Fundador da Obra Missionária de Steyl*, p.102
- ⁴³ Auf der Heide, pp. 8s
- ⁴⁴ Memórias, 120
- ⁴⁵ Idem, 135
- ⁴⁶ Idem, 126
- ⁴⁷ Reinke / AG 3351
- ⁴⁸ Idem
- ⁴⁹ Bill, *Zur Gründung des dtsh. Missionshause* (AG 2943 ss.), p. 8
- ⁵⁰ Memórias, 175
- ⁵¹ Reinke / AG 3339
- ⁵² Carta de 23.07.1875 in Bill, *Korrespondenz n. 7* (AG 2943 ss.)
- ⁵³ Sankt Josephsblatt 1875, n. 15 (01.08) in Bornemann, *Ludwig von Essen*, pp.106 e 221
- ⁵⁴ Auf der Heide, p. 45 s
- ⁵⁵ Memórias, 150
- ⁵⁶ Fischer, p. 168, cf. p. 138-177
- ⁵⁷ Cartas de 28.02.1876; 28.4.76; 15.1.77 (AG 2819 ss, 2856 ss, 2871ss)
- ⁵⁸ Carta de 23.03.1876 / Fischer, p. 167
- ⁵⁹ Fischer, p. 395

- ⁶⁰ Idem, p. 456
- ⁶¹ Reinke / AG 3357
- ⁶² Carta 30.05.1890 / *Analecta* 65, I, 15
- ⁶³ Carta 13.08.1890 / *Analecta* 65, I, 24
- ⁶⁴ Carta 27.06.1903 / *Analecta* 65, III, 157
- ⁶⁵ *Collegium practicum* / “Stadt Gottes”, Steyl, 1948/49, 109
- ⁶⁶ Carta 02.09.1903 / *Analecta* 65, III, 196
- ⁶⁷ Carta 08.11.1897 / *Analecta* 65, I, 228
- ⁶⁸ Carta 30.10.1901 / AG 110233-237, n. 7
- ⁶⁹ Carta 23.03.1905 / *Analecta* 65, IV, n. 594
- ⁷⁰ Carta 25.02.1897 / *Analecta* 65, I, 203
- ⁷¹ Carta 24.04.1906 / AG 6056
- ⁷² Carta 25.03.1909, n. 4 (AG 1129) / *Memórias*, 338
- ⁷³ Carta 09.02.1909 (AG 1206) / Fischer, p. 392
- ⁷⁴ *Crônica de Steyl VII*, 5 (Outubro 1925) p. 148 / cf. *Memórias*, 121
- ⁷⁵ Carta 28.05.1901 / AG 28780
- ⁷⁶ Carta 13.08.1904 / *Analecta* 65, III, 373
- ⁷⁷ Um exemplo das suas viagens: *Analecta* 65, I, 253, obs. 3
- ⁷⁸ Carta 29.10.1891 / *Analecta* 65, I, 40 e 42
- ⁷⁹ Carta 22.04.1889 / AG Tr. XV (26950-28242) p. 30
- ⁸⁰ Carta 18.04.1899 / AG Tr XLII (26950 ss.)
- ⁸¹ Carta 23.05.1902 / AG 92 887-889
- ⁸² Carta 26.06.1889 / AG Tr XV (26958 ss.) p. 35
- ⁸³ Carta 13.09.1902 (AG 61628)
- ⁸⁴ *Ordner* (Testemunhos de padres, irmãos e irmãs que conheceram Arnaldo Janssen), P. Craghs
- ⁸⁵ *Ordner*, P. Heming
- ⁸⁶ Carta 08.10.1902 e 11.04.1903
- ⁸⁷ *Ordner*, P. Weig
- ⁸⁸ *Alocução* 01.11.1896 / *Analecta* 31, 586
- ⁸⁹ Carta 27.08.1906 / *Analecta* 44, 156
- ⁹⁰ *Memórias*, 951
- ⁹¹ *Reminiscências*, 1158
- ⁹² Idem
- ⁹³ Fischer, p. 177
- ⁹⁴ Carta 15.02.1902
- ⁹⁵ *Alocução* 23.01.1902 / *Analecta* 49 III
- ⁹⁶ *Alocução* 10 / 17.06.1890 / *Analecta* 49, 20
- ⁹⁷ Carta 09.07.1902 / *Analecta* 65, II, 385

- ⁹⁸ Carta 09.07.1902 / Fischer, p. 417
- ⁹⁹ Carta 04.11.1888 / AG Tr. XV, 24
- ¹⁰⁰ Carta 24.11.1906 / Verbum 60, 12
- ¹⁰¹ Carta 26.07.1894 / Verbum 59, 195
- ¹⁰² Carta 12.02.1898 / AG 29741
- ¹⁰³ Reminiscências, 817
- ¹⁰⁴ Carta 22.02.1900 / Analecta 65, I, LVI
- ¹⁰⁵ Alocução 22.06.1903 / Analecta 49, 130
- ¹⁰⁶ Carta 23.04.1905 / Analecta 65, IV, n. 601
- ¹⁰⁷ Fischer, p. 381
- ¹⁰⁸ Reminiscências, 459
- ¹⁰⁹ Idem, 855
- ¹¹⁰ Conferência 08.09.1925 / Analecta 63, II, 54 (Secretário de A. J.)
- ¹¹¹ Carta 25.09.1900 / Analecta 65, II, 106
- ¹¹² Carta 28.10.1898 / Analecta 65, I, 264
- ¹¹³ Reminiscências, 237
- ¹¹⁴ Fischer, p. 224 / Reinke, 3359
- ¹¹⁵ Idem
- ¹¹⁶ Carta 26.02.1897 / AG 110068
- ¹¹⁷ Ver Cartas 09.08.1904 e 22.11.1905 (Analecta 65, III, 365 e IV, 654)
- ¹¹⁸ Carta 15.10.1906 / AG 18309/18310
- ¹¹⁹ Conferências 9 e 12.10.1908 / Analecta 49, 50
- ¹²⁰ Memoriale M / AG 50034, pp. 96/97
- ¹²¹ Idem, p. 96
- ¹²² Bornemann, p. 94
- ¹²³ Reinke / AG 3336
- ¹²⁴ Cf. Fischer, p. 170, Obs. 2
- ¹²⁵ Bornemann, *L. von Essen*, p. 39 s.
- ¹²⁶ Fischer, p. 170, Obs. 2
- ¹²⁷ St. Augustin, 1967
- ¹²⁸ Carta 01.02.1909 a P. Kreiten / AG 1183
- ¹²⁹ Fischer, p. 399
- ¹³⁰ Reminiscências, 838
- ¹³¹ Id. 1162
- ¹³² *Persönliche Aufzeichnungen von 1906*, n. 30 / Analecta 55, 42
- ¹³³ P. ex., Carta 16.05.1903 a P. Hahn / AG 18828
- ¹³⁴ Carta 01.03.1901 a Ir. Josefa / Carta 26.02.1903 / Analecta 65, III, 85
- ¹³⁵ Carta 12.07.1886 ao bispo Anzer / AG Tr. XXIV, 24
- ¹³⁶ Carta de Dezembro 1907 / Nuntius I, 37

- ¹³⁷ Carta 15.03.1901 / AG Tr. XXIII, p. 9 (26950ss)
- ¹³⁸ Reminiscências, 206
- ¹³⁹ Analecta (Verbum Supplementum) 4, 30 ss
- ¹⁴⁰ Nuntius I, 493
- ¹⁴¹ Carta 24.01.1901 / AG 10184/185
- ¹⁴² Auf der Heide, *Mitteilungen*, 1926, n. 17 (AG 1111-1126)
- ¹⁴³ Carta 21.04.1907/ Analecta 44, 204
- ¹⁴⁴ Carta 23.10.1905/ AG 3065-3067, n. 13
- ¹⁴⁵ Carta 01.02.1909 ao P. Kreiten/ AG 1184
- ¹⁴⁶ Auf der Heide, *Mitteilungen*, 1926, n. 24 (AG 1111-1123)
- ¹⁴⁷ Auf der Heide, pp. 43-46
- ¹⁴⁸ Carta 28.05.1886 / AG Tr. XXIV (26950 ss.), p. 20
- ¹⁴⁹ Ordner, Br. Mauritius
- ¹⁵⁰ Ordner, P. Arand
- ¹⁵¹ Reminiscências, 1162
- ¹⁵² Ordner, Henninghaus
- ¹⁵³ Carta 01.02.1909 ao P. Kreiten / AG 1184
- ¹⁵⁴ Bornemann, p. 457; ver Reminiscências, 858
- ¹⁵⁵ Idem, 458
- ¹⁵⁶ Livro de Anotações “M” / AG 104
- ¹⁵⁷ Bornemann, p. 96
- ¹⁵⁸ Cf. Constituições 1885, SI, 13 (Fontes I, 99) idem Const. 1891 e 1898
- ¹⁵⁹ Carta 21.01.1904 / AG 41881 ss.
- ¹⁶⁰ Carta 05.12.1905 / AG 43598
- ¹⁶¹ K. Müller, *Geshichte der katholische Kirche in Togo*, pp. 176/77
- ¹⁶² Cf. Bornemann, p. 360-68
- ¹⁶³ Ver Analecta 63, II, 46
- ¹⁶⁴ Ver Decreto para execução de “Perfectae Caritatis”, 06.08.1966
- ¹⁶⁵ Ver, p. ex., Cartas 01.12.02 e 15.12.03 (Analecta 65, II, 444 e 456 s.)
- ¹⁶⁶ Carta 11.04.1901 / Analecta 65, II, 190
- ¹⁶⁷ Carta 14.04.1904 / Verbum 63, 8
- ¹⁶⁸ Carta 29.10.1901 / Analecta 65, II, 294
- ¹⁶⁹ Carta 04.08.1908 / Fischer, p. 418
- ¹⁷⁰ Collegium Practicum 2, 121 / AG 50054, p. 121
- ¹⁷¹ Carta 26.05.1905 / AG 63600
- ¹⁷² Carta 25.02.1903 / Analecta 65, I, 82
- ¹⁷⁴ Carta 13.12.1900/ Analecta 65, II, 136
- ¹⁷⁵ Bornemann, p. 408
- ¹⁷⁶ Cf. J. Kuhl, *A. Janssen - der Pionier*, 1976, 161 ss

- ¹⁷⁷ Reminiscências, 393
- ¹⁷⁸ Idem, 218
- ¹⁷⁹ Idem, 214
- ¹⁸⁰ NV (Nova et Vetera), 1960, 182-202; idem *Analecta* 63, II, 200-214
- ¹⁸¹ Idem 190, respectivamente 208 s.
- ¹⁸² Reminiscências, 1182
- ¹⁸³ Reminiscências, 20
- ¹⁸⁴ Carta 26.12.1863 / AG 30/31
- ¹⁸⁵ Aufstellungen und Artikel, Art 188 (p. 59)
- ¹⁸⁶ Reminiscências, 993
- ¹⁸⁷ Idem, 735
- ¹⁸⁸ Idem, 987
- ¹⁸⁹ Idem, 777
- ¹⁹⁰ Carta 09.03.1908 / AG 66647
- ¹⁹¹ Carta 19.09.1907 / AG 71402
- ¹⁹² Carta 03.04.1905 / *Analecta* 65, IV, 597
- ¹⁹³ Carta 24.01.1906 / *Analecta* 65, IV, 669
- ¹⁹⁴ Carta 29.10.1901 / *Analecta* 65, II, 296
- ¹⁹⁵ Reminiscências, 473
- ¹⁹⁶ Carta 05.12.1876 / AG 2624-2625
- ¹⁹⁷ Carta 05.03.1879 / AG 2620-2621
- ¹⁹⁸ *As Missões Católicas*, 1879, p. 175
- ¹⁹⁹ Carta 21.12.1898 / *Analecta* 65, I, 272
- ²⁰⁰ Cf. Bornemann, p. 268/69
- ²⁰¹ Bornemann, p. 417
- ²⁰² Idem, p. 414-415
- ²⁰³ Cf. Verbum 82, 43-64 e *Inquisitio historica*, pp. 229 e 238-246
- ²⁰⁴ K. Müller, *Geshichte der katholische Kirche in Togo*, p. 172
- ²⁰⁵ Idem, p. 180
- ²⁰⁶ Reminiscências, 347 (AG 1128)
- ²⁰⁷ *Im Leid mit Gott verbunden*, Steyl, 1989, 20 p.
- ²⁰⁸ Decreto em: *Analecta* 37, 80-82 (texto p. 81)
- ²⁰⁹ Decreto “Lamentabilis vox” de 10.07.1942 / *Nuntius* III, 303
- ²¹⁰ Cf. Fischer, p. 175s e *Testimoniando al Verbo* II / 1988, 9-12
- ²¹¹ Fischer, p. 150
- ²¹² Reinke (AG 3353) e Fischer, p. 149 s.
- ²¹³ Cf. Capítulos 4 e 7
- ²¹⁴ Cf. Bornemann, p. 138 ss; *Freinademetz*, p. 70 ss; *Analecta* 61, I, 6 ss e 145ss e Carta 12.05.1889 a João Janssen (AG Tr. XV, p. 31)
- ²¹⁵ Fischer, p. 393

- ²¹⁶ Auf der Heide, *Mitteilungen*, 1926 / AG 1111-1130, n. 2 (1114)
- ²¹⁷ AG 1175
- ²¹⁸ Büttgens, *Carta ao P. Kreiten*, de 01.02.09 (AG 1183-1186)
- ²¹⁹ Cf. AG 1111-1130 (n. 2: 1114-1115). Acerca da “Correctio” do P. Gier, de 15.6.1901, cf. Fischer, p. 392ss; Bornemann, p. 422ss; Memórias 1467; Bornemann, *P. Gier* (Analecta 60, 91 ss.)
- ²²⁰ Carta 27.09.1891 / Analecta 65, I, 39
- ²²¹ Carta 18.08.1903 / AG 64897, n. 7
- ²²² Carta 23.10.1905 / AG 30, 365-367, n. 14
- ²²³ Carta 08.03.1902 / Fischer, p. 396
- ²²⁴ Cf. 07.12.1902 / Fischer, p. 394
- ²²⁵ Carta 05.06.1904 / Analecta 65, II, 342
- ²²⁶ Cf. 08.01.1902 / Analecta 31, 493
- ²²⁷ Ano de 1902 às Irmãs
- ²²⁸ Carta 28.11.1904 / AG 63950
- ²²⁹ *Kleiner Herz-Jesu-Bote*, 1874, 39 / Fischer, *Tempel Gottes...*, p. 215
- ²³⁰ P. ex., Carta 25.03.1900 / Analecta 65, II, 57
- ²³¹ Carta 04.10.1904 / Verbum 59, 9
- ²³² Carta 07.02.1894 / Analecta 65, I, 82
- ²³³ Conferência de 07.03.1886 / Analecta 31, 567
- ²³⁴ Carta 06.05.1901 / AG 64356/57
- ²³⁵ *Persönliche Aufzeichnungen von 1906*, n. 30 / Analecta 55, 42
- ²³⁶ Nova et Vetera, 1960, 210 / Analecta 63, II, 55
- ²³⁷ Analecta 31, 605
- ²³⁸ Analecta 4, 30-33; também carta de 11.05.87 ao P. Medits (AG 31169)
- ²³⁷ Analecta 4, 32
- ²⁴⁰ “Memoriale M” / AG 50034, p. 14s
- ²⁴¹ Analecta 31, 610s
- ²⁴² *Inquisitio historica*, p. XV e A.J. - *Grundzüge*, p. 14s
- ²⁴³ Ordner, Albert Völlmecke
- ²⁴⁴ Carta 23.07.1904 / Verbum 59, 5s
- ²⁴⁵ Carta 17.05.1906 / AG 21779/780
- ²⁴⁶ Carta 16.05.1903 / Verbum 59, 5s
- ²⁴⁷ Carta 05.06.1904 / Analecta 65, III, 34ss
- ²⁴⁸ Carta 24.02.1902 / Analecta 65, II, 336ss
- ²⁴⁹ Nova et Vetera, 1960, 211 / Analecta 63, II, 56
- ²⁵⁰ Segundo H. Krins / Verbum 64, 189
- ²⁵¹ Nova et Vetera, 1960, 211 / Analecta 63, II, 56
- ²⁵² Ver Memórias, 506

- 253 Ordner, Ir. Coelestin
- 254 Ordner, P. Rademacher
- 255 Memórias, 384
- 256 Ver 03.07.97s. Irmãs da Clausura / AG 50198
- 257 Carta 06.03.96 / *Analecta* 65, I, 163
- 258 Ver 05.11.1937 / *Verbum* 63, 337 e *Analecta* 63, II, 72
- 259 Memórias, 762 (AG 96005, p. 75)
- 260 Cf. cartas 23.02.05; 17.03.05; 28.06.05 / *Analecta* 65, IV, 580, 593, 617
- 261 Memórias, 361-364
- 262 Carta 17.05.04 / AG Tr. XXX, 1 e 18365
- 263 Memórias, 251
- 264 Ordner, Zielinski
- 265 Ordner, Ir. Lanfrancus
- 266 Carta 13.05.1903 / Fischer, p. 176 / *Testimoniando al Verbo* II, 1988, 9-12
- 267 *Verbum* 63, 110-128
- 268 Ver 08.09.1925 / *Nova et Vetera* 1960, 205 e *Analecta* 63, II, 49
- 269 Idem, *Nova et Vetera* 1960, 213 e *Analecta* 63 II, 58
- 270 *Livrinho de Admissão*, p. 10ss.; *Manualzinho*, p. 7
- 271 Albert Rohner, *Orações* / *Analecta* 56, 44ss
- 272 Ver *Analecta* 38, 68-69
- 273 Cf. *Vademecum SVD*, 1962, p. 76
- 274 P. ex., Memórias, 892 / Ordner, P. Hermans; Ordner, Ir. Ludgero
- 275 Anotações Medits n. 1 / AG 1128 e Memórias, 919.
- 276 *Vademecum*, 1912, p. 14s. / ver *Vademecum*, 1899, p. 30s
- 277 Carta 10.02.81 / AG Tr. XV, p. 2
- 278 Carta 15.07.05 / AG Tr. XVI, p. 74
- 279 Fischer, p. 385
- 280 Memórias, 367 / AG 96005
- 281 “Memoriale M” / AG 50034
- 282 Ver 05.11.1937 / *Verbum* 63, 329 e *Analecta* 63, II, 63
- 283 Acerca do termo “Espiritualidade”, ver *Sacramentum Mundi*, IV. Freiburg 1969, p. 674ss; *Der Grosse Brockhaus*, Vol. 17, Wiesbaden, 1973, p. 748; Beinert, *Lexikon der kath. Dogmatik*, Freiburg, 1987, p. 476; Ch. Schütz, *Prackt. Lexikon der Spiritualität*, Freiburg, 1988, p. 1172
- 284 Hermann Fischer, *Tempel Gottes seid Ihr!*, 1932, p. 11
- 285 P. McHugh, *Die Spiritualität der Ges. d. Wortes*, Roma, 1980, p. 6
- 286 P. Sessolo, *La Spiritualità del B. A. Janssen*, Roma, 1186, p. 17
- 287 *Verbum* 86, 104 e *Analecta* 63, II, 185
- 288 Constituições SVD, 1891, I, 4 (Fontes I, 198s.) e Constituições da

Congregação das Servas do Espírito Santo, 1892, 4-6

²⁸⁹ Cf. Kraus em *Analecta* 51, 106-118

²⁹⁰ Ver 26.05.1902 / *Analecta* 49, 53-56

²⁹¹ Anotações 1906, 60 e 61 / *Analecta* 55, 75 e 76

²⁹² Correspondência da Congregação 3/1989, p. 264

²⁹³ Constituições 1891, I, 4 / *Fontes* I, 198s

²⁹⁴ *Idem* I, 7 / *Fontes* I, 201

²⁹⁵ Constituições 1983, n. 405

²⁹⁶ *Kleiner Herz-Jesu-Bote*, Maio 1875, 39

²⁹⁷ *Statuten* 1876, n. 1 / *Fontes* I, 25

²⁹⁸ Constituições 1891, I, 1 / *Fontes* I, 197

²⁹⁹ *Idem* I, 5 / *Fontes* I, 199

³⁰⁰ Constituições 1983, Roma, 1983

³⁰¹ Ver Bornemann, *Meditis - Leitner* (*Analecta* / *Verb. Suppl.* 4) p. 43ss

³⁰² Carta 09.06.1883 / *Analecta* 56, 45-46

³⁰³ Rohner, em *Nova et Vetera* 1974, p. 101-115

³⁰⁴ *Kleiner Herz-Jesu-Bote*, 1874, 43

³⁰⁵ *Lc* 4, 18 / cf. *Is* 61, 1s.

³⁰⁶ *Vademecum* 1887, p. 47; cf. *Vademecum* 1962, p. 232

³⁰⁷ Anotações, 1906, 11 / *Analecta* 55, 26

³⁰⁸ *Poesias A. Janssen* (Secretariado A. J., Steyl), p. 311ss. (14.7.1908)

³⁰⁹ *Analecta* / *Verbum Suppl.* 10, 76

³¹⁰ *Idem*, p. 25, 56 e 65

³¹¹ *Memórias*, 1175

³¹² *Idem*, 1133 / *Nuntius* I, 55

³¹³ *Idem*, 1119 / *Nuntius* I, 44

³¹⁴ J. Kreiten, “Stadt Gottes” de 1909 e 1910; “Steyler Missionsbote” 1909; “St. Michaelkalender” 1910, 1911 e 1912. Também F. Schwager, *Arnold Janssen*, *Frankfurter Broschüren* XXX, 1/2, 1910, 52 pág.

³¹⁵ Const. “Sacrosanctum Concilium”, n. 104

³¹⁶ Const. “Lumen Gentium”, n. 50

³¹⁷ Decreto “Perfectae Caritatis”, n. 2b

³¹⁸ Paulo VI, “Evangelica Testificatio”, n. 11 / *Nuntius* IX, p. 221 (latim)

³¹⁹ Ver Bornemann, *Meditis - Leitner* (*Analecta* / *Verb. Suppl.* 4) p. 17

³²⁰ Ver 13.09.1905 / *Analecta* 31, 711

ÍNDICE DAS PESSOAS

Adames, Bispo Nicolau, do Luxemburgo (1813-1887)

Agnus, Ir. Fr. Miebach (1878-1945)

Alfredo, Br. Carlos Möller (1877-1942)

Alt, Pe. José (1929-)

Anzer, Bispo João Baptista (1851-1903)

Arand, Pe. Augusto (1868-1955)

Arnoldsweiler, Arnaldo von (séc. XIV)

Backhuis, Pároco Agostinho (1833-1877)

Baur, Pe. Nicolau (1866-1920)

Becher, Pe. Henrique (1857-1916)

Beinert, Prof. Dr. Wolfgang (1933-)

Bill, Pároco Pedro (1833-1911)

Blum, Pe. Nicolau, Superior Geral (1857-1919)

Bodems, P. João (1867-1927)

Bornemann, P. Frederico (1905-1999)

Breidenbach, Pe. Jorge Adolfo (1858-1902)

Briers, João (SVD) (1854-1924)

Brinkmann, Bispo João Bernardo (1813-1889)

Bücking, Pe. Germano (1863-1931)

Bund SS.CC., Pe. Tiago (1868-1913)

Büttgens, Pe. José (1879-1959)

Christophorus, Ir. João Knaup (1853-1927)

Coelestinus, Ir. Jorge Bergmann (1874-1944)

Colling, Pe. Miguel (1864- 1933)

Conzemius, Prof. Dr. Victor, Historiador (1929-)

Craghs, Pe. Guilherme (1866-1935)

Cyriacus, Ir. Teodoro Lobek (1873-1947)

Dasbach, Jorge-Frederico, Capelão e Político (1846-1907)

Degenhardt, Pe. Carlos (1865-1943)

Dier, Pe. Matias (1859-1924)
Döbbing OFM, Bispo Bernardo (1855-1916)
Dold, Pe. Francisco (1865-1944)
Drehmanns, Bispo José Huberto (1843-1913)

Eikenbrock, Pe. Bernardo (1854-1901)
Erlemann, Pe. Henrique (1852-1917)
von Essen, Dr. Luís, Pároco (1830-1886)

Fischer, P. Germano (1867-1945)
Francisco José I, Imperador (1830-1916, Imperador desde 1848)
Francisco Xavier S.J. Santo (1506-1552)
Freinademetz, Pe. José, Bem-aventurado (1852-1908)
Friedrich, Pe. Carlos (1874-1958)
Fröwis, Pe. Jorge (1865-1934)
Fugmann, Augusto, Capelão (1834-1920)

Geminianus, Ir. J. H. Berke (1882-1966)
Gentianus, Ir. W. van Meegen (1875-1962)
Gier, Pe. Guilherme (1867-1951, Superior Geral 1920-1932)
Goffiné, O. Praem, Pe. Leonardo (1648-1719), Autor da *Hauspostille*
Gotti, Cardeal Jerónimo Maria (1834-1916)
Gudula, Ir. Elisabete Reusch, Irmãs da Divina Providência (1858-1947)

Hahn, Pe. Henrique (1873-1947)
Haltermann Udo, Escritor (1940-)
Hardes, José (1850-1983)
auf der Heide, Pe. Germano (1865 -1930)
Heine, Ir. Maria Renata SSpS (1944-)
Heming, Pe. Geraldo (1864-1943)
Hemmerle, Bispo Nicolau (1920-)
Hengesch, Prof. Domingos (1844-1895)
Henninghaus, Bispo Agostinho (1862-1939)
Hermans, Pe. Geraldo (1880-1932)
Hilger, Pe. António (1879-1949)
Holhausen, Pe. João (1853-1906)
Hüls, Prof. Dr. Pedro (1850-1918)

Inácio de Loyola, Santo (1491-1556)

Janssen, Geraldo, Pai de Arnaldo Janssen (1801-1870)
Janssen, Pe. João, irmão de Arnaldo Janssen (1853-1898)
Jeiler OFM, P. Inácio (1823-1904)
Josephina SSpS, Ir. Maria H. Stenmanns (1852-1903)
Juniperus OMCap, Ir. Guilherme Janssen, irmão de Arnaldo Janssen (1841-1914)

Kassiepe OMI, Pe. Maximiliano (1867-1948)
Koch, Pe. Tiago (1875-1949)
Kolbe, Dr. Ernesto Kopp, Cardeal Jorge (1837-1914)
Köster, Pe. Luís (1871-1955)
Kraus, Pe. João (1898-1980)
Kreiten, João (SVD) (1877- ?)
Krins, Pe. Huberto (1887-1966)
Kronemeyer, Pe. João (1870-1953)
Kugelmeyer, Pároco Augusto (Ir. Estanislau) (1862-1951)
Kuiter, Pe. Luís (1879-1934)
Kuhl, Pe. José (1928-2001)

Lanfrancus, Ir. Maximiliano Reuther (1878-1954)
Ledóchowski, Cardeal Mieczyslaw von (1822-1902)
Leitner, Madalena (1845-1911)
Leão XIII (1810-1903/ Papa desde 1879)
Leopold II, Rei da Bélgica (1835-1909, rei desde 1865)
Limbrock, Pe. Eberardo (1859-1931)
Löcken, Pe. Germano (1857-1937)
Ludemann, Pe. Eduardo (1876-1956)
Ludgerus, Ir. Henrique Möllemeier (1870-1949)
Lux, Pe. António (1874-1959)

Martinus, Ir. José H. Jürgens (1855-1942)
Maul, Pe. António (1864-1948)
Mauritius, Ir. F. Schetter (1863-1935)
McHugh, Pe. Pedro (1940-)
Meditis, Pe. Fernando CM (1841-1915)
Melchers, Cardeal Paulo (1813-1895)
Meurin SJ, Arcebispo João Gabriel Leo (1825-1895)
Montel, Monsenhor João Edler de (1831-1910)
Müller, Pe. Carlos (1918-2001)
Müller, Pe. Francisco (1868-1947)

- Müller, Bispo João Jorge (1798-1870)
Neuenhofen, Pe. Henrique (1863-1939)
- Pacelli Eugénio, Nuncio (1876-1958, Papa Pio XII desde 1939)
Paredis, Bispo João Agostinho (1795-1886)
Paulo VI, Papa (1897-1978, Papa desde 1963)
Peil, Pe. João Baptista (1856-1936)
Penners, Pe. José (1876-1963)
Perger Clemente, Professor (1816-1910)
Prúlf SJ, Pe. Oto (1856-1946)
Pieper, Pe. Rudolfo (1861-1909)
Pierlo, Pe. Ernesto Irmão do Pe. Auf der Heide (1871-1933)
Pio IX, Papa (1792-1878, Papa desde 1846)
Pöpping, Pe. Henrique (1871-1946)
Porten, Pe. Guilherme (1876-1949)
- Rademacher, Pe. Frederico (1878-1950)
Rahner SJ, Pe. Carlos (1904-1984)
Raimondi, Bispo Timoleone (1827-1894)
Ramière SJ, Pe. Henrique Maria Félix (1821-1884)
Reichart, Pároco Francisco Xavier (1851-1920)
Reidick, Pe. João (1863-1920)
Reinke, Pe. José (1858-1901)
Ricken, Pe. Guilherme (1872-1946)
Riedel, Pe. Eustáquio (1880-1955/ Noviço 1901-02)
Rivinius, Pe. Carlos José (1936-)
Rohner, Pe. Alberto (1899-1902)
Röser, Pe. Pedro (1862-1944)
Rzitka, Pe. João (1922-1992)
- Sandkamp, Pe. Germano (1880-1953)
Satolli, Cardeal Francisco (1839-1910)
Scheeben, Dr. Matias (1835-1888)
Schmidt, Pe. Guilherme (1868-1954)
Schmitz, Bispo auxiliar Germano José (1841-1899)
Scholl, Pe. Miguel (1858-1911)
Schoppelrey, Bispo Germano (1876-1940)
Schütz OSB, Pe. Cristiano (1938-)
Schwager, Pe. Frederico (1876-1929)

Sessolo, Pe. Pedro (1929-)
Skolaster SAC, Pe. Germano (1877-1968)
Söger, Pe. Conrad (1875-1955)
Spreti, Pe. Adolfo (1907-1994)
Steinhuber S.J. Cardeal André (1825-1907)
Stolte, Pe. Henrique (1881-1961)

Tomás de Aquino, Santo (1225/26-1272)
Tollinger, Pe. Francisco (1867-1963)

Väth SJ, Pe. Afonso (1874-1937)
Vicente de Paulo, Santo (1581-1660)
Völlmecke, Pe. Alberto (1878-1958)
Vormann, Pe. Francisco (1868-1929)

Weber, Pe. José (1860-1933)
Wegener, Pe. Germano (1850-1920)
Weig, Pe. Carlos (1876-1939)
Wellesen, Ana Catarina, mãe de Arnaldo Janssen (1809-1891)
Willeke, Ir. Isilda, SSpS (1928-)
Willems, Pe. Matias (1865-1946)
Wittmann, Bispo Jorge Miguel (1760-1833)
Wortel, Pe. Henrique (1863-1926)
Wüllenweber Teresa, von (Ir. Maria dos Apóstolos) (1833-1907)
Zielinski, Pe. João (1878-1947)

ÍNDICE

<i>Actualidade de Arnaldo Janssen</i>	7
---	---

I

Uma vida para Deus

1. Uma personalidade marcante	13
2. Reverência diante de Deus: herança da casa paterna	21
3. A decisão: Deus quer que eu funde um seminário das missões	31
4. Homem confiante em Deus e trabalhador incansável	44
5. Consciência da missão e responsabilidade do Superior Geral....	55
6. Humildade de Arnaldo Janssen	63
7. Prudência e sabedoria na acção	75
8. Veracidade e franqueza corajosa	86
9. Fortaleza e paciência no sofrimento	95
10. Pai dos seus: esforço para ser amável	104

II

Espiritualidade de Arnaldo Janssen

11. Entregue ao Senhor e conduzido pelo Seu Espírito	123
12. Arnaldo Janssen: um modelo para nós e para o nosso tempo ..	146
<i>Notas</i>	155
<i>Índice das Pessoas</i>	165

ARNALDO JANSSEN – CATIVEIRO E ENVIADO PELO ESPÍRITO
FOI PAGINADO NA EDITORIAL A. O. – BRAGA
E IMPRESSO NA LITOGRAFIA A. C. – BRAGA
PARA A MESMA EDITORIAL A. O.
E PARA A PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO
NO MÊS DE ABRIL DO ANO JUBILAR 2000